



PUC RIO

Marilda Bentes Pessoa

A MORTE DE IMORTAIS

Espectáculo de Mitificação e Consumo
Um estudo das representações da morte na mídia contemporânea
para uma contribuição ao estudo do imaginário social brasileiro

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Janeiro de 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / P475m YTESE UC

Título: A morte de imortais



Ex: 1-CENTRAL

1698

Marilda Bentes Pessoa



A MORTE DE IMORTAIS

Espetáculo de Mitificação e Consumo

**Um estudo das representações da morte na mídia contemporânea para uma
contribuição ao estudo do imaginário social brasileiro**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Monique Augras

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Janeiro de 1996

UC66407-1



150
P475 m
TESE UC

AGRADECIMENTOS

Muitos são aqueles que, de várias formas, direta ou indiretamente, colaboraram na elaboração deste trabalho; pessoas sem cujo amor e amizade, bem como sabedoria e dúvidas, sem contar o apoio moral e braçal, nada disto teria sido possível. Poder ter compartilhado esta importante trajetória não a abreviou, pois esta se fez de muitas construções, desconstruções e novas construções, mas certamente a tornou menos solitária.

À Monique Augras, de quem tive o privilégio de ser orientanda e cuja dedicação e incentivo foram fundamentais.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação e ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ, pelo companheirismo.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro que tornou possível minha dedicação exclusiva à pesquisa aqui empreendida.

À Anelize Araújo, incentivadora desde antes do início deste percurso.

À Fátima Frangeli, cuja escuta cuidadosa suavizou as angústias das escolhas por fazer.

À Mônica Caldas e Luiz Eduardo do Valle, fiéis escudeiros, que me auxiliaram em parte da coleta dos dados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
PRIMEIRA PARTE : REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
A Morte tem história?.....	4
Antropotanatologia: uma apresentação de atitudes do homem diante da morte.....	9
A Morte e a festa no Brasil.....	28
SEGUNDA PARTE: O IMAGINÁRIO E A MORTE	
O cadáver, o imaginário e a morte.....	39
Linguagem: condição de visibilidade do imaginário.....	43
O imaginário: verdade da possibilidade criadora de ilusões.....	46
TERCEIRA PARTE: ESTÉTICA DO OLHAR - MITO E CONSUMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Voyeurismo moderno: o ver como sinônimo do ser.....	49
Consumo de imagens: assunto para vivos.....	52
A morte para os olhos e o espetáculo barroco.....	57
QUARTA PARTE: A MORTE DE AYRTON SENNA PUBLICADA	
Análise dos resultados.....	60
QUINTA PARTE: A MORTE DE IMORTAIS	
Como se faz um imortal.....	87
Morte morrida ou morte matada.....	95
O esporte e o jogo da morte - brincando de herói.....	98
Considerações Finais: Imortais que se fazem ao morrer.....	101
Referências Bibliográficas.....	103
Sinopse.....	108
APÊNDICE	
Metodologia.....	109
Coleta e Tratamento de Dados.....	112

Para Getúlio e Daisy, meus pais, por me ensinar a amar e *without whom not*.

Para Luiz Eduardo, meu marido, amado companheiro, um guerreiro ao meu lado.

Para meus irmãos Xizé, Sandra e David pelas vitórias a serem compartilhadas.

Para Hilda, minha avó, e Darcy, minha tia, pelo terno carinho de segundas mães.

Onde há sepulturas é que há ressurreições!
Assim falava Zaratustra.
Nietzsche, s/d, 102

RESUMO

Este trabalho é um estudo das representações da morte na mídia contemporânea, que visou observar e tecer considerações acerca do imaginário social brasileiro, expresso na vasta publicação a respeito da morte do piloto de Fórmula-1, Ayrton Senna, aclamado “herói nacional”, em 01/05/94. A morte de Senna se configurou como um fenômeno de mitificação e consumo. Foram analisados os textos de manchetes, títulos e chamadas de fotos, o texto de anúncios pagos relacionados ao ocorrido, bem como as citações acerca de Senna e as do próprio; analisarm-se ainda o tempo de permanência da notícia nos jornais e as distribuições espaciais entre imagem, manchete e texto. O estudo visou analisar a construção social de um “imortal” em nossa sociedade e o destaque dado ao olhar/mostrar na narrativa jornalística. A produção e o consumo de imagens se apresenta como o traço unificante das sociedades contemporâneas ocidentais, que têm na *mass media* o seu ponto propulsor e gerador dos novos mitos contemporâneos, profanizados porque provisórios, advindos da cultura do espetáculo e do consumo de imagens. O imaginário social brasileiro é marcado por uma forma de manifestação barroca, baseando-se em uma “estética do olhar” e recheada de aspectos lúdicos, manifestado com especial relevância nas celebrações mortuárias. O fenômeno de mitificação de heróis mortos no Brasil se constitui numa forma de nossa cultura, pelo imaginário social, conciliar o inconciliável, conciliar a vida e a morte, a miséria com a pompa grandiosa, o herói com o reles mortal, e da forma contemporânea, que para nós é a do dar a ver majestoso e grotesco, expresso na carnavalização das celebrações dos grandes mortos de modo a consagrá-los imortais.

ABSTRACT

This paper is a study of the representations of death in the contemporary media. Its aim is a study of the Brazilian social imaginary as it is evidenced in the vast publications related to the death of the Formula 1 pilot Ayrton Senna on May 1, 1994, time when he was celebrated as "national hero". The death of Senna constituted itself as a phenomenon of mitification and mass consumption. The text of the headlines, titles and the photo headings, the text of paid advertisements, as well as the quotations of people about Senna and his own were analysed. The duration of the news on the papers front page and the space distribution among image headline and text were also analysed. The study's objectives were to analyse the social construction of an 'imortal' in the Brazilian society and also the emphasis given to the view/show pair in the journalistic narrative. The production and consumption of images appears as the unifying factor of occidental contemporary societies which find in the mass media a base for the generating and reproducing of the new contemporary myths. These myths are nowadays desacralized for in our societies they are provisory and constantly shed out by our spectacle and image consuming culture. The Brazilian social imaginary is marked by a baroque form of manifesting itself, being based on an "aesthetics of the looking" and filled with ludic aspects, appearing with special emphasis through the mortuary celebrations. The phenomenon of mitification of dead heroes in Brazil constitutes itself as a form of the Brazilian culture, through its social imaginary, conciliate the unconciliable, conciliate life and death, extreme poverty with grandiose pomps, the hero with the mere mortal. This is done in the contemporary way, which is in the Brazilian society, the way of the majestic and grotesque visual festivities through which the celebration of the great dead takes place so as to transform them in imortals.

Introdução

A Imagem do herói, ídolo, santo, mártir, deus ou rei ocupa um espaço importante na mitologia do cotidiano moderno em nossa sociedade. As comoções populares que de tempos em tempos reúnem milhares, e até milhões, em torno de um túmulo, cujo morto é aclamado e consagrado com um *status* de imortal, já nos são bastante conhecidas: assim foi na morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek, na morte das cantoras Clara Nunes e Elis Regina, também na do cineasta Glauber Rocha, do ex-jogador Garrincha, do ator Jardel Filho, do ex-policial Mariel Mariscot (ver Rodrigues, 1991), do ex-presidente Tancredo Neves e, mais recentemente, também na morte do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna; este último, nosso objeto de pesquisa e em cujo material publicado, a respeito das comoções que sua morte gerou em nossa sociedade, buscaremos subsídios para refletir.

Temos, assim, no Brasil, os imortais que se fazem ao morrer, celebrados em um rito mortuário coletivo, presentificando o processo de mitificação que é divulgado e orquestrado pelos meios de comunicação. O imaginário é a fonte propulsora de mitos, processos simbólicos de significação, que vêm à tona sempre que precisamos compreender coisas antinômicas. O mito é feito ao mesmo tempo de sagrado e de profano, de sonho e de realidade, de vida e de morte; ele surge na medida em que tentamos conciliar tais pares antinômicos. A morte é a fonte primordial do imaginário, alteridade radical que nos impele a um diálogo entre quem somos, nossa identidade, nosso eu, e este não-ser que em nós habita. O imaginário do qual nos ocuparemos é o postulado por Cornélius Castoriadis, ao mesmo tempo individual e coletivo, por ele denominado de imaginário social.

A festividade mortuária grandiosamente pomposa, marcada por aspectos barrocos - visuais, lúdicos e sedutores - se constitui como uma forma privilegiada para se analisarem as manifestações do imaginário social, que é expresso e registrado nas representações publicadas pela mídia no processo de divulgação da morte, investigação das culpas, aclamação de um herói, vítima de uma morte sacrificial e grandiosa celebração, seguido de ritual de culto e romaria aos locais de morte e sepultamento.

Nossa pesquisa com o material publicado a propósito da morte de Senna foi orientada inicialmente por um estudo exploratório, desenvolvido ainda na fase de

elaboração do projeto de pesquisa. Realizamos um estudo preliminar com a publicação a respeito da morte do jogador de futebol Dener, aclamado pela mídia 'ídolo', 'herói', e 'pequeno deus', ocorrido uma semana antes da morte de Ayrton Senna. Tal estudo nos permitiu especificar nossas questões de pesquisa aqui desenvolvidas.

Ainda em nossa fase preliminar, tivemos a oportunidade de analisar dois exemplares da literatura de cordel pernambucana - obtidas pela gentileza da colega Clarice Rios. O cordel se afigura como um jornalismo popular, marcado pela tradição da oralidade, por ser transmitido por canto, sendo expresso na forma de versos e rimas. Os versos publicados nos dão uma boa noção da penetração da televisão em todos os recantos e meios populares em nosso país. Temos a história narrada por rimas e algumas expressões regionais - com direito a erros crassos de português - onde transparece, no entanto, a semelhança com o jornalismo dos grandes meios de comunicação, de onde, claramente se observa, foram extraídos os dados cantados. O cordel se une ao coral de vozes que, no fenômeno Ayrton Senna, compõem a função jornalística como canto para o povo e também como reverberação do canto popular. Um dos livretos foi escrito em 11/05/94 por Gonzaga de Garanhuns e tem por título *A Morte de Ayrton Senna: Herói da Fórmula 1*. O autor narra detalhadamente o choro - no superlativo - mundial, a história da vida profissional do piloto como "Rei da Fórmula 1" e pontua "A glória altaneira / O mundo lhe entregou / Como o maior desportista / Do esporte que ele amou". São cantados também os prenúncios dos acidentes com Barrichelo - dois dias antes - e Ratzenberger - no dia anterior à morte de Senna, sendo a morte marcada como "capricho do destino" e o acidente, detalhado e relacionado à ganância dos dirigentes da F-1. Garanhuns narra ainda a chegada do corpo e as exéquias com honrarias de Chefe de Estado, fechando sua "oração" com a referência ao "Nosso Herói Ayrton Senna". Temos neste cordel oito propagandas de estabelecimentos comerciais que prestam homenagem a Senna como "rei das pistas", "astro", "mártir", "líder", "recordista de *pole positions*", "fenômeno" e "herói". O segundo livreto de Olegário Fernandes é mais simples e sem patrocínio. Ambos têm na capa foto de Senna em *close*, vestido com macacão e boné de patrocinador. Fernandes é mais sucinto em sua narrativa, cuja marca é o tom de martírio, que três estrofes podem retratar:

*O coração de Ayrton Senna
batia forte e doía
Ayrton muito nervoso
por essa forma dizia
se fosse pelo meu gosto
amanhã eu não corria*

Porém o povo gritava

*deixe dessa ilusão
deve enfrentar a batalha
você é tricampeão
a vitória de amanhã
será de grande emoção*

*Assim mesmo ele foi
contra a sua vontade
para servir a seu povo
com amor e lealdade
a morte já esperava
com tanta perversidade [sic]*

Os versos do cordel se mostraram como um pequeno orifício por onde pudemos entreolhar o que iríamos encontrar na mídia impressa pesquisada, porém numa escala tremendamente maior.

Ayrton Senna foi um personagem que habitou em nossas casas pela TV, que tem o dom da propulsão de imagens produtoras ao mesmo tempo de verdade e ilusão. A morte de Senna enquanto fenômeno social é o viés escolhido para refletirmos e aprendermos sobre o povo brasileiro - nossos sonhos e fantasias, nossas identificações, sacralizações e profanações, enfim, nosso imaginário social. Consideramos serem as publicações em torno da morte de Senna um lugar privilegiado de construção/reprodução do imaginário social do Brasil contemporâneo.

Nossa pesquisa, sendo um estudo de uma mitologização atual, trilha não só o campo da psicologia, mas também o da sociologia, da antropologia, da história e da comunicação, buscando uma leitura que fuja da habitual dicotomia postulante de recortes estanques entre tais disciplinas. A abordagem social é enriquecedora e nos aponta para o desdobramento da questão do indivíduo na sociedade.

PRIMEIRA PARTE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Morte tem história?

Mas o que é absurdo é o confronto entre esse irracional e esse desejo apaixonado de clareza, cujo apelo ressoa no mais profundo do homem.

Camus, 1989, 40

[...] o homem só conserva sua percepção e conhecimento preciso dos muros que o rodeiam.

Camus, *ibid.*, 46

A história se faz a partir de qualquer coisa que o homem busque compreender; na linguagem poética de Lucien Fabre, citado por Le Goff (1990, 107),

Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser.

Michel de Certeau (1982, 16) nos ensina ainda que “A história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”. A história somos nós, no sentido mais profundo, pois ela é uma construção que se faz numa busca de significação, é,

portanto, a forma como narramos nosso existir e a nós mesmos. Certeau afirma que a história “(...) é habitada pela estranheza que procura e impõe sua lei às regiões longínquas que conquista, acreditando dar-lhes a vida” (*ibid.*, 57). A estranheza pela qual a história é habitada é uma, a de que nós próprios somos portadores, posto que estamos desde o nascimento confrontados com o incompreensível de nosso aniquilamento, da nossa morte. O confronto com tal realidade é o absurdo de que nos fala Albert Camus em epígrafe - o dizer surge a serviço do “desejo apaixonado de clareza que ressoa no mais profundo do homem”, nos diz ele (1989, 40). A palavra, falada ou escrita, testemunha em nós a busca de significação, de compreensão e de completude, de modo que Certeau (*ibid.*, 109) vem afirmar que “nossa relação com a linguagem é sempre uma relação com a morte”, relação com a metáfora do vazio que é nosso passado, passado ‘mal assombrado’ que, ao nos causar estranheza, nos convida e impele a significá-lo, sendo, decerto modo, uma tentativa de exorcisar os perigos do presente e de significar nossa finitude. A finitude, expressa em nossa percepção do tempo, é o fundamento, talvez oculto, da historicidade do homem. Portanto, desde já, cremos poder afirmar que é a morte - vislumbrada no porvir - que nos faz buscar história. Seguindo esta mesma linha argumentativa, a morte faz construir o mito, faz também construir a história, eis por que a história precisa colocar-se como provisória, na medida em que, se não o fizer, pode almejar tamponar nossa incompreensão e incompletude como um referencial perdido, como mito; Baudrillard (1994, 43) criticamente afirma: *History is our lost referencial, that is to say our myth*¹.

A morte como objeto é o estudo da diferença, da alteridade radical, negação de si próprio; a morte é a situação limite da diferença,

*morir no es devenir otro, sino devenir nada, o lo que en definitiva es lo mismo, devenir absolutamente otro, pues si lo relativamente otro es todavia una manera de ser, lo absolutamente otro, que es su contradicción total, se comporta com respecto a él como el no ser com relación al ser*² (Jankelevitch in Thomas, 1975, 8).

A vida é uma eterna tentativa de negociação com a finitude, e a função histórica visa sempre ressignificar um passado, dando-lhe um lugar, ao invés de negar-lhe a existência; dar lugar ao passado é dar lugar à morte; a história se utiliza da narrativa, produzindo um enterro de mortos e, ao mesmo tempo, estabelecendo um lugar para os vivos, redistribuindo o espaço das possibilidades e determinando negativamente aquilo que está por fazer (ver Certeau, *op. cit.*, 107).

A história lança mão de modelos de decodificação para o preenchimento de sentido, jamais conseguindo totalmente o que almeja, posto ser impossível dizer ou saber tudo, sendo os muros a condição de nossa visão, decerto deveras limitada. A história, reflexo do homem que a constrói, não é eterna. A decodificação produzida busca exorcizar o incompreendido, colocando a estranheza num lugar útil ao discurso da intelegibilidade (ver Certeau, *op. cit.*, 104). O olhar, ao delimitar, empobrece e mortifica, mas a construção linguística, paradoxalmente, ao mesmo tempo que delimita, nos libera sempre para outras e novas construções. A morte, o inconfessável não-dito, é a brecha que permanece para nos lembrar que há sempre outros sentidos no porvir, recolocando *ad infinitum* a incompletude do dizer humano, reintroduzindo perpetuamente o indesejado não-saber. O homem, tal qual Sisifo, no mito grego, fadado ao destino trágico, não cessa de tentar desafiá-lo. Para nós, a vida e a morte, ainda que aparentemente antinômicas, se articulam de forma indissociável.

*Dans l'histoire des hommes, la mort est un invariant qui n'a, paradoxalement, cessé d'évoluer. Car la mort est à la fois un moment devant lequel on ne triche pas et une séquence entourée de mystère*³,

afirma Michel Vovelle (1993, 13). A morte suscita todo um gestual que, embora varie de tempos para tempos e de grupos para outros, constitui a base da reflexão que se pode fazer sobre ela. Estes gestuais expressos nos diversos costumes mortuários, nas formas de representação do 'além', nos mitos e nos ritos, denotam uma atitude diante da morte e do morrer e se constituem como sistemas de crenças, sistemas estes encontrados em todas as civilizações humanas de que se tem notícia desde o homem de Neandertal (ver Morin, 1970 e 1973). Thomas (1975, 586) nos diz, a partir de seus estudos antropotana-tológicos, que os sistemas são às vezes de uma complexidade prodigiosa e servem para preservar o homem dos efeitos 'dissolventes' da morte. O autor cita três objetivos fundamentais dos sistemas de crença para o homem: *tranquilizar al hombre, revitalizar al grupo que los decesos pertuban y dismimuyen, normalizar las relaciones entre los vivos (mundo visible) y muertos (mundo invisible)*⁴ (*idem*).

Tais sistemas protetores são expressão do imaginário do homem que, na angustiante busca de narrar a morte, procura dar-se a ilusão de perenidade ou, pelo menos, transmiti-la de um mundo a outro, postulando uma sobrevivência no além. Paul Valéry (1934, prefácio) busca afirmar a universalidade do gestual simbólico, sustentando que:

*De la Mélanésie à Madagascar, de la Nigérie à la Colombie, chaque peuplade redoute, évoque, nourrit, utilise ses défunts; entretient un commerce avec eux: leur donne dans la vie un rôle positif, les subit comme des parasites, les accueille comme des hôtes plus ou moins désirables, leur prête des besoins, des intentions et des pouvoirs*⁵.

Jean Duvignaud (*in* Thomas, *op. cit.*, 12) vai mais além e afirma que aquilo a que chamamos de cultura de um povo não é senão um esforço que este realiza para reintegrar sua vida comum “à materialidade do cadáver”, conjurando seus efeitos destrutivos. *La momia, el esqueleto, el craneo viciado, metáforas primarias, representan lo que no es visible ni palpable en la realidad humana, sus creencias, sus valores, su 'cultura'”* (*idem*)⁶.

Le Goff (1990, [1862], 245) ensina que a história deve prescrutar os mitos, as fábulas e os sonhos da imaginação, pois todas essas ‘falsidades’ portam algo de muito real, que são as crenças humanas; pois, onde o homem passou e deixou alguma marca de sua vida, é lá que está a história.

Deste modo, não só a morte tem história, a história do gestual simbólico, como também todo este gestual simbólico do homem da imaginação é a história. Passaremos a uma breve revisão da antropotanatologia em Ariès e Thomas, autores estudiosos da história do gestual do homem - o ocidental e o europeu, no caso de Ariès, e o negro-africano, no caso de Thomas - diante da morte e do morrer.

NOTAS

1. Livre tradução: A história é nosso referencial perdido, ou seja, nosso mito.
2. Livre tradução: Morrer não é devir outro, sim, devir nada, o que definitivamente é o mesmo, devir absolutamente outro, pois, se o relativamente outro é, todavia, uma maneira de ser, o absolutamente outro, que é sua contradição total, se comporta com respeito a ele como o não-ser com relação ao ser.
3. Livre tradução: Na história dos homens, a morte é uma invariante que, paradoxalmente, não cessou de evoluir. Por isso, a morte é, por sua vez, um momento diante do qual não se pode trapacear, e uma seqüência recheada de mistério.

4. Livre tradução: tranquilizar o homem, revitalizar o grupo que os defuntos perturbam e diminuir e normalizar as relações entre os vivos (mundo visível) e mortos (mundo invisível).

5. Livre tradução: Da Melanésia a Madagascar, da Nigéria à Colômbia, cada povo teme, evoca, alimenta, utiliza seus defuntos; mantém trato com eles; atribui-lhes um papel positivo na vida, sustenta-os como parasitas, acolhe-os como hóspedes mais ou menos desejáveis, confere-lhes necessidades, intenções, poderes.

6. Livre tradução: A múmia, o esqueleto, o crânio deformado, metáforas primárias, representam o que não é visível nem palpável na realidade humana, suas crenças, seus valores, sua 'cultura'.

Antropotanatologia: uma apresentação de atitudes do homem diante da morte

La mort est bien la réalité radicale. Puisque, dans son inconscient, chacun est convaincu de sa propre immortalité, on ne peut se représenter sa propre mort, on ne peut y assister qu'en spectateur. (...) Mais si notre mort reste une expérience fermée, celle de la mort est tissée dans notre univers mental ⁷.

Menahem, 1988,47

A morte, quer como 'realidade radical', quer como 'alteridade radical', surge ameaçadora e faz mover na direção da construção de um vasto gestual para torná-la suportável e algo compreensível, embora nunca verdadeiramente aceita. A morte de si próprio não é passível de ser realmente representada como realidade radical, porém é, como nos diz a autora em epígrafe, parte inescapável de nosso universo mental, onde a vivenciamos do lugar de espectadores. A morte do outro é o parâmetro que se pode ter da morte ⁸. Decerto, é a partir de um outro que se pode determinar um eu.

A antropotanatologia se constitui como a ciência que estuda o gestual frente à morte nas diferentes culturas. Nesta parte, nossa proposta é uma breve revisão de tal gestual, bem catalogado por Philippe Ariès, no que tange ao homem europeu ocidental, com especial ênfase no homem francês; e também por Louis-Vincent Thomas, no que se refere ao gestual do negro-africano - situado para fins antropológicos como uma 'cultura tradicional' ou primitiva. Veremos, mais adiante, que, no Brasil, adotamos e mantemos até os nossos dias características de um e de outro gestuais, por isso cremos ser útil, além de interessante, a presente revisão.

Nosso intuito é que Ariès e Thomas nos sirvam para refletir sobre a morte e o morrer em nossa própria sociedade, sobre o nosso modo de construção de mitos e ritos. A mesma 'modernidade', que produziu o homem da ciência, rotulou todo o nosso gestual funerário como *non-sense* e superstição (Ariès pontuará tal mudança em meados da Idade Média, quando os *litterati* - os letrados da época - passam a abominar o gestual que a morte suscita); no entanto, o sem-sentido brota lá mesmo, onde precisamos loucamente criar o

sentido⁹. O estudo antropotanatológico talvez sirva para nos tornar menos arrogantes com a diferença, o desconhecido, a alteridade, com aquilo que não se pode apreender; é certo que, então - na época e povos pesquisados por Ariès e Thomas - como agora, *men plug the dikes of their most needed beliefs with whatever mud they can find*¹⁰. Não seria o utilitarismo de nossos dias também uma forma de mitologia?

* * *

A antropotanatologia de Philippe Ariès parte do pressuposto de que existe uma relação entre a atitude diante da morte e a consciência que temos de nós mesmos e sobre a qual se pode refletir e pesquisar pela análise de documentários literários, litúrgicos, testamentários, epigráficos e iconográficos, que portam as formas de representação da morte, do morrer e do moribundo. É deste modo que o estudo do rico inventário das atitudes do homem diante da morte, desde a Antigüidade até os dias de hoje (estudo centrado no homem ocidental, principalmente europeu e francês, no caso do estudo de Philippe Ariès) - os rituais mortuários, o local do sepulcro, a economia dos testamentos, a liturgia dos funerais, as inscrições nos túmulos, as formas de representação do além, entre tantos outros costumes antigos e atuais - são valiosos índices das mudanças de atitude e, conseqüentemente, das mudanças de convicções que freqüentemente nos passam despercebidas, que tenham alguma origem ou enraizamento, pois freqüentemente tendemos a naturalizá-las, concebendo-as como se estivessem desde sempre. As atitudes são correlatas de variações históricas e veremos que as atitudes que são por demais diferentes das nossas atuais nos causam estranhamento. Importante ressaltar que tais mudanças não são estanques ou instantâneas e se dão de forma paulatina, de modo que uma nova atitude é comumente anunciada, de forma sutil, muitos anos antes.

Ariès propõe quatro modelos para representar os tipos de atitude do homem ocidental diante da morte e do morrer. A delimitação e nomeação de tais modelos é baseada em quatro parâmetros, que se constituem como pano de fundo da argumentação por ele sustentada (ver Ariès, 1989a, 659): o primeiro é a relação entre o indivíduo e a sociedade; o segundo é a relação do homem com a natureza e com o que ela tem de “desnaturada”, posto que porta o mistério da morte e da finitude; o terceiro é o hiato entre a morte e o fim da sobrevivência, que suscita diversas representações do além e engloba os

requisitos cristãos para a “imortalidade”, e, finalmente, o quarto parâmetro é a relação da morte com o mal inseparável do homem, relacionado, no cristianismo, ao sofrimento e ao pecado. Os modelos propostos são o da Morte Domada, que prepondera na Idade Média até meados do século XI; o da Morte de Si Próprio, que prevalece até o final do século XVIII; o da Morte do Outro, que seria a morte romântica do século XIX, e o da Morte Invertida ou Escamoteada do século XX. Ariès não é categórico na demarcação dos períodos históricos, a sua narrativa é cheia de idas e vindas, permeada de pontuações que marcam a interpenetração de atitudes de um período no outro; nosso intuito com tal demarcação, embora certamente empobrecedora, é situar mais facilmente o leitor, oferecendo-lhe uma visão globalizada em favor da facilitação da compreensão. Decerto que muitos dos costumes não só aparecem muito antes do que se pensa, como também permanecem por muito tempo, mesmo que não nos demos conta.

Acreditamos que os modelos de Ariès nos possam ser úteis, especialmente porque nosso foco central nesta dissertação não é a antropotanatologia e posto que nosso intuito é uma apreensão mais generalizada. Cremos, ainda, que tais modelos portem inúmeras idealizações - aliás, como é comum em modelos, onde se privilegia o geral em detrimento de nuances - fruto de um certo tipo de leitura historiográfica que tende a valorizar o passado e negativizar o presente. Não obstante, a leitura de Ariès - porquanto sua argumentação se baseie em inúmeros achados arqueológicos e em análises de expressões artísticas e literárias (pinturas, esculturas, liturgias) de cada época - é cuidada e rica. Deste modo, não faremos censuras prévias ao texto de Ariès, a partir do qual buscaremos sintetizar a história do gestual fúnebre do homem ocidental, europeu, da Idade Média até o nosso século; advertimos apenas o nosso leitor de que se trata da ótica do autor, acreditando que, no caso do humano, não há como falar em “neutralidade”, visto que nossos pontos de vista são condicionados historicamente e a “verdade” histórica não é aquilo que se manifesta, mas sim aquilo que se produz (ver Certeau, 1982, 23); por isso, a história precisa saber-se limitada e necessariamente provisória. Existe uma historicidade da história (ver *ibid.*, 33) expressa no olhar do historiador.

A Morte Domesticada pode ser sintetizada pela fórmula *Et moriemur* (Ariès, 1989,43): todos nós morremos. A morte, então, era uma cerimônia pública convocada pelo moribundo, com entrada livre também para crianças (*ibid.*, 24); nesta época, sobressaía a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos. A morte domesticada é, segundo Ariès, a morte familiar - não apenas ‘em família’, mas, acima de tudo, aceita, onde “O homem submetia-se na morte a uma das grandes leis da espécie e não pensava nem em se lhe esquivar nem em a exaltar” (*ibid.*, 31). Ariès (1982) nos ensina que a morte não era

percebida como traiçoeira, mesmo quando accidental, em guerra, morte heróica, e freqüentemente dava tempo para ser percebida, avaliada pelo moribundo e, então, pelo menos minimamente, orquestrada através das últimas recomendações, despedidas e pedidos de perdão. Há uma inscrição, datada de 1151 (*ibid.*, 8), que expressa bem a atitude que se quer ressaltar: *Mortem sibi instare cernerat tanquam obitus sui precius* (viu a morte a seu lado e teve assim o pressentimento de sua morte). O moribundo percebia “sinais”, quer sobrenaturais - como sonhos - ou banais - perceptíveis pelos sentidos, os quais, segundo Ariès ressalta, naquela época não podiam ser assim diferenciados, pois era incerta esta delimitação entre natural e sobrenatural. No entanto, já a partir do século XI os *litterati*, fazem-se distinguir do resto do povo, nomeando tais premonições de superstições populares, desvalorizando-as (ver Ariès, 1982, 661).

A morte domesticada era a morte anunciada ou prevista, sendo, neste contexto, a morte repentina considerada “infamante e vergonhosa” (*ibid.*, 12), pois era considerado feio e desagradável qualquer morte sem testemunha ou cerimônia. Tais mortos - afogados, desconhecidos à beira da estrada, viajantes - sob a reprovação popular, não possuíam direitos a sepultamentos e, por vezes, eram impostos pagamentos como uma espécie de multa para que estes se realizassem (ver Ariès, *op. cit.*, 13). A atitude de familiaridade e resignação da época era correlata a uma atitude cristã que pode ser sintetizada na frase: *Media vita, in morte sumus* (*ibid.*, 15), que quer dizer: ‘vivos, somos mortos’, ou seja, a expressão de que era pela morte física que se tinha acesso à vida eterna. A morte, então, era representada como um repouso em um jardim florido, sendo a extrema-unção - nesta época reservada apenas aos clérigos - chamada de *dormientium exitium*, ou “o sacramento dos que dormem” (*ibid.*, 26). A esta atitude diante da morte correspondia uma atitude diante dos mortos. Era com a mesma “familiaridade indiferente”, ou “resignação ingênua” (*ibid.*, 34) que se tratavam as sepulturas e as coisas funerárias. A Antigüidade é marcada pelo sepultamento fora das cidades e ao longo das estradas, atitude que delineava o medo da volta dos mortos e a proteção contra as suas impurezas. A Idade Média traz a atitude cristã, que tenderá a conciliar a fé na ressurreição com o culto dos túmulos e passará a aproximar os vivos e os mortos pela penetração dos cemitérios nas cidades. Daí por diante, eram os bairros que se instalavam em torno das basílicas cemiteriais. A preocupação com a violação do túmulo, aliada à crença de que a “(...) violação da sepultura comprometia o despertar do defunto no último dia e, por conseguinte a sua ida [sic] eterna” (*ibid.*, 37), está na origem do costume que se instalará do enterro *ad sanctos*, ou seja, o enterro perto do túmulo dos santos e mártires. Sendo que “O principal motivo do enterro *ad sanctos* foi assegurar a proteção do mártir, não só ao corpo mortal do defunto, mas também ao seu corpo inteiro, para o dia do despertar e do julgamento” (*idem*). Deste modo, os corpos dos

mortos, enterrados no pátio das igrejas, criavam um espaço se não sagrado, ao menos religioso, que, ao invés de impuros e solitários, eram públicos e freqüentados (ver *ibid.*, 46) “O cemitério servia de foro, de grande praça e de passeio público, onde todos os habitantes da comunidade podiam-se encontrar, se reunir, passear, para seus assuntos espirituais e temporais, para diversões e amores” (*ibid.*, 69). Tal aspecto de praça pública do cemitério, com seus pátios quadrados e o carneiro (local onde se amontoavam os ossos, em galerias), pode, segundo Ariès, ter inspirado a construção de grandes praças com galerias comerciais (*ibid.* 75). “Mercado, lugar de anúncios, leilões, proclamações e sentenças, espaço destinado às reuniões da comunidade, local de passeio, de diversões, de maus encontros e ofícios maldosos, o cemitério era simplesmente a grande praça” (*idem*).

A publicidade da morte, a morte como um acontecimento público e aberto a qualquer pessoa, é uma característica que vai persistir até o fim do século XIX, mas que começa a ser questionada, no fim do século XVIII, por médicos higienistas, que se queixam da multidão presente no quarto dos moribundos (*ibid.*, 21), e também por clérigos, que vão achar inaceitável e considerar profanação a mistura de uma vida social com o pátio da Igreja.

A morte domada ou domesticada de Ariès não remonta a uma selvageria anterior e sim à nossa selvageria, nosso medo e repulsa, nos dias atuais (*ibid.*, 31).

A partir dos séculos XI e XII ocorrem algumas modificações sutis na atitude dos homens, advindo um sentido mais pessoal e dramático à morte - esta é a “morte de si próprio”. Neste momento, o que se faz necessário ressaltar é a preocupação com a particularidade de cada sujeito, onde o aspecto da morte como um destino coletivo da espécie não mais é enfatizado (Ariès, 1989, 31). Ariès resume o que caracteriza esta fase do seguinte modo: “Captamos aqui esta mudança no espelho da morte: *speculum mortis*, poderíamos dizer, à maneira dos autores do tempo. No espelho de sua própria morte, cada homem redescobria o segredo da sua individualidade” (*ibid.*, 41). A marca de tais mudanças sutis se localiza na iconografia do Juízo Final, que levará o homem a inquietações acerca de seu destino. O livro de inscrição dos nomes dos salvos, a partir do século XIII, aparece como um registro, sendo “(...) ao mesmo tempo a história de um homem, sua biografia, e um livro de contas (ou razão) com duas colunas, de um lado, o mal, e, do outro, o bem. O novo espírito contábil dos homens de negócios que começam, então, a descobrir o seu mundo próprio - que se tornou o nosso - aplica-se ao conteúdo da vida como à mercadoria ou ao dinheiro” (Ariès, 1989a, 112). O livro, que anteriormente era dos eleitos, agora é o livro com o registro dos condenados. A partir de então, o essencial passa a ser a certeza da própria salvação. Deste modo, a morte, antes dominada apenas pelo luto dos sobreviventes

e pelas homenagens que se prestavam ao defunto, onde a Igreja não intervinha a não ser na absolvição da oração final, passa por transformações, onde a presença dos clérigos será quase obrigatória, instalando-se a importância e a obrigação do testamento, através do qual a Igreja passará a controlar a reconciliação do pecador com Deus. O testamento passa a ser sacramental, onde a doação de riquezas passará a ser um “passaporte para o céu” (Ariès, 1989a, 203). Deste modo, o pecado da *avaritia*, da acumulação de riquezas na terra, na hora da morte, era o que possibilitava a gloriosa reparação; gloriosa posto que, de fato, para renunciar ao mundo, teria sido preciso, primeiro, amá-lo (*ibid.*, 204). Então, se a paixão material era devastadora, porque expunha o homem à condenação, era justamente em troca de tais legados que se obtinha a segurança dos bens eternos (ver *ibid.*, 206). O testamento é também um instrumento de “colonização” do Além e “Serviu, ao mesmo tempo, para salvar o amor à Terra e investir no Céu, graças à transição de uma boa morte” (Ariès, 1982, 661). A cerimônia funerária, então, muda de natureza, o morto pertence à Igreja e não mais à família, e o testamento é não só de ordem financeira, mas também literário e biográfico.

Eis aí, sem dívida, a morte de si mesmo, só de si mesmo, só diante de Deus, com a sua única biografia, seu único capital de obras e de orações, isto é, com os atos e fervores da própria vida, com o amor vergonhoso das coisas daqui da terra e suas garantias para o além. Sistema complexo que o homem teceu em torno de si para melhor viver e melhor sobreviver. Esse individualismo do aquém e do além parece afastar o homem da resignação confiante ou fatigada das eras imemoriais (Ariès, 1989a, 214).

Instala-se nas mentalidades a idéia de alma imortal, sede do indivíduo e foi “Essa nova escatologia [que] provocou a substituição da palavra morte por perifrases banais como ‘entregou a alma’ ou ‘Deus tenha sua alma’” (Ariès, 1982, 662).

Desde o fim da Idade Média até meados dos séculos XVI a XVIII dá-se uma proliferação de temas macabros - têm-se inicialmente as “danças macabras” e, posteriormente, o teatro e a literatura barroca vêm consagrar os temas que associam o amor à morte. O amor de Romeu e Julieta se concretiza no túmulo dos Capuletos (Ariès, 1989, 44). Embora possa parecer paradoxal, este é o período do crescimento racional e científico, sendo, na Europa, a era do estabelecimento do “progresso” e do triunfo deste sobre a natureza; no entanto, ensina-nos Ariès que

Foi então, porém, que os diques pacientemente levantados durante milênios, para conter a natureza de outra forma que

não pela ciência moderna, arrebataram em dois pontos muito próximos e, em pouco tempo, confundidos: a brecha do amor e a da morte. Para além de um certo limiar, o sofrimento e o prazer, a agonia e o orgasmo reuniram-se numa única sensação, que o mito da ereção do enforcado ilustra. Essas emoções à beira do abismo inspiram o desejo e o medo. Surge, então, uma primeira forma do grande medo da morte: o medo de ser enterrado vivo, que implica a convicção de que existia um estado misto e reversível, feito de vida e de morte (Ariès, 1982, 664).

Nos séculos XVII e XVIII a morte se expressa sob a forma do corpo morto, sobre o qual recairá o erotismo macabro e também para o qual se dirigirá a curiosidade dos médicos e dos instruídos, que se deterão em dissecções de cadáveres. Os tratados de medicina buscarão extrair do cadáver os segredos da vida e da morte (ver Ariès, 1982, 386-387). “A morte e o corpo constituem, por si mesmos, objetos de estudo científico, independentemente das causas da morte: estuda-se a morte antes de se lhe conhecerem as causas, e não apenas para as descobrir. O morto é examinado como mais tarde se examina o doente no leito” (*ibid.*, 387). A medicina da época coloca no centro de suas preocupações os poderes da morte e o grau de separação da alma e do corpo (*idem*). Surgem teses de que no sono e na morte a alma sai do corpo, de que existe vida ainda no corpo mumificado, até que este se decomponha; há relatos de eventos de uma sensibilidade nos cadáveres, que sangram abundantemente, e no qual pêlos, unhas e dentes continuam a crescer depois da morte (ver Ariès, 1982, 388-9). Suspeita-se e especula-se sobre a vida na morte, a partir da crença em uma vida que há no cadáver. O interesse se voltará para o cadáver, que se suporá conter os segredos da vida e da morte. “Também duvidosos, mas sérios e dignos de estudo aprofundado, são os casos de cadáveres que emitem sons - como os dos porcos - do fundo de seus túmulos; quando estes são abertos, descobre-se que os mortos devoraram o sudário ou as suas vestes, o que constitui terrível presságio de peste” (*ibid.*, 390). Essa sensibilidade do cadáver vai-se refletir na vida cotidiana, constituindo a origem de uma farmacopéia onde a matéria prima será retirada de cadáveres: “Assim, o suor dos mortos é bom para hemorróidas e as ‘excrecências’; o toque da mão do cadáver, a fricção com essa mão na parte doente podem curar (...)” (*idem*). As propriedades benéficas do cadáver como a fertilidade da terra e até a “beberagem afrodisíaca” são uma idéia que se tornará comum e permanecerá até a revolução de Pasteur (*ibid.*, 391). Concomitantemente a isto, surge nos testamentos o temor de ser enterrado vivo (*ibid.*,

395). Até o século XV a conservação do corpo mumificado pela terra era vista como maldição e punição (*ibid.*, 393), no entanto, surgiu a necessidade de se tratar o corpo decertos personagens para que se pudesse transportá-lo, isto desde o século XIV, porém nesta época a integridade do corpo não era importante e uma das técnicas empregadas era a divisão do corpo em pedaços e sua fervura, de modo a separar as carnes e extrair as partes nobres, os ossos dessecados (Ariès, 1982, 394).

A partir do século XV, foram substituídas pelo embalsamamento, com a finalidade de conservação. Este se disseminou ao mesmo tempo que as pompas fúnebres das exéquias reais, grandes cerimônias de exaltação do sentimento monárquico e de fidelidade dinástica. O rei não morre. Imediatamente depois do seu último suspiro, era preparado, com todos os atributos de seu poder quando vivo. A conservação da aparência de vida era necessária para a verossimilhança dessa ficção, assim como a parada da decomposição era fisicamente imposta pela demora das cerimônias. O corpo assim preservado representava o papel, em seguida retomado pela 'representação' de cera e de madeira (Ariès, 1982, 394).

A iconografia caracteristicamente dita macabra é dominada por imagens repugnantes e realistas da decomposição do corpo humano. A morte patética e individual, descrita no período anterior, segue uma nova figura de decomposição e destruição, a ela corresponde e a expressa pelos temas macabros na literatura. Ariès descreve a origem do termo “macabro” por volta do século XIV, quando não era usual o termo cadáver, e quando ao “corpo morto” é dado o nome dos santos Macabeus - há muito venerados como patronos dos mortos e considerados intercessores pelos mortos (ver Ariès, 1989a, 123). As danças macabras eram as representações onde os vivos e os mortos formavam pares e onde

*A arte reside no contraste entre o ritmo dos mortos e a paralisia dos vivos. O objetivo moral é ao mesmo tempo lembrar a incerteza da hora da morte e a igualdade dos homens diante dela. Todas as cidades e todos os estados desfilam numa ordem que é a da hierarquia social, tal como dela se tinha consciência (*ibid.*, 124).*

O macabro instala um clima de angústia e é sugerido que este foi um meio de os monges mendicantes comoverem e converterem as populações das cidades (*ibid.*, 133). Porém, o autor ressalta que “As imagens da morte e da decomposição não significam nem o medo da morte nem do além - mesmo que tenham sido utilizadas para esse fim. São o sinal de um

amor apaixonado pelo mundo aqui da terra, e de uma consciência dolorosa do fracasso a que cada vida de homem está condenada (...)” (*ibid.*, 139). Segundo Ariès (*ibid.*, 137), a imagem macabra se torna o sinal de que o homem se defronta com novas exigências de que toma consciência: “as exigências seculares, o apego aos bens terrestres, que adquirem mais importância do que dantes. A experiência íntima é a morte ‘intravital’” (*idem*), de modo que “A morte já não era apenas a conclusão do ser, mas uma separação do possuir (...)” (*ibid.*, 148).

O sinal de uma nova atitude se formando é a ocultação do corpo aos olhares. Durante a Idade Média, após a morte, o corpo era estendido e envolto em tecidos - preferencialmente ricos - colocados, após as manifestações de luto, em uma padiola ou caixão, exposto diante das portas das casas e, finalmente, após algum tempo, transportado, com algumas paradas no trajeto, e depositado no sarcófago (ver Ariès, 1989a, 179). Os padres só participavam no final, dando a última absolvição e fazendo aspersões com água benta. Nesta época, “(...) o corpo e o rosto ficavam visíveis até o fechamento definitivo do sarcófago, e apareciam acima do túmulo, no caixão, como no leito no momento da morte” (*ibid.*, 180). Posteriormente, desde meados do século XII, na cristandade latina, o corpo do defunto era totalmente amortalhado e transportado da casa fechado em caixões (ver *idem*). Esta escamoteação não foi absolutamente generalizada, e, por vezes, se fechava apenas metade do caixão (*ibid.*, 181).

A ocultação do corpo aos olhares não foi uma decisão simples. Não traduz uma vontade de anonimato. Realmente, nos funerais dos grandes senhores, temporais e espirituais, o corpo escondido no caixão logo foi substituído por sua figura em madeira ou cera, por vezes exposta sobre um leito de exibição (...). Essa estátua do morto é designada por uma palavra muito significativa: a representação” (idem).

Eis a origem das máscaras mortuárias. Anteriormente, a devoção dos peregrinos era direcionada aos túmulos e relicários; porém, a partir do século XVI pelo menos, tal devoção passa a ser dirigida à imagem que representa os santos no leito de morte, as “representações” (*ibid.*, 182). Ariès sustenta que “A recusa de ver o corpo morto não constituía recusa da individualidade física, mas recusa da morte carnal do corpo: estranha repugnância em plena época macabra, em que se multiplicavam as imagens da decomposição! Prova de que a arte mostra, por vezes, o que o homem não quer realmente ver” (*ibid.*, 183).

Outra mudança discreta se anuncia a partir do século XVII com a desvalorização sutil e dificilmente confessada das atitudes antigas, embora muitos dos mesmos rituais

permaneçam - as *artes moriendi*, os mesmos ossários, etc. - o momento da morte, no quarto e no leito, perde sua importância relativa, primeiro junto à elite erudita e, depois, em toda a coletividade (ver Ariès, 1982, 327). A depreciação da hora da morte é acompanhada pela necessidade de se viver com o pensamento da morte, ou seja, “A arte de morrer é substituída pela arte de viver. Nada acontece no quarto do moribundo. Tudo, pelo contrário, é distribuído pelo tempo da vida e em cada dia desta vida” (*ibid.*, 329). O efeito disto é a dissolução do sentimento da morte, antes concentrado na hora da morte, agora presente ao longo da vida. É a tentativa de distanciamento de uma morte que a coloca sempre próxima.

A partir principalmente do século XVII e sobretudo no século XVIII, a anatomia se torna a mania do homem culto, como uma bagagem indispensável. Ariès nos diz que, então, “Todo mundo tem interesse em conhecer o corpo. É um caminho para o conhecimento de Deus, o Deus do século XVIII (...)” (Ariès, 1982, 398). As dissecações passam a ser não apenas em instituições, mas também particulares, o que ocasiona uma escassez e as histórias de roubo de cadáveres. Ariès (*ibid.*, 403) afirma, no entanto, que tal interesse pela anatomia não se relacionava apenas com uma curiosidade científica, mas também

(...) responde a uma atração pelas coisas maldefinidas, no limite da vida e da morte, da sexualidade e do sofrimento, sempre suspeitas às moralidades claras dos séculos XIX e XX, que as colocaram numa nova categoria, do nebuloso e do mórbido.

Deste modo, o tema macabro e o sadismo aparecerão um pouco mais sutilmente nos séculos XVI e XVII e de forma mais deliberada e confessada nos séculos XVIII e XIX (ver Ariès, 1982, 403). Surge também no século XVII (Ariès, 1982, 407) a admiração pelo corpo morto, retratado em tons “livídicos e fúngicos” por artistas como Rubens, sem qualquer horror e, ao contrário, inspirando amor e desejo. Nesta mesma época surgem também as histórias de cópulas com cadáveres, obviamente censurados pela moralidade de então (ver *ibid.*, 414).

Os séculos XVII e XVIII serão marcados por uma série de cerimônias se intercalando entre a morte no leito, anteriormente o local único de um cerimonial sobretudo leigo, e a sepultura: o cortejo, na forma de procissões fúnebres, surge imponente, orquestrado principalmente pelo clero (Ariès, *op. cit.*).

A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo. Exalta-a, dramatiza-a,

quere-a impressionante e dominadora. Mas, ao mesmo tempo, já se preocupa menos com a sua própria morte, e a morte romântica, retórica é, antes de mais, a morte do outro (...) (Ariès, 1989, 43).

Temos nesta fase os lutos exagerados que caracterizam bem a nomeação de Ariès, a qual ressalta que o que é temido é muito mais a Morte do Outro (*ibid.*, 48). “A afetividade, outrora difusa, concentrou-se, desde então, sobre alguns seres raros, cuja separação já não é suportada, e desencadeia uma morte dramática (...)” (Ariès, 1982, 665).

Já no século XIX o sentimento da vida particular predomina sobre todas as outras formas, e a família, não mais a comunidade, passa a ser o centro, pois é onde se encontram os seres amados (*ibid.*, 665-6). O sofrimento da separação era o deplorável. Nesta época, a morte é vista como bela, “bela como a natureza”; valorizam-se os cemitérios-jardins, construídos especialmente, como os *rural cemeteries*, nos Estados Unidos da América do século XIX (ver Ariès, 1982, 578), e o além é visto como o feliz local de reencontro. Na França, nesta época, valoriza-se o “túmulo-capela”, com altar, epitáfios e, frequentemente, retratos, sendo túmulos de família (ver *ibid.*, 584). Ambos os tipos de cemitérios buscam perpetuar a lembrança do morto, sendo um lugar de peregrinação, visita e meditação.

O túmulo é, então, o ‘sinal representativo e impressionante dos que perdemos. E ainda, por conseguinte, se a lembrança dos nossos mortos é uma condição de toda existência social, por desenvolver o sentimento da continuidade, o túmulo permanece uma instituição necessária’. Um fetichismo espontâneo subsiste sempre em nós. É nele ‘que se baseia a conservação dos objetos que nos lembram pessoas amadas e respeitadas’, lembranças, pulseiras de cabelos e, mais tarde, fotografias (...) (Ariès, 1982, 590).

Disto se desenvolve o que Ariès denomina de um ‘Culto aos Mortos’ (*ibid.*, 592-595). Ariès nos diz mesmo que “O culto dos cemitérios e dos túmulos é a manifestação litúrgica da nova sensibilidade que, a partir do final do século XVIII, torna intolerável a morte do outro. Esse culto persiste ainda, pelo menos na França e na Itália, e, em especial, nos meios populares.” (*ibid.*, 604-5).

A atitude contemporânea perante a morte surge na segunda metade do século XIX, onde “o círculo de relações do moribundo tende a poupá-lo, escondendo-lhe a gravidade de seu estado” (Ariès, 1989, 55), e esta é a continuação da afetividade do início do século XIX, que será determinada pelo “respeito a essa mentira de amor” (Ariès, 1982,

668). A verdade passa a ser problemática, e o desejo de “poupar” o doente induz à mentira. A morte, então, se torna vergonhosa e interdita (ver Ariès, op. cit), visto que

(...) desde muito cedo, este sentimento, cuja origem nos é conhecida (a intolerância da morte do outro e a confiança renovada do doente no seu círculo familiar), foi recoberto por um sentimento diferente, característico da modernidade: evitar, já não ao doente, mas à sociedade e ao próprio círculo de relações, o incômodo e a emoção demasiado forte, insustentável, provocados pela fealdade da agonia e a simples presença da morte em plena vida feliz, pois se admite agora que a vida é sempre feliz ou deve parecê-lo sempre (ibid., 55-6).

A morte agora é um fracasso, sinal de impotência ou imperícia que deve ser discreta, posto que é preciso esquecer; por isso, todo o aparato em função da hospitalização e da medicalização visa prolongar e atenuar a morte, sendo possível até, em nossos dias, um quase morto sobreviver por um tempo indeterminado num hospital (ver *ibid.*, 639). Ariès nos diz que “A técnica corrói o domínio da morte até a ilusão de suprimi-la. A zona da morte invertida é também a crença mais forte na eficácia da técnica e de seu poder de transformar o homem e a natureza” (*ibid.*, 649). É preciso dissimular ou afastar todos os sinais que possam alertar o doente, e um desses sinais era a presença do padre com a extrema-unção. O padre passa a ser evitado até que ocorra a morte, e a extrema-unção passa de sacramento dos moribundos a sacramento dos mortos (ver Ariès, 1982, 615). Entre nós, aqui, também, a ‘encomendação da alma’ só é feita no velório. O luto interdito não facilita nada, apenas evidencia que “Tecnicamente admitimos que podemos morrer, e tomamos providências em vida para preservar os nossos da miséria. Verdadeiramente, porém, no fundo de nós mesmos, não nos sentimos mortais” (*ibid.*, 66).

O protótipo do modelo da morte invertida de Ariès é expresso, já na literatura do século XIX, na obra de Tolstói *A Morte de Ivan Ilitch*, que apresenta o modelo da medicalização e da escamoteação em relação à morte. A tamanha atualidade da história nos dá a sensação de estarmos lendo em um jornal qualquer a trágica história de um doente terminal de nossos dias: Ivan Ilitch, 45 anos, casado há 17 com uma mulher medíocre, teve 4 filhos dos quais apenas um sobreviveu, tendo os outros morrido ainda crianças. Funcionário capaz e obcecado por promoções. Religiosidade superficial, egoísmo e egocentrismo comuns à vida urbana e solitária. A doença começa com os sintomas de mau hálito, “dor de lado” e nervosismo. Ivan procura imediatamente um médico, buscando a todo custo a definição de um diagnóstico, a nomeação de sua doença, o qual não é ofertado pelo médico. Ele toma a inexatidão das colocações médicas como um sinal de gravidade de

seu estado. Angustiado, Ivan lê tratados de medicina e multiplica consultas a médicos. Em sua casa e entre os amigos, o clima é de “banalidade” e “comédia”, faz-se piada das queixas do doente, de modo a não lhe enfraquecer o moral. Quando Ivan finalmente se dá conta da gravidade de seu estado, o qual muito reluta em aceitar, revolta-se e busca novo especialista. Passa à agressividade e não aceita sua condição. Ivan se angustia com a mentira que se forma à sua volta, mas não tem coragem de modificar e silencia, resignando-se e passando a cúmplice no faz-de-conta coletivo. Mantém até a morte a ilusão de poupar e ser poupado pelos seus. Se Ivan Ilitch vivesse no Rio de Janeiro de nossos dias, a única diferença em sua história possivelmente seria que, ao invés de morrer em casa, morreria no leito de um hospital.

Elisabeth Kübler-Ross (1992) é também um importante ponto de referência nos estudos sobre o morrer na sociedade contemporânea; ela se especializou no estudo do comportamento dos moribundos, pacientes em fase terminal da doença. O testemunho da autora reitera o que visamos aqui pontuar: longe, a morte gera curiosidade e fascínio, próxima, ela apavora e não sabemos lidar com ela. Hoje,

podemos aceitar a morte do próximo, e as notícias do número dos que morrem nas batalhas e nas auto-estradas só confirmam a crença em nossa imortalidade, fazendo com que - no mais recôndito de nosso inconsciente - nos alegremos com um 'ainda bem que não fui eu' (Kübler-Ross, 1992, 26).

A inversão é a expulsão da morte pela sociedade para espaços fora - longe e assépticos: os cemitérios, expulsos para longe dos centros populosos, e os moribundos, para os hospitais. A morte, antes social e pública, passou a medicalizada e solitária. Antes, “Ainda no início do século XX, digamos até a guerra de 1914, em todo o Ocidente de cultura latina, católica ou protestante, a morte de um homem modificava solenemente o espaço e o tempo de um grupo social, podendo estender-se a uma comunidade inteira (...)” (Ariès, 19882, 612).

No Brasil, vivemos ambos, o antes e o depois pontuados por Ariès, pois decerto que conhecemos a morte invertida, escamoteada, indecente e suja (ver Ariès, 1982, 621-623), escondida nos hospitais, mas também conhecemos o “alvorço” e a dor pública, socializada e espetacularizada, advinda da morte de nossos ‘grandes homens’, aclamados em seus túmulos como ‘imortais’.

José Carlos Rodrigues em seu *Tabu da Morte* tece considerações a respeito da função da negação da morte em nossa sociedade, apontando para “o medo da morte” como

uma estratégia de dominação, onde a parafernália médica e todo o aparato de instituições jurídicas e policiais lutam por manter a vida, transformando em intolerável o direito de produzir a morte” (Rodrigues, *op. cit.*, 280). Rodrigues sustenta que a atitude contemporânea frente à morte se funda em quatro mitos: primeiro, o mito da extrema riqueza da sociedade industrial, com seus objetos anônimos e com suas dimensões significacionais meramente utilitárias, no entanto, considerando que “a significação é a categoria humana por excelência, nossas ‘riquezas’ são extremamente pobres (...) (*ibid.*, 271), daí a marca de nossa sociedade ser a insatisfação; segundo, o mito da extrema capacidade produtiva de nossa civilização; o mito do “progresso”, onde este é a projeção do presente sobre o passado; e, finalmente, o mito da vida, calcado em uma “concepção etnocêntrica de morte, que contém a idéia de que a vida seja preferível à morte”. (*ibid.*, 277)

Ariès e Rodrigues servem para compreender “(...) o caminho que nos leva à compreensão do tabu com que envolvemos a morte, e ao entendimento das estratégias pelas quais escondemos nossas dimensões de Morte” (Rodrigues, *op. cit.*, 274). A morte interdita “Tal como o ato sexual (...) é cada vez mais considerada, a partir de então, como uma transgressão que arranca o homem à sua vida quotidiana, à sua sociedade racional, ao seu trabalho monótono, para o submeter a um paroxismo e o lançar então para um mundo irracional, violento e cruel”. (Ariès, *op. cit.*, 44). O tabu exerce fascínio, posto que porta a marca do humano: a estranheza e a ambigüidade. Há que se lembrar, portanto, que

Se o tabu mexe conosco, não é por despertar em nós ecos longínquos de dramas primitivos. É porque lembra, hoje, que o homem é para sempre um enigma, e que a vida nos devora à medida em que a tentamos decifrar. Para nos orientar neste mundo sem sentido, precisamos ordená-lo, organizá-lo, atribuir-lhe limites precisos. Mas o tabu está aí para sinalizar que todo limite pede para ser ultrapassado, e que a estranheza é a nossa substância. O fascínio do tabu é o fascínio do espelho (Augras, 1989, 44).

Em contrapartida à história do homem ocidental e “civilizado”, temos a antropotanatologia comparativa de Louis-Vincent Thomas (1975), que se dedicou ao estudo do gestual fúnebre da cultura negro-africana. O contraponto é muito interessante, pois são deveras surpreendentes algumas semelhanças nossas com aquela cultura, semelhanças de que dificilmente nos damos conta e prontamente classificamos como coisas “estranhas” ou, mais educadamente, ‘exóticas’. Tanto os mitos negro-africanos quanto a teologia cristã, por exemplo, produzem atitudes que se presentificam como reflexões sobre

a morte, em suas causas, sua significação, suas modalidades e suas conseqüências (ver Thomas, *op. cit.*, 181).

Novamente buscaremos o caminho resumido e esquemático para percorrer os pontos centrais do estudo de Thomas. Tanto este autor como Edgard Morin (1970) propõem três tipos de sociedade, segundo a forma com que lidam com seus mortos e como os representam para si, refletindo, assim, o modo como representam a si mesmos. Há, primeiramente, os homens das sociedades 'arcaicas' que, impressionados pela contagiosidade da morte - atestada na decomposição do cadáver - concebem muitos ritos que têm o intuito de frear tal contágio. A contagiosidade é aquilo que me é transmissível, onde o outro é uma espécie de espelho ou duplo. Os ritos visam também favorecer a passagem dos mortos para o mundo dos espíritos. A morte é vista como morte-renascimento, mantendo-se a crença de que os mortos vivem em outro lugar sua vida própria de semelhante modo ao vivente:

*Los muertos, para ellos, no tienen nada de humanos desencarnados, de espíritus, como erróneamente se ha pretendido a menudo. Se trata más bien de dobles, o si se prefiere, de espectros que toman formas de fantasmas, que acostumbran a acompañar al vivo durante toda su existencia, poblando sus sueños, prolongándole en su sombra o en su aliento, hasta pudiendo convertirse en una parte de su cuerpo (el sexo, por ejemplo)*¹¹ (Thomas, *op. cit.*, 182).

Há, também, os homens das sociedades metafísicas, onde se tem uma radical separação entre vivos e mortos. Nestas, há, no mundo dos mortos, uma distinção entre grandes mortos - ou mortos ancestrais, entre os quais alguns chegam a deuses (ver Thomas, *op. cit.*, 182) - e mortos anônimos: *Es así como el hombre llega a concebir la existencia de 'muertos no nacidos jamás' y de 'vivos jamás muertos'. Los antepasados superiores se convierten de ese modo em dioses creadores, en imortales*¹² (*idem*). Nestas sociedades, a noção de duplo desaparece, desaparecendo, assim, a noção de amortalidade que este conceito comporta, surgindo, por sua vez, a de imortalidade, cujo aspecto central é a alma, o espírito. Aqui nesta concepção se encaixam as religiões da salvação. Por último, há os homens das sociedades "modernas", que rejeitam as noções de espíritos e duplos, não dando crédito aos ritos e mitos. O homem da ciência proclama solenemente a morte de Deus:

Los progresos de las ciencias y de las técnicas, el desarrollo del espíritu crítico, la expansión del espíritu individualista y competitivo impuesto por un mundo donde la rentabilidad y el beneficio rempazan a los antiguos valores, dejan solo al

*individuo. La salvación, si existe, no puede estar sino en él, así como la muerte es su muerte, que deberá afrontar sin la ayuda de Dios*¹³ (*ibid.*, 183).

A sociedade negro-africana tradicional é uma sociedade de acumulação de homens e não de bens, como a nossa, cultura de cuidado e valorização da relação entre as pessoas, cultura rica em signos, sobressaindo o espírito comunitário expresso em sua mitologia, ao invés da exaltação do individualismo e da “tanatocracia burocrática” que impera no ocidente (ver Thomas, *op. cit.*, 627).

Na África negra, os mortos ocupam um lugar central na vida social, mas sem deixar de estar “em seu lugar” (ver Thomas, *op. cit.*, 180-1), ou seja, o culto que se lhes deve é exterior e institucionalizado. A morte tem um sentido de continuidade e diálogo, onde se passa, num crescendo de importância, de criança a adulto, a velho e a antepassado; entre nós, a direção é oposta, valoriza-se a juventude. A morte final, derradeira, escatológica, para os negros africanos, só se dá quando o esqueleto desaparece por completo, quando a família do defunto se extingue e quando, por se haver perdido a lembrança do defunto, não se fazem mais sacrifícios para ele e, assim, não se mantém mais como antepassado entre os seus (ver Thomas, *op. cit.*, 53-4). A morte escatológica é a má morte. A crença na sobrevivência coletiva para os negros africanos é mantida pela noção de ancestralidade e há estratégias para se evitar a má morte; uma delas é o “casamento fantasma” (ver Thomas, *op. cit.*, 180), onde, no caso de alguém morrer sem prole, o irmão ou a irmã daquele que faleceu mantém relações sexuais com a viúva ou viúvo para que aquele que morreu tenha quem lhe ofereça sacrifícios: os filhos que nascem de tais uniões são considerados filhos do morto. Nestas sociedades, a morte não suscita o sentimento de ausência irreversível, pois são previstos mecanismos de substituição ou de compensação, tal como a adoção do levirato e sossorato, ou seja, o irmão se responsabiliza por tomar conta da viúva do irmão e aquele que fica viúvo fica com a irmã de sua mulher, como nos esclarece um pouco mais Thomas (*op. cit.*, 180),

*reencarnación parcial o total, real o simbólica, que presentifica al difunto; papel de la familia ampliada y sobre todo del parentesco clasificadorio, donde socialmente los tios son padres, las tias madres, ‘casamiento fantasma’, (...), para darle una progenitura al difunto*¹⁴.

O funeral negro africano é um espetáculo organizado socialmente e que o grupo oferece a si mesmo, porém este não possui qualquer sentido lúdico. Neste, o cadáver intervém de maneira direta no rito, presidindo, por vezes, o seu próprio funeral (ver

Thomas, *op. cit.*, 377). Nas sociedades ocidentais, em contrapartida, Thomas sustenta (*ibid.*, 377-8) que

*la muerte participa de la mayoría de las formas de la comunicación/espetáculo: filmes, piezas teatrales, emisiones televisivas, canciones, novelas. La muerte entra en el circuito de tipo informacional: avisos fúnebres, relatos de asesinatos o accidentes mortales, descripciones (compla-cientes) de catástrofes mortales; o de tipo económico*¹⁵.

Na África negra, a morte é objeto de um rito de passagem com seu cortejo inevitável de sacrifícios, procedimentos adivinhatórios e encantatórios, purificações, consagrações e dessacralizações (ver Thomas, *op. cit.*, 407). Os ritos de passagem podem ser divididos em três momentos diacrônicos (ver Thomas, *op. cit.*, 519; Augras, 1984, 37-8): ritos de separação, ritos liminares (período de transformação) e ritos de reintegração (dos mortos com os antepassados). Estes ritos incluem uma série de atitudes a propósito do cadáver, do ser do defunto, dos doentes, das pessoas da linhagem e do povoado (ver Thomas, *idem*). As cerimônias fúnebres são mais freqüentes no período em que a tristeza é mais intensa e quando¹⁶ (*ibid.*, 522). Em tais cerimônias, há sempre um esforço de presentificação real ou simbólica do morto, onde as estratégias incluem a figura do morto presidindo, majestosamente vestida, o seu próprio funeral, dando a impressão de vida (*idem*), há outros casos em que um parente do falecido, de preferência uma mulher, se vista com adornos do morto, imitando-o e tendo a esposa e filhos deste chamando-o por “marido” ou “pai”. Os *yorubá* tem um rito onde um homem mascarado simboliza o morto e tranqüiliza os sobreviventes sobre seu novo estado, prometendo aos seus abundante progenitura (ver *ibid.*, 523). Fazem-se também cultos das relíquias, onde os objetos, tendo pertencido ao morto, se tornam aptos a provocar uma presença. Há, ainda, ritos que consistem em manifestar um desprezo total pela morte: entre os *diola*, isto é feito na forma de uma festa espalhafatosa e irreverente - pessoas com roupas esdrúxulas, manifestando comportamentos inesperados como gritos jubilosos, congratulações obsequiosas e chistosas, mascaradas, tiros de mosquete, tambores frenéticos, cantos; nestas, somente os parentes próximos permaneciam imóveis e solenemente inexpressivos (ver Thomas, 526).

Thomas nos diz (*ibid.*, 500) que o africano descuida das tumbas, mas faz sacrifícios no altar dos antepassados, e o ocidental visita as tumbas ao menos uma vez por ano (Dia dos Finados), mas raramente manda rezar missas após o primeiro ano de morte.

Há também, nas sociedades tradicionais do tipo estudada por Thomas, mortes imaginárias ou fictícias, ou seja, mortes representadas teatral e ritualmente apenas como

uma simulação. Thomas conta (ver *op. cit.*, 210) a respeito dos ritos vudu em Dahomey, onde se faz um jogo sagrado que é mais ou menos consciente e rigorosamente codificado, culminando em um estado de transe ou sono profundo e em um estado de rigidez cadavérica, que produz a ilusão de uma morte real, seguida, em certos casos, por ritos que lembram funerais.

Na sociedade brasileira do século XIX, ocorreram “funerais fictícios” (ver Reis 1991), que comentaremos a seguir, no capítulo sobre **A Morte e a Festa no Brasil**. Os funerais fictícios brasileiros, embora diferentes dos africanos, também consistiam em teatralizações, dramatizações da morte e enterro.

Na África negra, a festa é tida como uma superação de si e como condição de um renascimento, de modo que a morte de um velho, frequentemente bastante celebrada, *implica siempre en el Africa rural animista, paroxismos, despilfarros, licencias, incluso orgias. Lo que se ha llamado ‘los juegos de entierro’*¹⁷ (Thomas, *op. cit.*, 416).

A cultura negra estudada por Thomas é uma cultura da oralidade, onde a palavra possui uma função metafísica que tem o poder de pôr em movimento as forças (ver Thomas, *op. cit.*, 496) - é a eficácia simbólica de que falou Claude Lévi-Strauss. Nestas sociedades, há a crença no poder da palavra, na onipotência dos antepassados que asseguram ao grupo sua harmonia e sua estabilidade na realidade de um mundo humanizado e hominizado (ver Thomas, *op. cit.*, 518).

O ocidente também tem seus mitos - muito embora a palavra para nós não tenha a mesma eficácia simbólica - mitos-relatos ou mitos-dogmas, que tratam de explicar a aparição da morte tal como o mito-relato do pecado de Adão e Eva ou como o mito-dogma da redenção (ver Thomas, *op. cit.*, 501-2), há também os mitos modernos inconfessados e escondidos sob as roupagens da tecnologia e do consumo (ver Baudrillard, 1981,1993; Certeau, 1993), dos quais falaremos mais adiante. Há, ainda, o atual culto aos heróis, promovido pelos meios de comunicação de massa e embalado pelo povo, através dos quais personagens são eleitos, glorificados e imortalizados (ver Thomas, *op. cit.*, 510-11; Rodrigues, 1991). Eis onde gostaríamos de chegar.

NOTAS

7. Livre tradução: A morte é bem a realidade radical. Pois, no seu inconsciente, cada um está convencido de sua própria imortalidade, não se pode representar para si mesmo a própria morte, não se pode testemunhá-la a não ser como espectador. (...) Mas se **nossa** morte permanece uma experiência fechada, a da morte está entranhada em nosso universo mental.

8. *La muerte imaginaria es la muerte imaginada, la del otro por supuesto, ya que la nuestra escapa a nuestra mirada*, reitera Thomas (1983, 215) [A morte imaginária é a morte imaginada, a do outro, por certo, já que a nossa escapa ao nosso olhar.]

9. *Chercher du côté du non-sens ce dont j'ai besoin pour rendre plus sensible le sens* (Menahem, *op. cit.*, 47) [Procurar no sem-sentido o que seja necessário para tornar mais perceptível o sentido].

10. Livre tradução: O homem tampa os diques de suas crenças mais necessárias com qualquer lama que ache pela frente.

11. Livre tradução: Os mortos, para eles não há nada de humanos desencarnados, de espíritos, como erroneamente se pretendeu no passado. Trata-se, sim, de duplos, ou, se preferirem, de espectros, que tomam formas de fantasmas, que costumam acompanhar o vivo durante toda a sua existência, povoando seus sonhos, prolongando-se em sua sombra ou em seu alento, podendo até converter-se em uma parte de seu corpo (o sexo, por exemplo).

12. Livre tradução: É assim como o homem chega a conceber a existência de 'outros jamais nascidos' e 'vivos jamais mortos'. Os antepassados superiores se convertem, desse modo, em deuses criadores, em imortais.

13. Livre tradução: Os progressos das ciências e das técnicas, o desenvolvimento do espírito crítico, a expansão do espírito individualista e competitivo, imposto por um mundo onde a rentabilidade e o benefício substituem os antigos valores, deixam o indivíduo sozinho. A salvação, se existe, não pode estar senão nele, assim como a morte é sua morte, que deverá enfrentar sem a ajuda de Deus.

14. Livre tradução: reencarnação parcial ou total, real ou simbólica, que presentifica o defunto; papel da família ampliada e, sobretudo, do parentesco classificatório, donde socialmente os tios são pais e as tias, mães, 'casamento fantasma' (...) para dar uma progenitura ao defunto.

15. Livre tradução: a morte participa da maioria das formas de comunicação/espetáculo: filmes, peças teatrais, emissões televisivas, canções, novelas. A morte entra no circuito do tipo informacional: avisos fúnebres, relatos de assassinatos ou acidentes mortais, descrições (complacentes) de catástrofes mortais; ou de tipo econômico.

16. Livre tradução: as pessoas da linhagem se reúnem para beber, comer, cantar para o desaparecido, tudo isso constitui uma maneira de prolongar sua existência aqui embaixo.

17. Livre tradução: implica sempre, na África rural animista, paroxismos, licenças e até orgias. O que se tem chamado 'os jogos de enterro'.

A Morte e a Festa no Brasil

Deus é brasileiro, não porque com Ele (e com o Brasil) tudo poderá sempre dar certo, mas sobretudo porque Ele é feito - como nós - de três pessoas ou espaços distintos e absolutamente complementares. O Pai é a rua, o Estado e o universo implacável das leis impessoais. O Filho é a casa com suas relações calorosas, sua humanidade e seu sentido da pessoa feita de carne e osso. E, finalmente, o Espírito Santo é a relação entre os dois, o 'outro lado' do mistério. A virtude que fica no meio - em cima de um muro!"

DaMatta, 1991, 29

O antropólogo Roberto DaMatta em seus estudos sobre o *modus operandi* da sociedade brasileira propõe três categorias sociológicas¹⁸ - a casa, a rua e o 'outro mundo' - como eixos básicos para se pensar o sistema de costumes brasileiro, ou o que o autor chama de uma certa "gramática ideológica brasileira" (*ibid.*, 21). DaMatta propõe que estes três aspectos interagem, de modo que a ênfase recai na relação que se estabelece entre os três, passando a serem estes, para a nossa sociedade, aspectos complementares, aspectos que, ao se articularem, mostram como, no Brasil, modos aparentemente singulares e até mesmo mutuamente exclusivos parecem conviver harmoniosa e intimamente (*ibid.*, 16).

O 'outro mundo', ou o 'sobrenatural', ainda no sistema de compreensão de DaMatta (ver 1991), é o elo que une a casa e a rua de forma complementar, onde o mundo, dito e vivido como "real", é feito de casa e de rua, de uma rigidez burocrática desvalorizada e vivida como não-eu ou não-meu, contraposta e unida a uma afetividade calorosa, ofertada no seio da casa e das coisas 'caseiras'. O universo dos mortos é a esfera do 'outro mundo', onde se vive o espaço - digamos, espiritualista - para criticar as misérias do mundo, inserindo no espaço social "um outro lugar, uma outra lógica, que nos condena a *todos* a uma igualdade perante forças maiores do que nós" (*ibid.*, 22) [os grifos são do autor]. Vale ressaltar na íntegra a reflexão sobre este 'jeito' brasileiro estudado por DaMatta:

(...) é um sistema de classificação diferenciado e, naturalmente, complementar, que sempre foi percebido e interpretado como 'incompleto', 'inacabado', 'incongruente', ou 'imaturo', como se ele estivesse a meio caminho e indeciso entre várias tendências históricas. Mas o que temos, realmente, é um sistema que apresenta três modos diferenciados e complementares de 'ordenar' e também de re-

*construir e construir ou inventar a experiência social
brasileira (idem).*

Quanto ao equilíbrio entre as três diferentes 'éticas', no Brasil, seguindo o exemplo ibérico e católico e se diferenciando da Europa ocidental e Estados Unidos, o autor especula que talvez tivesse o sentido de manter muitas possibilidades de classificação e formas de compensação social. Nós, diferentemente de americanos e europeus, "*Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar*" (*ibid.*, 23) [os grifos são do autor]. A não ser, ousaríamos dizer, quando se têm os festejos e manifestações populares investidas de grande emotividade.

DaMatta (*op. cit.*) postula ser a sociedade brasileira fortemente motivada e tematizada pelas relações e pelas possibilidades de inventar pontes entre os espaços que a caracterizam - este movimento, segundo o autor, tem uma função relacionada à imobilidade social e aos arranjos políticos que reinam em nosso país, mas que não vem ao caso aqui discutir - sendo a conexão entre estes mais importante que sua oposição. É a partir desta argumentação que o autor afirma ser o Brasil uma sociedade relacional (ver *ibid.*, 28) - em oposição às sociedades individualistas - onde as relações e não os indivíduos é que são valorizadas e fundamentais. Em nossa sociedade relacional, são os mortos - e não a morte - o alvo de nosso interesse:

(...) no Brasil, fala-se muito mais dos mortos que da morte. E isso implica uma estranha contradição, porque falar dos mortos já é uma forma sutil e disfarçada de negar a morte, fazendo prolongar a memória do morto e dando àquela pessoa que foi viva uma forma de realidade. Muito antes de termos consciência de que a morte significa o não-ser e o nada, creio que a maioria dos brasileiros toma consciência dos mortos de sua família, casa, vizinhança, comunidade, nação e século. Essas 'pessoas' que, na forma de espíritos, almas, espectros, heróis e fantasmas aparecem aos seus conhecidos, colegas, compatriotas e confrades para pedir alguma reza, missa, favor ou homenagem (ibid.,151).

A trindade cristã, expressa na metáfora em epígrafe, estabelecida por DaMatta, permite perceber que "a fascinação com um Deus múltiplo e complementar é algo corrente

também fora do catolicismo romano: entidades diferenciadas e atuantes em cada esfera da vida são o foco de toda a gama de religiosidades chamadas ‘populares’” (*ibid.*, 29).

O morto em nosso cotidiano é vivenciado dentro de uma lógica que une mito e realidade, lógica, segundo DaMatta, tipicamente brasileira (ver *ibid.*, 30), posto que aqui mantemos obrigações diante dos mortos e de suas almas, onde “(...) seus aniversários de nascimento e de morte são lembrados, sua memória deve ser cultuada e há até mesmo uma possibilidade curiosa, pois falar periodicamente com eles dá a quem o faz uma certa sabedoria, poder e aquela invejável e tranqüila resignação diante ‘deste mundo’” (*ibid.*, 152) [grifos do autor].

A morte, enquanto problema filosófico e existencial, surge com a “modernidade”, que se funda com a ética do individualismo, exarcebada a partir da ética protestante que promove uma consciência da individualidade e de um homem sozinho diante dos outros e sozinho diante de Deus. A ética individualista é justamente o oposto da ética relacional (ver DaMatta, *op. cit.*, 143-4). Feuerbach (1980, 7) serve para reiterar a posição de DaMatta e nos permite ressaltar a diferença entre uma atitude “moderna” individualista, presente no cristianismo pós-reforma, e a diferença que vigorava mais abertamente até a Idade Média na Europa. Vejamos:

*The belief in the immortality of the individual as such emerges on its own grounds and without disguise only in the modern age, which therefore constitutes the third and most important epoch of this doctrine and belief, and, thus, only in this age does it form a characteristic historical moment that is determinate and determining, that should be grasped and brought to prominence for its own sake. The trademark of the entire modern age is that the human as human, the person as person, and therefore the single human individual in his own individuality, has been perceived as divine and infinite. (...) the focal point of the Protestant believer was Christ, the God-man, or the essence of humanity unified with the essence of God in the shape and form of Christ*¹⁹.

Embora esta pareça uma digressão demasiadamente longa, as diferenças entre uma atitude moderna, filosófica e até científica, que discute abertamente a morte, mas abomina a perpetuação do morto, classificada como uma “sociabilidade patológica” (ver DaMatta, *op. cit.*, 146) e a atitude denominada pelo antropólogo de “tribal” ou “tradicional”, onde, “o sujeito social não é o indivíduo, mas as *relações entre indivíduos são marcantes*. Nestas últimas, o que temos é uma grande elaboração relativamente ao mundo dos mortos, que são

sistematicamente invocados, chorados, lembrados, homenageados e usados sem cerimônia pela sociedade” (*ibid.*, 147). DaMatta ressalta em nossa sociedade o aspecto relacional no lidar com os mortos mais do que com a morte, porém, decerto, não estamos totalmente livres da ideologia do progresso e do consumo que imperam na atualidade, trazendo a reboque toda ideologia da “modernidade” na qual se baseia. O luto no mundo moderno e individualista é escamoteado (ver Ariès e Thomas) e o moribundo, evitado. No Brasil, os opostos convivem e se completam sem maiores dificuldades, pois temos também uma cosmologia fúnebre rica, onde se valorizam os avisos, presságios, sinais, acidentes, coincidências, sonhos e a mediunidade, e onde se dá uma comunicação - e também um comércio e consumo - entre vivos e mortos (ver DaMatta, 1991, 155-6).

DaMatta esquematiza os aspectos contraditórios de nosso sistema de costumes da seguinte forma:

somos pessoas em casa ou com os amigos, quando o mundo é englobado pelos valores da casa; mas somos indivíduos na rua e no trabalho, quando o mundo social é englobado pelos valores das leis universais que, teoricamente, valem para todos. O espaço da rua, repito, é um espaço marcado pela história e pela idéia de progresso com sua implacável linearidade (ibid., 161-2).

No Brasil, o outro mundo, o mundo das pregações messiânicas, o mundo dos mortos, fantasmas, espíritos, almas, espectros, santos, anjos e demônios

(...) é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos e vontades que aqui ainda não puderam se realizar pessoal ou coletivamente (...) é também um espaço que demarca uma zona de incrível igualdade moral (...). É pois em contato com o outro mundo que somos capazes de construir as compensações que muitas vezes não conseguimos realizar quando nos confrontamos com o conflito e o dilema 'deste mundo' (DaMatta, op. cit., 162-3).

Dentro da característica relacional, temos ainda a preservação da memória do morto relacionada à *saudade*, pois, quanto mais intensa a saudade, mais intensa também é a memória do morto ou do lugar (ver DaMatta, *op. cit.*, 166; DaMatta, 1993). O autor ressalta ainda que,

No caso do Brasil, por exemplo, pode desaparecer a relação pessoal entre um dado morto e os seus sobreviventes e relações, mas não desaparece a relação complementar e compensatória entre o mundo dos mortos e o mundo dos

vivos como dois planos fundamentais da existência (...). Os mortos imediatamente se transformam na nossa sociedade, passando a ser pessoas exemplares e orientadoras de posições e relações sociais (...) o culto dos mortos e das relações sociais estabelece um verdadeiro padrão de moralidade nas religiões populares (ibid., 167).

São os mortos, diz-nos DaMatta, que

promovem a possibilidade de uma síntese entre espaços sociais descontínuos e apontam para uma alternância social e moral que parece ser importante em todas as sociedades relacionais. Assim, os modelos de regeneração e vivificação do tipo carnavalesco são comuns em sistemas como o brasileiro, que vive entre o pecado e a salvação, o cotidiano com a festividade, o trabalho com a utopia de um mundo de vadiagem, a fome com os grandes bródios onde a vida pela vida é ardentemente festejada (ibid., 169).

A festa no Brasil se organiza como uma encenação tipicamente barroca (ver Reis, 1991), posto que marcada pelo primado de três elementos fundamentais para a forma de expressão barroca: o lúdico, a ênfase do primado visual e o aspecto persuasório e sedutor (a este respeito ver Ávila, 1971, 22). A forma barroca seria marcada por uma indeterminação de limites e contornos que apela para os recursos da impressão sensorial de modo a conduzir - através de um grau de tensão que retire o espectador de uma posição intelectualizada e contemplativa - a um envolvimento e a um êxtase dos sentidos (ver Ávila, *op. cit.*, 20). DaMatta (1991, 16) pontua o barroco não só como uma arte do passado, mas também como

uma arte brasileira na medida em que sua estilística é precisamente essa: a da capacidade de relacionar (ou pretender ligar com força, sugestividade e inigualável desejo) o alto com o baixo; o céu com a terra; o santo com o pecador; o interior com o exterior; o fraco com o poderoso; o humano com o divino, e o passado com o presente (...).

No excelente estudo de Reis (1991) temos a narrativa sobre a morte e o morrer no Brasil do século XIX, a partir de uma pesquisa centrada no Rio de Janeiro e principalmente na Bahia, os grandes centros na época. A morte, então, no Brasil, era marcada pela festa, pela carnavalização, ou seja, pela celebração da morte, orquestrada pelas irmandades - negras ou não - e pela igreja católica. As irmandades eram, no Brasil do século XIX, os principais veículos do catolicismo popular, sendo organizadas como gesto de devoção a santos específicos, em torno dos quais se organizavam homenagens em exuberantes festas, em troca de proteção aos devotos. As principais festas eram, assim, os dias santos com

suas procissões e os enterros, com seus pomposos cortejos, ambos igualmente muito celebrados, de modo que tais irmandades eram a expressão de um catolicismo influenciado por práticas pagãs e mágicas (ver Reis, *op. cit.*, 59). Festas e procissões eram, então, a maneira mais comum de celebração da vida, de forma que “Esse catolicismo lúdico, espetacular, esse catolicismo barroco, seria também o principal veículo de celebração da morte” (*ibid.*, 70). Os funerais barrocos aludiam aos funerais de celebração da morte dos soberanos na França do século XVII (ver Ariès, 1989, 1989a, 1982), sendo a encenação de uma realeza. Reis (*op. cit.*, 74) afirma serem tais funerais caracterizados pela pompa e pelo luxo medidos, no Brasil do século XIX, pelos panos e caixões utilizados, pelo número de párocos que acompanhavam, pelo número de missas celebradas em favor da alma do morto, pela quantidade de velas queimadas, pelo número de participantes no cortejo e pelo local prestigioso escolhido para a sepultura. No século XIX, aqui, a ‘morte barroca’ era a expressão do bem morrer, sendo marcada por aspectos e rituais preparatórios descritos por Ariès na categoria que ele nomeia como morte domesticada (ver parte anterior sobre Antropotanologia) e detalhada por Reis (*op. cit.*, 100) do seguinte modo:

o individuo administrava seu fim fazendo valer suas palavras. A tradição popular considerava esta uma ‘morte bonita’. Mas morrer assim representava um esforço coletivo. Uma boa morte era sempre acompanhada por especialistas em bem morrer e solidários espectadores.

A participação de muitos era necessária, porque muitos também eram os preparativos: as portas e janelas eram fechadas “para evitar a entrada de Satanás” e só abertas quando o moribundo morria, de modo a “facilitar a saída do espírito do morto” (*ibid.*, 144); os vizinhos se reuniam à família do agonizante e procuravam ajudar,

*As mulheres se lançavam a muitas tarefas, cozinhando, lavando, fervendo e passando roupa para o doente, costurando sua mortalha. Ajudavam também no elaborado banho de água misturada à cachaça e ao álcool. Em meio à fumaça de incenso, os homens se reuniam na sala a conversar sobre doença e morte (Reis, *op. cit.*, 101).*

O cuidado com o defunto era importante para que a alma partisse em paz. Havia as carpideiras, que eram as responsáveis pelos primeiros anúncios de luto, tornando público o fato por seus choros convulsivos e profissionais, acompanhadas, também, pelo choro emocionado das mulheres da família e vizinhas (ver Reis, *op. cit.*, 114).

A marca das festas de santo na Bahia - e também dos cortejos fúnebres - era a carnavalização, que unia e justapunha em sua forma de celebração o sagrado e o profano,

pois as procissões eram acompanhadas de “máscara, dança e cachaça” (Reis, *op. cit.*, 62), como exemplificado pelo relato testemunhal de um observador estrangeiro, impressionado com a

mistura entre o sagrado e o profano nas festas religiosas baianas. Conta ele que, enquanto no interior da igreja os padres rezavam missas ‘com a maior solenidade’, do lado de fora tiros de ‘mosquete, fogos de artifício, tambores, tamborins, clarinetas e gritos do povo formam um coro constante (...) em louvor do céu’ (ibid., 61).

As festas promovidas pelas irmandades, juntamente com a igreja católica, refletiam “tanto uma preocupação com o destino da alma após a morte quanto uma busca de proteção no dia-a-dia, particularmente proteção do corpo, estratégia de enganar a morte” (*ibid.*, 59). Deste modo, a celebração dos santos e dos mortos representava um investimento ritual no destino após a morte, mas também era uma estratégia de tornar a vida mais segura e interessante (ver Reis, *op. cit.*, 61), estando, pois, entre os “principais divertimentos dos cidadãos (...) os ‘suntuosos funerais’ e as festas da Semana Santa” (*ibid.*, 137).

A dialética da vida e da morte, da santidade e da libertinagem, do sagrado e do profano se encontra encenada nas grandes festas populares, quer sejam carnavais, procissões ou comoções funerárias populares (ver Maffesoli, 1982). A festa possibilita a exarcebação da vida, do “querer viver popular [que] reedita também o jogo sem fim da vida e da morte” (Maffesoli, *op. cit.*, 91), onde, garante-nos o autor (*idem*), “o elo que liga a festa à morte supera largamente a simples luta dos pobres contra os ricos, que aí também se manifesta”. A festa seria um dos aspectos do nosso viver que denotam a nossa constante negociação com a finitude, posto que

O lúdico, vale lembrar, é constantemente habitado pela idéia de morte. Sejam as festas primitivas, sejam mesmo simples folguedos, sobre todas as manifestações festivas paira, de modo mais ou menos aparente, a sombra carregada da finitude. Estas manifestações cristalizam assim a angústia do tempo que passa e a integram num ritual, que a torna aceitável (Maffesoli, 1982, 90-1).

Na Bahia, embora as principais festas religiosas tematizassem a morte, tinham a forma de celebrações da vida. Vejamos um exemplo citado por Reis (*op. cit.*, 137):

A vigília que acompanhava o beija-pé da imagem de Cristo morto parecia um animado acampamento. Famílias inteiras

superlotavam a igreja, levando esteiras, cobertores, comida e até penicos; do lado de fora, vendedores ambulantes se misturavam a pessoas cantando e tocando flautas, violões, cavaquinhos e harmônicas.

Na Sexta-Feira Santa ocorria a procissão do Enterro do Senhor, capitaneada pela Ordem Terceira do Carmo [uma irmandade baiana] e acompanhada por inúmeras irmandades, autoridades civis, eclesiásticas e militares, a tropa, o corpo consular e uma multidão que externava sua devoção de forma irreverente e barulhenta. Era a maior procissão da Bahia. O esquife do Senhor Morto ia do Carmo à Sé e retornava sob fogos de artifício.

As mais celebradas procissões brasileiras eram festas em torno de imagens de cadáveres, sendo muito semelhantes aos funerais-espetáculos que pareciam ter nas procissões o seu protótipo (Reis, *op. cit.*, 138). A função de tais festejos, segundo Reis (*idem*), é dissipar a angustia proveniente da desordem e do caos instalado por uma morte.

*Morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano. Embora seja seu aparente contrário, a festa tem atributos semelhantes. Mas se a ordem perdida com a festa retorna com o final da festa, a ordem perdida com a morte se reconstitui por meio do espetáculo fúnebre, que preenche a falta do morto ajudando os vivos a reconstruir a vida sem ele (*idem*).*

Louis-Vincent Thomas (1983, 416) vem reiterar o exposto acima, acrescentando que a festa é um fenômeno de “dessocialização-indivuação”, dado que encena um caos primordial e promove uma subversão de valores, misturando sagrado e profano, comida e sexualidade, violência e mortes. De fato, a cada carnaval em nossa cidade temos dezenas (ou serão centenas?) de mortos, em decorrência dos próprios excessos dos festejos.

As pompas fúnebres são, portanto, mais consolo para os vivos que alívio para os mortos e, quanto mais pomposo o funeral, mais prestigioso o morto e os que a ele se associam, nos festejos, pois sabemos que há “uma relação direta entre o barulho e a importância do morto” (Reis, *op. cit.*, 154). Passaremos a uma breve apresentação de alguns mortos no Brasil que mereceram imenso barulho.

Temos dois curiosos funerais fictícios, ou seja, funerais sem cadáveres, muito celebrados na Bahia e Rio de Janeiro do século XIX; J. J. Reis nos diz que tais funerais eram comuns na época, em especial no caso de nobres; Reis (*op. cit.*, 163) afirma que sempre que morria um monarca na Metrópole, aqui na colônia se organizavam suntuosas exéquias. Vejamos dois deles.

A morte de d. João V foi “grandiosamente celebrada no Brasil”:

Na Bahia, os sinos não paravam de bater em todas as igrejas durante três dias. Uma armação coberta ‘de veludo negro, agalado, e franjado de ouro’ foi levantada na Sé, acima da qual foi colocado o retrato do monarca, iluminado por quinhentas velas, dezesseis archotes e 32 tocheiros. O ofício fúnebre foi celebrado pelo bispo, o cabido e 150 padres; a música contou com um coro de 180 sacerdotes. Em longa procissão, as autoridades, fidalgos e nobres chegavam ao mausoléu e ‘fazião huma profunda reverência ao Retrato de S.M., que nelle se offerencia aos olhos de todos, para mayor incentivo da mágoa’. Do lado de fora da Catedral, o povo se comprimia, distante do soberano mesmo na morte, mesmo em imagem. Também em outras igrejas paroquiais se construíram ‘Túmulos magníficos, Música excellente, e Panegyricos elegantes’ para lembrar o morto e sua monarquia. Sabemos dessas e muitas outras coisas dessas barroquíssimas cerimônias porque fazia parte da morte dos grandes escreverem-se longos ‘panegiricos’, louvando em prosa e verso a vida exemplar do defunto e descrevendo detalhadamente tudo sobre seu funeral (Reis, op. cit., 163-4).

Em junho de 1816 a rainha-mãe d. Maria I - que há tempos já estava doente e por isso quem reinava era seu filho, o príncipe regente d. João - morreu na corte do Rio de Janeiro, mas a cidade da Bahia participou também com “grande brilho das exéquias à distância, que incluíram uma solene procissão fúnebre e a armação de uma grande tumba que encenava a presença do cadáver real” (Reis, op. cit., 164). A respeito deste temos o seguinte comentário: “O funeral real intimidava, fazia ainda menor o comum mortal e imortalizava a monarquia aos olhos dos súditos coloniais. Um ritual barroco da ordem, magnífico espetáculo visual: ‘cousa nunca vista nesta Cidade’, escreveu extasiado o pobre cronista” (ibid., 165).

Um colaborador do *Jornal do Brasil*, Gerardo Mello Mourão, em recente artigo (25/12/95, ver bibliografia) comenta, *en passant*, o grandioso enterro do Barão do Rio Branco no Rio de Janeiro. O Barão morreu em 9 de fevereiro de 1912 (Enciclopédia Mirador). Vejamos:

Nélson Rodrigues costumava dizer, sempre que queria escrever um grande acontecimento: ‘Foi quase tão grande como o enterro do barão’. O barão era o barão do Rio Branco. Seus funerais levaram às ruas quase toda a população do Rio. Na despedida ao seu estadista maior, a cidade não queria ficar atrás de Buenos Aires, onde um

milhão de argentinos acompanhara ao cemitério, em 1906, a carreta militar com o caixão de Bartolomeu Mitre. Mas a morte do barão recebeu homenagens ainda maiores. Um de seus bisnetos, Miguel do Rio Branco, nosso fotógrafo de pupila mais sagaz, gosta de dizer que a única vez em que o povo carioca deixou de festejar o carnaval foi em respeito à morte de seu bisavô.

Para quem conheça a história do Rio, não é fácil imaginar um ano sem carnaval. O barão não era artista de rádio, nem de televisão, não era craque do futebol, não era líder popular de qualquer partido. Era apenas um diplomata de tempo integral (JB, 25/12/95).

O artigo apenas cita a passagem sem o intuito de tecer qualquer tipo de análise, porém cremos que o barão não era “apenas um diplomata”, era um *Barão*, um nobre.

Nosso objetivo não é, de forma alguma, apresentar uma listagem exaustiva, pois não apenas isto talvez se constituísse, por si só, num bom objeto de pesquisa, como também seria por demais ambicioso de nossa parte, tendo em vista os inúmeros relatos de manifestações grandiosas que sucedem o anúncio do falecimento de personalidades de conhecimento público e se transformam em grandes festas populares, onde, além do choro e comoções, têm-se aplausos, cantos, aclamações; Rodrigues (1991, 55-73) nos oferece vários desses exemplos, onde se inclui o da morte do ex-presidente do Brasil, Tancredo Neves. A morte de Tancredo foi mais um desses eventos, tendo ocorrido no ano de 1985, nas proximidades da Semana Santa, Tancredo mereceu rezas de ateus e comparações com Jesus Cristo, como narra Augras em artigo do *Jornal do Brasil* na época (13/4/85). É importante marcar a recorrência de tal tipo de festejo em nossa sociedade, pois o objeto de nossa pesquisa é a publicação a respeito da morte e exéquias de Ayrton Senna da Silva, cuja grandiosidade das homenagens e pompas fúnebres muito nos lembram as de d. João V, d. Maria I, do Barão do Rio Branco e de Tancredo Neves, aqui narradas.

NOTAS

18. A definição de categorias sociológicas apresentada por DaMatta (*op. cit.*, 17) é a seguinte: são “noções através das quais uma sociedade *pensa a si mesma* e institui como seu código de idéias e valores, sua cosmologia e seu sistema de classificação das coisas e do mundo; e também para traduzir aquilo que a sociedade *vive e faz* concretamente - o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores” [os grifos são do autor].

19. Livre tradução: "a crença na imortalidade do indivíduo como tal emerge na sua própria base e sem disfarce só na idade moderna, que, assim, constitui a terceira e mais importante época desta doutrina e crença, e, portanto, apenas nesta época é que forma uma momento histórico determinado e determinante, que deve ser entendido e ressaltado por si mesmo. A marca registrada da modernidade inteira é que o humano como humano, a pessoa como pessoa e, portanto, cada humano individualmente, em sua própria individualidade, foi percebido como divino e infinito. (...) O ponto focal do crente Protestante era Cristo, o Deus-Homem, ou a essência da humanidade unificada com a essência de Deus no formato e forma de Cristo."

SEGUNDA PARTE: O IMAGINÁRIO E A MORTE

O cadáver, o imaginário e a morte

*Dar la vida es el acto de la Palabra de Dios en la creación, pero es también el acto de la palabra del hombre en la muerte. La separación radical consigo mismo en el don de vida donde la Presencia se manifiesta como una relación por igual de identidad y de diferencia, se vive por Dios en el acto de crear, y por el hombre en el acto de morir(...)*²⁰.

Vasse in Thomas (1983, 496)

Ser humano é saber-se mortal. A consciência da morte é a marca da humanidade do ser, pois é no momento em que se toma consciência da própria finitude, no funeral de um outro, que a vida se carrega de todo o peso de uma sujeição a um destino do qual não se pode escapar (ver Rodrigues, 1983). Os primeiros indícios de um culto funerário foram encontrados no homem de Neandertal, segundo Edgar Morin (1973); o Neandertalense é o último anterior a nós na escala evolutiva, sendo já *Homo sapiens*. Morin (*op. cit.*, 101) afirma que

Quando o sapiens surge, o homem já é socius, faber, loquens. A novidade que o sapiens traz ao mundo não está, portanto, conforme se havia pensado, na sociedade, na técnica, na lógica, na cultura. Encontra-se, por outro lado, naquilo que até o presente fora considerado epifenomenal ou ridiculamente considerado indicio de espiritualidade: na sepultura (...).

A sepultura e o rito funerário selam o início de uma crença no renascimento ou na sobrevivência do morto sob a forma de “espectro corporal” (ver Morin, *op. cit.*), e esta, desde então, é uma característica encontrada em todas as sociedades arcaicas de que se tem notícia, sendo possível, segundo Morin (*op. cit.*), postular a universalidade dos ritos

funerários nos grupamentos humanos. É interessante assinalar que a nova consciência de que o Neandertalense é portador não se refere ao reconhecimento da morte; Morin (*op. cit.*, 102) lembra que há animais capazes de se “fingirem de mortos” para enganar um predador, e nem tampouco se refere à concepção da morte como perda ou desaparecimento irreversível, característica também observada em animais; a novidade é a concepção de morte como transformação de um estado em outro, a partir daí o homem, agora angustiado, porta a marca de uma capacidade imaginativa. O *Homo sapiens* não sente a morte meramente como uma “lei” da natureza, a morte, percebida como ameaçadora, o impele à criação de ritos e mitos que versem sobre transformação, expressando também a preocupação de que os vivos possam ser protegidos da irritação dos mortos, fazendo dos ritos a possibilidade de uma boa passagem. Agora, “O corpo morto oferece uma presença ausente da vida” (Augras, 1995, 156) e surge, assim, a expressão de um pensamento que não é totalmente investido no ato presente e que comporta uma percepção do tempo. É deste modo que a percepção do tempo surge concomitantemente à percepção da morte no humano. Os ritos presentes visam a um futuro e pontuam a irrupção do imaginário na percepção do real. Morin (*op. cit.*, 103) postula ser “(...) todo um aparelho mitológico-mágico que emerge no *sapiens* e se encontra mobilizado para enfrentar a morte”. O imaginário surge para lidar com a estranheza e ambigüidade que se instalam como marcas inescapáveis ao homem, emergindo da angústia da percepção da morte - inaceitável e apavorante, posto que aniquiladora - unida com a duplicidade, expressa na tentativa de fazer interagir uma consciência objetiva, que reconhece a mortalidade, com uma consciência subjetiva, que buscará incessantemente afirmar a imortalidade, ou, pelo menos, a “transmortalidade” (ver Morin, 1973). O imaginário pode ser pensado como um sistema protetor, por ser fonte produtora de crenças.

A decomposição do cadáver sugere a imagem de uma morte definitiva e também inaceitável, suscitando na consciência individual e grupal conjuntos de representações codificados. É possível postular ambos, como Thomas o faz (ver 1983, 210), um imaginário *stricto sensu*, definido como fantasia individual, imagem sensível, aparência; e um imaginário *lato sensu*, que engloba o anterior e abarca toda a produção simbólica, linguística e do desejo - é o lugar dos mitos e fantasias coletivas, lugar dos rituais simbólicos e operatórios próprios de um grupo. O imaginário em seu sentido *lato*, teorizado também por Castoriadis (ver 1982) - Imaginário Social, apresentado a seguir - e

por Gilbert Durand (1984, 13) - que especula que a função da imaginação será “a maior tarefa de pesquisa no século XXI” - é o foco de nossos estudos teóricos, posto que, no que tange aos ritos fúnebres, é toda a coletividade que se manifesta.

A tanatomorfose induz uma série de atitudes quanto ao destino do cadáver, que pode variar desde o abandono, a conservação, destruição ou idealização, sendo o tratamento dado ao defunto correlativo à atitude diante deste: a inumação (enterro), imersão (água), cremação (fogo) e exposição e mumificação (ar) para conservação (ver Thomas, *op. cit.*, 308-9). Cada um desses gestos se relaciona com crenças e atitudes diante da morte, tais como pureza ou impureza, temor de retorno e permanência (negação da morte). Todo gestual se constitui como ação simbólica que, por sua vez, é fruto do imaginário. A produção simbólica se dá ao redor da oposição sugestão/ocultação, onde ela sugere, sem explicar, extraíndo do concreto uma significação própria e carregada de afetividade, de modo que, *oculta revelando y revela ocultando* (Thomas, *op. cit.*, 516). É pelo símbolo que é possível superar a contradição morte/renascimento, pela via ritual (ver *ibid.*, 516). Thomas (*ibid.*, 310-11) reitera:

Tal es quizás la paradoja de la muerte. “Si bien la muerte encarna el principio de realidad en su crueldad absoluta, ella sólo puede ser significada por medio de la fantasía. En efecto, el ‘cadáver’, tan difícil de nombrar (el cuerpo, los despojos, los restos), no es más que un significativo vacío que funciona terriblemente pero sin sujeto fenoménico”. Y sin embargo, la Iglesia hace comparecer a este cuerpo en el templo, cerca del altar. Hay allí una actitud a la vez tranquilizadora y generadora de angustia. Tranquilizadora porque el muerto está allí; angustiante, “en la medida en que este discurso de la ‘presencia’ mortuoria es totalmente otro y extraño, inasimilable, imposible, a la vez que ineluctable”²¹.

O símbolo age como um catalisador de ritos para uma coletividade, possibilitando uma circulação entre planos diferentes e antagônicos, promovendo e possibilitando uma identidade coletiva. A dramatização teatral da morte - imaginarizada, portanto - permite a desdramatização do morrer para o homem.

No plano das fantasias, desordem, impureza, sexualidade, violência, alimento, perda e recuperação se conjugam em mitos e ritos para permitir ao homem lidar com o tema da morte, dominá-la mediante o recurso do imaginário (ver Thomas, *op. cit.*, 532). A função do imaginário é a de lidar com o contraditório, com a ambivalência:

Tal es la ambivalencia mayor de lo imaginario, introducir la vida en la muerte o la muerte en la vida, para asegurar

*mejor el triunfo de la vida sobre la muerte. Pues el apego a la vida no es quizás nunca tan fuerte como en el momento en que corremos el riesgo de perderla. Pero ocurre entonces que el precio a pagar es más oneroso el que se esperaba*²² (Thomas, *op. cit.*, 582).

O preço a pagar de que fala Thomas acima é a tensão entre o signo e o vivido nas pulsões. Esta tensão faz parte de nossa humanidade. Por isso, ousamos sustentar aqui que, apesar de toda mercantilização de nossos dias, o imaginário permanece ativo, apropriando-se de signos, produzindo mitos e realizando sua *catarsis*. Talvez o maior traço de nossa sociedade de consumo seja a rapidez da mudança de tais signos que circulam quer como “tarôs”, quer como “anjos da guarda”, “heróis salvadores da pátria”, quer como efeitos milagrosos decertos produtos, ou qualquer outra roupagem mercantilística que ele possa vir a assumir; isso sem falar no imaginário científico que investe milhões em estudos genéticos e de enzimas e crê na suspensão criogênica. O sagrado de nossos dias é revestido da profanação do transitório consumível.

NOTAS

20. Livre tradução: **Dar a vida** é o ato da Palavra de Deus na criação, mas é também o ato da palavra do homem na morte. A separação radical consigo mesmo no dom da vida onde a Presença se manifesta como uma relação igualmente de identidade e diferença, se vive por Deus no ato de criar, e pelo homem no ato de morrer...

21. Livre tradução: Tal é, talvez, o paradoxo da morte. ‘Embora encarne o princípio de realidade em sua crueldade absoluta, ela só pode ser significada por meio da fantasia. De fato, o ‘cadáver’, tão difícil de nomear (o corpo, os despojos, os restos), não é mais que um **significante** vazio, que funciona terrivelmente, mas sem sujeito fenomênico. E, sem dúvida, a Igreja faz comparecer este corpo no templo, em volta do altar. Há ali uma atitude ao mesmo tempo tranquilizadora e geradora de angústias. Tranquilizadora, porque o morto está ali; angustiante, na medida em que este discurso da ‘presença’ mortuária é totalmente outro e estranho, inassimilável, impossível, já que é inelutável.

22. Livre tradução: Tal é a ambivalência maior do imaginário, introduzir a vida na morte ou a morte na vida, para melhor assegurar o triunfo da vida sobre a morte. Pois o apego à vida talvez não seja nunca tão forte como no momento em que corremos o risco de perdê-la. Mas ocorre, então, que o preço a pagar é mais oneroso do que se esperava.

Linguagem: condição de visibilidade do imaginário

*Es preciso que el ser humano extraiga de su carne atormentada el símbolo, sin el cual no podría vivir.
Tal es, en la humanidad, la dura ley de los Padres: el símbolo o la Muerte, Habla o muere*²³.

Ortigues (inédito) in Thomas (*op. cit.*, 547)

Será sempre necessário um morto para que haja fala.
Certeau, 1993, 11

A partir da consciência da morte, buscamos, pela fala, não tanto dizer a “realidade”, mas construí-la pela invenção de um destino próprio. Augras (1986, 65) reitera para nós que “A linguagem, que aparece concomitantemente à emergência da consciência da morte, tenta reconstruir um mundo aceitável, criado a partir dessa angústia primordial, e, em certo sentido, contra ela”. A linguagem se presentifica como a portadora de nossa ambigüidade, pois por ela nos engajaremos em construções imaginativas que, ao tentarem negar a mortalidade, a estarão também afirmando. Os mitos e os ritos são tentativas de exprimir, reabsorver e também exorcizar, tudo ao mesmo tempo, a angústia frente à morte. Na narrativa do mito, o homem recusa e nega a morte, construindo soluções para vencê-la, ao mesmo tempo em que a expressa. O ato da fala é o meio de expressão/produção de uma capacidade criativa, sendo a forma como “encarnamos” tanto nossas respostas quanto nossas perguntas. A palavra testemunha a cisão primordial do humano em uma dupla consciência, ao nos capacitar a conferir presença a coisas ausentes.

É desde o nascimento, ao entrarmos no mundo, que a sociedade nos arranca da *a-temporalidade* e da *analteridade* e nos impõe, ao instituir-nos como indivíduos sociais, o reconhecimento do outro, da diferença, da limitação e da morte. É desde então que iniciamos nossa infindável busca de sentido. Imposta a ruptura, o sujeito se constitui como sujeito do desejo, desejo do outro, já que, desde seu nascimento, ele não se diz, mas é dito por alguém, existindo como parte do mundo de um outro. Este sujeito se encontra desde o início imerso no social, sendo

(...) olhar e suporte do olhar, pensamento e suporte do pensamento, é atividade e corpo ativo - corpo material e corpo metafórico. Um olhar no qual não existe o já olhado nada pode ver; um pensamento no qual não existe o já pensado nada pode pensar (Castoriadis, 1982, 124).

O desejo que se institui frente à limitação, pela busca de uma plenitude, é marcado pela falta de um objeto que o satisfaça; e é esta falta, primordial e constitutiva, que é o motor de um fluxo perpétuo de “imaginação radical”, expressão cunhada por Castoriadis (*op. cit.*) para marcar a fonte das fantasias, por ser fluxo indissociavelmente representativo/afetivo/intencional, onde a falta não adiciona nada às fantasias, mas é o que permite que estas existam. A falta é o conceito teórico que se utiliza para tentar falar de um suposto, porque sonhado, estado “monádico” primordial da psiquê, que pressupõe um estado inicial onde o sujeito está em todo lugar e onde a psiquê estaria necessariamente excentrada em relação a ela mesma. Castoriadis propõe ser “A psiquê ... seu próprio objeto perdido” (*ibid.*, 339), e sustenta que “O que falta, e que faltará sempre, é a irrepresentabilidade de um ‘estado’ primário, o antes da separação e da diferenciação, como proto-representação que a psiquê já não é capaz de produzir (...)” (*idem*).

Para o humano, nada é instituído sem frase, nem ele próprio. “A linguagem não é somente instrumento de comunicação entre diferentes consciências, ela é o fundamento da consciência com ela mesma (...)” (Castoriadis, 1982, 381). A palavra, sendo representação e construção simultaneamente, se torna transformação incessante, ao possibilitar a originalidade de usos não habituais do habitual. Ela é condição *sine qua non* do pensamento, sendo fluxo representativo que permite “realizar”, ou seja, colocar na realidade, as representações imaginárias. Pensamento implica figuras/esquemas, imagens, imagens de palavras, produzindo significações que remetem interminavelmente à outra coisa, que são sempre tanto significações quanto não-significações (ver Castoriadis, 1982), já que o significado de uma palavra é tudo aquilo que a partir ou a propósito desta palavra pode ser socialmente dito ou por dizer, pensado, repensado, ou por pensar, feito ou por fazer.

A linguagem é também o fator unificante dos grupamentos humanos, fornecendo significados, ao criar estruturas simbólicas que possibilitam que as diferenças se ordenem, mas é também processo incessante e faz emergir os mais diversos e opostos conteúdos, instituindo um mundo em constante movimento. A linguagem é uma forma de tentar transformar os perigos de entropia em signos de ordem, inclusive de simbolizar, para o todo social, a morte em vida. Para os homens, morrer não é um gesto solitário, a dissolução do

corpo biológico é comunitariamente partilhada, portando o sentido do aniquilamento do corpo simbólico que une os homens em laços sociais. (Rodrigues, 1991, 55).

A linguagem tenta regulamentar pela onipotência do verbo, atitudes e comportamentos de modo a 'domesticar' a morte. Esta linguagem não se faz só de palavras e frases, faz-se também de silêncios, de gestos e mímicas, sendo penetrada pela fantasia individual e coletiva, realizando-se como imaginário social. Thomas, complementa ainda, sustentando que

*Representarse la muerte no es sólo vivirla en imagen, en nuestros sueños, obsesiones, impulsos, para desejarla o temerla (muerte fantasiada), o para integrarla en un sistema filosófico (muerte inteligida); es también materializarla en frases, en formas, en colores, en sonidos*²⁴ (Thomas, *op. cit.*, 186).

A linguagem é, na realidade, a própria condição de visibilidade do Imaginário, produzindo figuras "estáveis" através das quais este se torna visível e passa a existir; é pela linguagem que o imaginário emerge como instância de ruptura e de ordenação do ser (ver Castoriadis, 1982, 241).

NOTAS

23. Livre tradução: É preciso que o ser humano extraia de sua carne atormentada o símbolo, sem o qual não poderia viver. Tal é, na humanidade, a dura lei do Pai: o símbolo ou a Morte, Fala ou morre.

24. Livre tradução: Representar a morte não é só vivê-la em imagem, em nossos sonhos, obsessões, impulsos, para desejá-la ou temê-la (morte fantasiada), ou para integrá-la em um sistema filosófico (morte entendida); é também materializá-la em frases, em formas, em cores, em sons.

O imaginário: verdade da possibilidade criadora de ilusões

O homem é o que não é o que é, e que é o que não é.
Hegel (*apud* Castoriadis)

A irrupção da morte em nossas consciências é, ao mesmo tempo,

(...) a irrupção de uma verdade e de uma ilusão, a irrupção de uma elucidação e do mito, a irrupção de uma ansiedade e de uma segurança, a irrupção de um conhecimento objetivo e de uma nova subjetividade e, principalmente, de sua ligação ambígua (Morin, 1975, 104).

O homem é um ser invadido pelo imaginário, ser imaginante, que conhece a morte, mas não pode acreditar nela, um ser marcado pela incerteza e que busca nos deuses e nos espíritos, nos ritos mágicos e nos mitos, desfazer-se das incertezas, exercitando, pela criatividade, os devaneios e ilusões, criando e encobrendo o 'real' com o imaginário. O real, para nós, é justamente o que fazemos ser, via nossas funções imaginárias. O imaginário surge como uma forma de lidar com o incompreensível, como uma tentativa de 'domesticação' de nossa "realidade" eternamente indômita, acerca da qual o que podemos saber é aquilo que construímos em nossas representações. O imaginário é a relação de um modo de compreender - via representações - com o incompreensível que ele faz surgir - nas criações (ver Castoriadis, 1982).

A partir de Cornélius Castoriadis (1982) podemos postular o imaginário como "Imaginário Social", posto que é, inseparável e concomitantemente, individual e coletivo, postulado como condição de existência da sociedade como humana (*ibid.*, 195), já que é o que possibilita que a sociedade possa, a cada momento, delimitar suas categorias de "verdadeiro" e "falso", organizando o diverso e produzindo pluralidades, fazendo com que sujeitos existam. Nesta perspectiva, o imaginário não pode de forma alguma ser reduzido, como amiúde se faz, à idéia de invenção alienante, como mera capacidade de combinar elementos para produzir outros. Castoriadis nos ensina que "(...) a criação pressupõe, tanto quanto a alienação, a capacidade de dar-se àquilo que não é (...)" (*ibid.*, 161). A racionalidade cultuada em nossa sociedade é também uma das formas de expressão do

imaginário. O imaginário não se reduz ao 'especular', mero reflexo, ficção. Não é necessário, sustenta o autor (*op. cit.*), que este mundo seja imagem de alguma coisa, desvelando o platonismo subjacente em nossos preconceitos, os quais nos mantêm no subsolo de uma caverna a ver sombras.

O Imaginário é "(...) criação incessante e essencialmente indeterminada (sociois-tórica e psíquica) de figuras/formas e imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de 'alguma coisa'. Aquilo que denominamos 'realidade' e 'racionalidade' são seus produtos (*ibid.*, 13).

Michel de Certeau (1995) afirma com veemência que, embora não nos demos conta ou, mesmo, que busquemos desacreditar e pôr de lado nossas ideologias e mitologias a favor de uma elevada organização técnico-científica, "A linguagem do imaginário multiplica-se. Ela circula por todas as nossas cidades. Fala à multidão e ela a fala. É o nosso, o ar artificial que respiramos, o elemento urbano no qual temos de pensar" (*ibid.*, 41). De tal forma que, na realidade,

(...) o desenvolvimento técnico que acarreta o descrédito das ideologias não elimina a necessidade à qual correspondiam. Transforma as crenças em lendas ainda mais carregadas de sentido (qual?, não se sabe mais). Marginaliza as doutrinas que, transmutadas em nuvens cintilantes, evocam sempre razões para viver (idem).

A busca de um paraíso perdido é a função do imaginário, e esta é uma característica inescapável do homem. Hoje, nossas mitologias se mostram sob a forma de grandiosos espetáculos visuais, que se tornam os álbis da ação. Já que não podemos fazer, podemos contentar-nos em ver. Em nossa sociedade, segundo Certeau (*ibid.*, 43), aquilo que mais vemos, o que nos é oferecido para consumo (imagens em revistas, na TV, nos *outdoors* de qualquer esquina) é aquilo que mais nos falta.

O imaginário se articula no social com uma dupla dimensão de coletivo e de anônimo, sendo para cada um e para todos nós uma relação simultânea de interioridade e exterioridade, de participação e de exclusão, só podendo ser pensado enquanto inerentemente também histórico. O sujeito não pode ser redutível nem à psiquê e nem à sua instituição socioistórica; ele emerge no jogo dialético de ambas, sendo sempre outra coisa e mais do que sua definição social de indivíduo (ver Castoriadis, *op. cit.*). "O social é o que é todos e não é ninguém, o que jamais está ausente e quase nunca presente como tal, um não-ser mais real que todo ser, aquilo em que mergulhamos totalmente, mas que nunca podemos apreender 'em pessoa'" (*ibid.*, 135). Assim, a significação encontra, incontestavelmente,

seus pontos de apoio no inconsciente dos indivíduos; no entanto, esta condição não é suficiente, e sequer se pode afirmar se é condição ou resultado (ver Castoriadis, *op. cit.*, 174). Impossível isolar a psiquê de um *continuum* social. O sujeito é necessária e indissolúvelmente produtor/produto do imaginário, pois, por certo, “(...) não existimos para dizer o que é, mas para fazer ser o que não é (...)” (*ibid.*, 197). E é deste modo que a morte é, para nós, tornada aquilo que ela não é, mas que passa a ser por nossas representações/construções imaginárias.

O Imaginário é a função através da qual é possível transformar o mundo segundo o desejo do homem.

TERCEIRA PARTE: ESTÉTICA DO OLHAR - MITO E CONSUMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Voyeurismo moderno: o ver como sinônimo do ser

La muerte espectáculo no es un hecho nuevo: desde las arenas antiguas donde los cristianos padecían el martirio hasta los carretones de la Revolución francesa o las ejecuciones capitales de hoy hechas en público (Sudan, Irak), sin olvidar los actos de tauromaquia, los hombres han gustado siempre de asomarse a la muerte de los otros.

Thomas, 1983, 189

O regime de imagens de uma sociedade é uma via de acesso privilegiada ao conhecimento do imaginário social; as representações produzidas e consumidas escancaram os medos, anseios, as obsessões e os delírios de uma sociedade. O homem contemporâneo é regido por imagens em todas as suas dimensões; o *socius* é organizado através de relações de comunicação e informação apoiadas em *mass media*, onde se fornecem imagens de entretenimento e de referência (ver Sodré, 1987). “A linguagem do imaginário multiplica-se. Ela circula por todas as nossas cidades. Fala à multidão e ela a fala” (Certeau, 1993, 41). Segundo Certeau (*op. cit.*), o que se encontra nas imagens ofertadas é uma história daquilo que “não se faz”, ou seja, uma história ausente, onde “(...) os objetos que povoam o imaginário fixam a topografia daquilo que não mais se faz, [e] podemos nos perguntar se, reciprocamente, aquilo que *mais vemos* não define hoje aquilo que *mais falta*” (*ibid.*, 43).

Até os séculos XVI e XVII, o mundo ocidental possui uma voz que lhe fala e lhe ordena a vida: a voz do Rei e a voz de Deus como sinônimas. No século XVIII, com a ruína das grandes sínteses filosóficas, dá-se a crise que inaugura a “modernidade”, o trono do rei está vazio e “Deus está morto!” (ver Certeau, 1994, 229). Instaure-se, a partir de então, a sociedade do “progresso”, onde o mito já não tem mais um lugar assegurado, e onde “O mito diz o não-lugar do acontecimento ou um acontecimento que não tem lugar

(...)” (*ibid.*, 243). A modernidade nasce justamente de uma vontade observadora que luta contra a “credulidade” e contra a “superstição”, sendo nessa luta que surge o problema da comunicação, nas palavras de Certeau (*ibid.*, 229): “Com o desaparecimento do Primeiro Locutor surge o problema da comunicação, ou seja, de uma linguagem que se deve *fazer* e não mais somente *ouvir*”. A verdade passa a ser decorrente de uma vontade de querer fazer, bem marcada já no método cartesiano. A partir do momento em que a verdade já não é mais dada, desaparece também a garantia de uma identidade, agora, esta depende de uma produção, de uma iniciativa contínua e infundável (Certeau, *op. cit.*). A mídia surge, em nossa sociedade, como a informante (aquela que dá forma) das identidades, instaurando nova credulidade, pela afirmativa de que aquilo que ela dá a ver é ditado pela própria Realidade. “Assim, a crença se retira de um mito e o deixa quase intacto, mas com destino diferente, transformado em documento” (*ibid.*, 281). Portanto, onde ontem havia ficção, em lugares circunscritos, em regiões ora nomeadas como do obscurantismo, hoje a ficção satura todo o corpo social, estando em toda parte - ruas, prédios, casas... - desde o amanhecer até a noite, é oferecida ao olhar como ficção erótica, ficção científica e até ficção mágica, e está à venda nas TVs, nas revistas e nos jornais. Deste modo, dá-se atualmente a instituição do real, onde o real contado e mostrado dita interminavelmente aquilo que se deve fazer, organizando nossos trabalhos, nossas festas e, inclusive, nossos sonhos.

Hoje, a ficção pretende presentificar o real, falar em nome dos fatos e, portanto, fazer assumir como referencial a semelhança que produz. E os destinatários (e compradores) dessas legendas não estão mais obrigados a crer no que não vêem (posição tradicional), mas a crer no que vêem (posição contemporânea) (ibid., 288).

Certeau explicitamente (e outros autores, tais como Deleuze, mais implicitamente) sustenta que houve uma mutação no paradigma do saber, onde um novo modelo ótico substitui os anteriores e funda um campo de investigações óticas (ver Certeau, *op. cit.*; ver Deleuze, 1991). “O ‘simulacro’ contemporâneo é, em suma, a localização derradeira do crer no ver, é o visto identificado com aquilo que se deve crer (...)” (Certeau, *op. cit.*, 289). A mídia porta, ao mesmo tempo, o sentido e o contra-sentido, atuando em todas as direções, de modo que “*Myth exists, but one must guard against thinking that people believe in it. This is the trap of critical thinking that can only be exercised if it presupposes the naïveté and stupidity of the masses*” [Mito existe, mas se deve resguardar de se pensar que as pessoas acreditam nele: esta é a armadilha do pensamento crítico que só pode ser exercitado sob o pressuposto da ingenuidade e estupidez das massas] (Baudrillard, 1994, 81). Em sua teorização sobre o simulacro, Baudrillard nos ensina ser perigoso desmascarar imagens, pois estas dissimulam o fato de não ter nada por trás delas (*op. cit.*). Nos tempos atuais, a morte do

referencial divino deve ser exorcizada a todo custo justamente porque Deus só é pensável enquanto simulacro de si mesmo, ou seja, as imagens que se erguem não são meramente imagens distorcidas da verdade e, sim, simulações que giram em torno de si mesmas. O simulacro não é absolutamente irreal, porém ele só pode ser substituído por si mesmo em um circuito sem referência (Baudrillard, *op. cit.*, 5-6). Baudrillard (*ibid.*) reitera que o grande trauma da modernidade é o declínio de seus referenciais fortes, que desemboca em uma era da simulação. Ou seja, o simulacro é o fascinante duplo de si mesmo, e tal fascínio decorre, nos diz Boorstin (1961), da possibilidade da perda de si no outro, posto que, ao nos identificarmos com o que vemos, nos podemos excluir enquanto identidades originais. A imagem projeta e constrói o homem ordinário que é simultaneamente cada um e ninguém; este é fabricado e fabrica fora de si o Outro, que são deuses, heróis ou simplesmente anônimos.

“A imaginação tem como equivalentes o ato de ver e o fato de ser visto. O fenômeno da fascinação consiste precisamente em saber que se é visto com intensidade, ou melhor, em se ver sendo visto” (Sodré, 1987, 14). Eis nosso voyeurismo, o olho como meio de possuir e ser possuído. O gozo do consumo de imagens se dá por identificações com os objetos, onde se faz a abolição da diferença, na morte dos termos de sujeito e objeto, buscando-se o duplo imaginário de si. A atração especular por si próprio é, decerto modo, a espregueira da morte, que ocorre na anulação e aniquilamento de si. Hoje, ver é ser, porém este movimento se presentifica como angústia, pois quanto mais se vê menos se é, e, no entanto, mais se quer ver.

Consumo de imagens: assunto para vivos

No caso brasileiro, ela [a cultura de massa] é também o espelho que reflete o id e os demônios das nossas estruturas. É o espelho em que a sociedade se olha e se oferece como espetáculo.

Muniz Sodré, 1972, 39

É fácil perceber que em nossa sociedade a “desgraça” é sempre um espetáculo à parte, ora “Fantástico”, na TV Globo, ora “Aqui e Agora”, na narração de Gil Gomes, do SBT-TV, ora em forma de documentário na TV Manchete. Imagens grotescas geram IBOPE, geram lucros e, portanto, geram consumo. O tenebroso, a morte, possui um apelo estético inegável em nossa sociedade; somos fortemente marcados por influências escatológicas. As aberrações, o “exótico”, a tragédia nos são fascinantes e, por isso, tais imagens, notadamente lucrativas, são produzidas e consumidas em espetáculos que unem mitificação e coprologia. Muniz Sodré (*op. cit.*, 38) sustenta que

O grotesco parece ser, até o momento, a categoria estética mais apropriada para a apreensão desse ethos escatológico da cultura de massa nacional. Realmente, o fabuloso, o aberrante, o macabro, o demente - enfim, tudo que a primeira vista se localiza numa ordem inacessível à “normalidade” humana - encaixam-se na estrutura do grotesco.

O consumo de imagens, e em especial as grotescas, se constitui, dada a sua disseminação e lucratividade em nossa sociedade, como um assunto para os vivos.

A morte ofertada ao olhar seduz os espíritos mais vigilantes. Favre (1978) sustenta que não é necessário recorrer-se a uma hipótese de uma natureza humana feroz ou selvagem para compreender tal apelo e tal poder estético que possui o horrível, posto que “diante da morte do outro, repulsa e atração se compõem em uma tensão sutil” (*ibid.*, 415). A morte em festa, a celebração da glória póstuma em nossa sociedade, consegue unir uma mitificação da morte e uma celebração dos esplendores da vida, posto que a morte é localizada fora, é sempre a morte de um outro. Os rituais que montamos e em que nos

engajamos são uma encenação em que somos atores e espectadores, encenando a nós mesmos, postos em um mundo de múltiplas imagens idealizadas, onde a morte pode ser narrada como eternidade, a falta angustiante como plenitude e a nossa precariedade pode ser de certa forma negada (ver Da Matta, 1978 sobre os ritos populares brasileiros). Os espetáculos se dão na união de estruturas contrastantes e antinômicas de sagrado com profano, de destino e livre arbítrio, de atração e repulsa.

A comunicação de massa consegue por meio de processos discursivos e simbólicos - definição redundante, mas que serve para explicitar o que visamos pontuar - engendrar noções de realidade e atualidade. A mídia pode ser vista como uma “máquina significante” (ver Sodré, 1994; Fausto Neto, 1991), posto que ao mesmo tempo reflete e constrói o imaginário social, nossos fantasmas coletivos; as representações são por ela expressas, construídas e reproduzidas. A compreensão oferecida por Fausto Neto (*op. cit.*, 14), por nós partilhada, é a seguinte:

o sistema de comunicação não se propõe apenas ser agenciador, mas operador de representações; entendemos que ele se constitui, dentre outros, num sistema de codificação e de construção do real (...). Assim, como diferentes matrizes e campos dos saberes falam e produzem ritos e liturgias, para dar conta do corpo, no seu diapasão entre a vida e a morte, a comunicação de massa inclui-se entre aqueles que, com suas faculdades e propriedades próprias, quotidianamente, tratam de simbolizar, à sua maneira, o sujeito, seus percursos, nas vicissitudes e desafios da vida.

O imaginário refletido pelas imagens *mass*-mediáticas é um “imaginário objetivado” (ver Sodré, 1994, 65), imagem-simulacro, refletindo um certo grau de identidade do ‘real’ de modo a assumir esta ‘realidade’, que passará a se auto-referir, não necessitando mais referir-se a qualquer realidade externa. Esta auto-suficiência é sedutora, pois oferece um sentido de proteção e distanciamento, ao mesmo tempo que permite vivenciar uma certa aproximação absoluta. Sodré nos diz que “este imaginário é, por sua vez, dessublimador: o telespectador [por exemplo] não se confronta com o universo ‘sagrado’ dos mitos (...) mas *consigo próprio* (...)” [grifos do autor].

As imagens estéticas espetaculares que habitam nossa mídia são a forma com que lidamos com nosso imaginário, consumindo-os sob a forma de tais imagens (ver Morin, 1986 e 1990).

Somos **Homo erectus**, **Homo habilis**, **Homo sapiens** e também, diz-nos Knox (1993, 36-7), **Homo necans**, homem matador, *the sacrificer*, aquele que sacrifica. O autor se refere aos rituais simbólicos de reconstituição dos animais, mortos por caçadores do período pré-agricultural, como uma cerimônia de auto-absolvição, uma tentativa de se eximir de tais mortes, nos moldes de uma “comédia de inocência” (ver *ibid.*, 37) à qual se aliava a idéia de que o animal era uma *willing victim*, uma dócil e desejosa vítima. Marquemos, ainda a partir de Knox (*op. cit.*), a idéia contida na máxima do Duque de la Rochefoucauld, publicada com o número 99 na primeira edição das *Reflexions Morales* de Aristóteles (ver Knox, *op. cit.*, 42):

*Dans l'adversité de nos meilleurs amis nous trouvons toujours quelque chose qui ne nous déplaît pas*²⁵.

Vemos aqui afirmado o sentimento de “antes ele do que eu”, que é certamente mais comum do que gostaríamos de admitir. Os gregos clássicos já possuíam uma palavra para tal sentimento (ver Knox, *op. cit.*, 42): **epichaire-kakia**, regozijar-se nas calamidades. Poderíamos, de fato, refletir se a isto não estaria ligado o enorme apelo que têm o grotesco e o fúnebre em nossa mídia.

A morte comparece aos borbotões em nossos meios de comunicação porque isto nos é fascinante e porque toca a nossa imaginação (ver Baudrillard, 1993, 164). A mídia não constrói fantasmas a nossa revelia, como uma vilã-manipuladora de consciências, ela os expressa construindo-os conosco. A morte estampada em nossa mídia é uma questão de paixão coletiva. Baudrillard postula que a fascinação pela visão da morte violenta, catastrófica, acidental e, portanto, não esperada, é que *this death moves us so profoundly because it works on the group itself, and because in one way or another it transfigures and redeems in its own eyes*²⁶. A morte ‘natural’, de velhice, contemporânea não deixa ao indivíduo qualquer papel a ser representado, é uma morte policiada e banalizada, ou melhor, afastada, sendo controlada em hospitais até seu último minuto, não tendo o moribundo ou seus familiares direito de dela participar. Tal morte é individual, solitária e nem um pouco compartilhada socialmente. A morte violenta, catastrófica e/ou acidental nos é fascinante, porque é através dela que tornamos a morte pública e social, tornando-a também grotesca.

Baudrillard melhor explicita tal argumentação para nós:

All passion takes refuge in violent death, which is the sole manifestation of something like the sacrifice, that is to say like a real transmutation through the will of the group. And in this sense it matters little whether death is accidental, criminal or catastrophic: from the moment it escapes 'natural' reason, and

*becomes a challenge to nature, it once again becomes the business of the group, demanding a collective and symbolic response (...)*²⁷.

Na medida em que não se têm mais instituído, como nas sociedades 'tradicionais', formas rituais de reabsorção da morte e de suas energias disruptivas, permanece o fantasma do sacrifício, da morte violenta e artificial. A morte sacrificial - que tem na morte de Jesus Cristo o seu protótipo - é a morte heróica, totalmente não merecida, mas, de certa forma, buscada; tal morte é interessante socialmente porque ela tem um sentido. Vejamos novamente a explicação de Baudrillard (*op. cit.*, 165):

*the intense and profoundly collective satisfaction of the automobile death. In the fatal accident the artificiality of death fascinates us. Technical, non-natural and therefore willed (ultimately by the victim him or herself), death becomes interesting, once again willed death has a meaning*²⁸.

A artificialidade da morte vista como sacrificial facilita sua duplicação estética na imaginação e o divertimento ou prazer que se tira dela (ver Baudrillard, *op. cit.*, 165). A possibilidade de se reter a escolha entre a vida e a morte é socialmente proibida - o controle da morte é também o controle social - o suicídio nos é abominável, porém esta possibilidade é ritualizada no esporte, de uma forma abrandada por regras que limitam o risco de morte e que as tornam socialmente aceitas. Disto falaremos na quinta parte desta dissertação.

Deste modo, o espetáculo, para nós tão diário e sedutor, que é ofertado pelos meios de comunicação, é a violência, ela própria; o grotesco e a catástrofe são o espetáculo²⁹. A forma com que se produz tal espetáculo, a forma estética e contemplativa, diz de nosso modo cultural de vivenciar o imaginário, que talvez tenha relação com uma certa anomia, onde a falta de valores organizadores instituídos leva à necessidade do ver/mostrar para delimitar o que não se pode simplesmente imaginar. Na cultura brasileira, a estética e as manifestações visuais produzidas têm uma forma de manifestação barroca, lúdica, onde os opostos se complementam, que passaremos a discutir.

NOTAS

25. Livre tradução: Na adversidade de nossos melhores amigos sempre encontramos algo que não nos desagrada.

26. Livre tradução: esta morte nos move tão profundamente porque funciona no grupo como um todo e porque, de uma maneira ou de outra, ela transfigura e redime em seus próprios olhos.

27. Livre tradução: toda paixão se refugia na morte violenta, que é a única manifestação de algo do tipo sacrifício, quer dizer, como uma transmutação real pela **vontade do grupo**. Neste sentido, pouco importa se a morte é acidental, criminal ou catastrófica: do momento que escapa da razão 'natural', ela novamente se torna de interesse do grupo, demandando uma resposta coletiva e simbólica...

28. Livre tradução: a intensa e profundamente coletiva satisfação da morte em automóveis. No acidente fatal a artificialidade da morte nos fascina. Técnica, não-natural e, portanto, buscada (em última análise, pela própria vítima), a morte se torna interessante, novamente desejada, a morte tem um sentido.

29. Baudrillard afirma: "(...) in every spetacle there is the immanence of catastrophe" [em todo espetáculo há a imanência da catástrofe].

A morte para os olhos e o espetáculo barroco

Estética Barroca: o espetáculo grotesco e majestoso

*Les grands effets naissent partout des idées voluptueuses
entrelacées avec les idées terribles.*

Julien Gracq in Favre, 1978, 422

O ser humano Barroco é aquele que veio depois, que pertence a uma Spatzeit, que já está situado nos materiais de uma tradição histórica. Às voltas com os fragmentos de um passado mítico, sua temporalidade não é aquela de um novo ainda por realizar, mas da finitude e da morte. (...) Seu modo de representação é essencialmente alegórico, o que, em poucas palavras, quer dizer que ele se encontra na imanência de um mundo decaído, fragmentado, arruinado, do qual ele quer, entretanto, se desfazer atribuindo arbitrariamente às coisas significações que remetem para além de sua materialidade, mas que significarão sempre a temporalidade do 'estar jogado no mundo'.

Walter Moser, 1993, 44

A marca do homem contemporâneo é também a marca do homem barroco: o abandono. Tal abandono está referido à perda de uma plenitude utópica, centrada em referências que não se davam a questionamentos. A introdução da dúvida se expressou na arte barroca pela introdução da ilusão de ótica, pela arte do *trompe l'oeil*, do 'engana olho' que, com seu poder sensual de criar ilusões, introduz e convoca a ambigüidade dos olhares. Desde então a junção da utopia com a melancolia é o que nos confere o sentimento de abandono. A melancolia é a valorização de uma memória instauradora da falha que se vai buscar preencher. Com a perda da plenitude, surge também a afirmação da precariedade do homem, e as expressões barrocas se sustentam em fragmentos alegóricos que passam a incorporar a idéia de morte. A destruição das aparências do mundo faz criar um mundo de

aparências em que a morte deixa a exterioridade barroca e passa a ser interiorizada como cadáver dentro do sujeito (Lopes, 1993).

Nos dias atuais, o Barroco surge como cenário do ambíguo na mídia, na cultura de massa contemporânea há uma

(...) tendência atual a uma estetização da realidade, em representações nas quais o ornamento parece substituir a coerência intrínseca dos signos. O resultado é uma sobrecarga sensual da representação de elementos significativos que, aglomerados fora de seu contexto comum, desafiam a possibilidade de um sentido coerente e beiram o abismo de não representar coisa alguma. A importância está no real, exagerada na sua estética erotizada e estática, na qual a sedução da aparência substitui a satisfação do seu sentido (Schollhammer, 1993, 86).

Hoje, nossa mitologia circula em torno da exigência voraz de ‘realidade’, de ‘verdade’ e de ‘objetividade’; no entanto, no jogo de produção e apropriação de simulacros, o que a mídia nos oferece é apenas a vertigem da realidade (ver Baudrillard, 1981). O consumo de imagens traz a marca do barroquismo:

*(...) o olhar barroco, sustentado na alegoria, é plural, descontínuo (...), anamórfico, desidentificatório, busca ver o ver, ou seja, problematizar o ver. O próprio sentido da visibilidade contemporânea emerge desse horizonte. Ver e ser, sinônimos no Barroco, quando o domínio da aparência exacerbada numa locura do ver é sintetizado na resposta anticartesiana: *Video ergo sum* [Vejo, logo sou] (Lopes, 1993, 163).*

A busca de uma verdade na contemporaneidade tem a forma de mito, pois “Os mitos modernos são alegorias de uma busca de completude e prazer, da comunhão ou da realidade. A procura de uma verdade se ‘representa’ desse modo” (Certeau, 1995, 48). O mito é da ordem da representação, no entanto, a forma como esta representação social se apresenta designa a ‘realidade nua e crua’.

Foi feita detalhada pesquisa das publicações a propósito da morte de Ayrton Senna nos principais jornais do eixo Rio-São Paulo, com o intuito de investigar o lugar da morte no imaginário social brasileiro. Toda a coleta de dados e a descrição do percurso metodológico trilhado se encontram disponíveis para consulta de interessados no apêndice final deste volume. Nosso objetivo, em princípio, é simplesmente poupar o leitor da imensa carga de tabelas e dados, mas, ao mesmo tempo, proporcionar ao pesquisador meios de acompanhar e compreender nosso percurso, caso deseje refazê-lo.

Apresentamos a seguir uma análise interpretativa dos achados, ou seja: as imagens pesquisadas foram analisadas quanto à sua diagramação espacial e ao conteúdo da seguinte forma: área de ocupação e tempo de permanência da notícia na *front page*; relação de área de ocupação entre imagem, manchete e título & texto; as imagens veiculadas na *front page* e as imagens veiculadas nos anúncios. Analisamos também o texto colhido nas manchetes, cabeçalhos, títulos e subtítulos das reportagens, as chamadas de fotos, o texto dos anúncios e as citações sobre Senna, assim como as do próprio.

QUARTA PARTE: A MORTE DE AYRTON SENNA PUBLICADA

Análise dos Resultados

Uma pesquisa detalhada das publicações a propósito da morte de Ayrton Senna nos principais jornais do eixo Rio-São Paulo foi feita com o intuito de investigar o lugar da morte no imaginário social brasileiro. Toda coleta de dados e a descrição do percurso metodológico trilhado se encontra disponível para consulta do pesquisador em apêndice no final deste volume. Nosso intuito é simplesmente poupar o nosso leitor da imensa carga de tabelas e dados, mas, ao mesmo tempo, proporcionar ao pesquisador meios de acompanhar e compreender nosso percurso, caso deseje refazê-lo.

Apresentamos a seguir uma análise interpretativa dos achados. As imagens pesquisadas são analisadas quanto à sua diagramação espacial e ao conteúdo, da seguinte forma: área de ocupação e tempo de permanência da notícia na *front page*; relação da área de ocupação entre imagem, manchete e “títulos & texto”; as imagens veiculadas na *front page* e as imagens veiculadas nos anúncios. Analisamos também o texto colhido nas manchetes, cabeçalhos, títulos e subtítulos das resportagens, as chamadas de fotos, o texto dos anúncios e as citações sobre Senna e, ainda as do próprio.

AS IMAGENS

ÁREA DE OCUPAÇÃO E TEMPO DE PERMANÊNCIA DA NOTÍCIA NA *FRONT PAGE*

O noticiário da morte de Senna teve grande destaque em todos os jornais pesquisados, tendo permanecido no mínimo uma semana na primeira página e recebendo espaço de mais de 50% de ocupação no primeiro, 02/05/94, e no quinto dia, 06/05/94, noticiários do impacto da morte e do ‘grandioso’ enterro sucessivamente.

O **Jornal do Brasil** do Rio de Janeiro, foi o jornal consistentemente por nós pesquisado, sendo, por isso, a partir dele que faremos nossas observações específicas. Os outros jornais pesquisados e apresentados, servem como um parâmetro comparativo, pois não pretendemos uma pesquisa do **JB** e sim desejamos inferências a respeito da

importância e destaque dado pela mídia ao assunto. O jornalista Paulo Scarduelli (1995) estudou o noticiário da morte de Senna em alguns jornais durante a primeira semana e acompanhou as publicações da **Folha de S. Paulo** por alguns meses e sempre que precisarmos recorreremos à pesquisa dele como mais um parâmetro comparativo para nossas asserções. O jornalista (Ibid., 30), pontua conosco, a relevância da permanência de um assunto numa pesquisa com jornais: "A importância de um assunto pode ser determinada pelo tempo que ele permanece em evidência na mídia. Tempo maior significa valor maior. Trata-se de manter bem-informado o público leitor, que busca diariamente novas notícias sobre o tema de interesse". Este autor não realiza qualquer estudo sobre a área de ocupação da notícia na *front page*. Cremos que a área que se utiliza para destacar um assunto, e muito especialmente se trata da página mais importante e destacada do jornal, a primeira, reflete também a importância daquele assunto para a mídia que destaca e para a sociedade que vai consumi-lo. Importante ainda ressaltar que aparentemente nos três jornais mais "populares" pesquisados - o **Jornal dos Sports**, **A Notícia** e **O Povo** - a notícia não foi destacada com a mesma grandiosidade, nos dias em que tais jornais foram pesquisados, incluindo primeiro e quinto (enterro), a notícia não chegou a ocupar 50% de destaque na primeira página, como ocorreu com os outros.

No **JB** a notícia permanece os primeiros 8 dias na *front page*, com espaço de ocupação inferior a 10% em somente dois desses dias. A notícia retorna à primeira página 6 vezes até o primeiro aniversário da morte de Senna, neste espaço de tempo ocupa por duas vezes área superior a 10%, no 12º dia quando ocorre um acidente análogo e na véspera da comemoração do aniversário de 1 ano, em 29/04/95.

No jornal como um todo a notícia comparece ininterruptamente nos primeiros 16 dias, até 17/05/94, época em que começam as notícias de forma mais consistente sobre a seleção brasileira de futebol e a Copa do Mundo que se aproxima. A morte de Senna permanece noticiada por mais 38 edições até o dia 02/05/95.

RELAÇÃO DE ÁREA DE OCUPAÇÃO ENTRE IMAGEM, MANCHETE & CABEÇALHO E 'TÍTULO & TEXTO'.

A Imagem reinou absoluta nos principais jornais pesquisados pelo menos até o quinto dia de publicação, dia do noticiário do enterro de Senna, tanto na *front page* quanto na página esportiva principal. Nos nossos jornais mais "povão" - **Sports**, **A Notícia** e **O Povo** -, a imagem não foi tão destacada quanto nos outros jornais maiores em especial na primeira página, quando chegou a ser no máximo quase o triplo dos outros aspectos no primeiro dia de publicação no jornal **A Notícia**.

No **JB**, nosso jornal controle, até o quinto dia de publicação, a imagem na *front page* foi 3,2,4,2 e 6 vezes maior sucessivamente do que os outros aspectos de manchete e 'título & texto'. Na página esportiva, com exceção do quarto dia, em que imagem e 'título & texto' são iguais, a imagem é 100, 1, 5 e 6 vezes maior sucessivamente. No aniversário da morte, quando a notícia retorna com maior destaque à mídia, a Imagem é destaque absoluto na primeira página desse jornal e aparece 3 vezes maior na página esportiva.

Os outros jornais pesquisados não contradizem as observações feitas acima.

AS IMAGENS VEICULADAS NA *FRONT PAGE*

As imagens publicadas na primeira página foram assim distribuídas em ordem decrescente de apresentação, ou seja, da de maior quantidade para a menor. Vejamos,

1º DIA - A história prevaleceu com o maior número de fotos, seguida pelos personagens e depois por fotos dos espectadores. Tal foi o conteúdo das fotos de primeira página no primeiro dia de publicação de notícias sobre a morte de Senna. Delineia-se neste primeiro dia, uma cadeia comunicativa, formada pela mensagem (a história : a batida, o socorro e a morte), a fonte da história, ou os emissores/propulsores desta, que são os personagens (Senna, o protagonista e os outros coadjuvantes, colegas e rivais, namoradas, família, dirigentes-vilões.) e, fechando o elo da cadeia comunicativa, os receptores/participantes, os espectadores (fãs, torcedores, povo, multidão).

2º DIA - Surgem agora os símbolos - os fúnebres e ritualescos, ou seja, o local da morte transformado em altar de homenagens e oferendas, e os nacionalistas, a bandeira nacional. Delineia-se o valor simbólico da morte posta em imagens de culto e nacionalistas. Destacam-se ainda as fotos dos personagens e espectadores.

3º DIA - Os personagens comparecem com uma imagem a mais do que os símbolos, que permanecem destacados. O ritual/culto começa a ser elaborado, atestado pela divulgação da imagem de tributos e homenagens que se fazem ao morto, e depõe a favor da ressonância simbólica do evento na sociedade.

4º DIA - O ritual/culto, desta vez as pompas fúnebres, são o maior destaque neste dia, seguido pelos personagens, que se mantém consistentemente em segundo lugar em número de imagens; seguido pelos espectadores e os símbolos que fazem parte do ritual fúnebre.

5º DIA - O destaque aos símbolos retorna com a maior intensidade e quase que de modo absoluto neste dia, a história retorna de forma mais branda e bem humorada, retratada em uma *charge* que associa a morte de Mário Quintana, escritor brasileiro, à de Senna, com o qual pega uma "carona".

6º DIA - Os símbolos e o ritual são as imagens veiculadas neste dia.

7º DIA - As únicas imagens que permanecem são as dos personagens da história, onde aparece um desenho da imagem de Senna e fotos de seus colegas/rivais. Aparentemente, após o enterro, no quinto dia, ficam os símbolos no sexto, e o personagem no sétimo, a mídia então descansa.

OUTROS DIAS - Os outros dias foram catalogados juntos, incluem imagens a partir do oitavo dia de publicação a respeito da morte até o aniversário de um ano desta, data em que a pesquisa se encerra. Nestes prevalecem os personagens, com ênfase nos colegas/rivais, o que é mantido são as discussões de causas e culpados. A história retorna quando ocorre um acidente análogo e o caso de Senna é utilizado como parâmetro. Permanecem os símbolos, destacados o túmulo e a curva da batida, os quais se tornam locais de romaria e visitação pública. Surgem ainda os faturadores, o autor da música tema aproveita o momento para gravar e vender a música que compôs para ser o tema da vitória de Senna nas corridas transmitidas pela TV Globo.

AS IMAGENS VEICULADAS EM OUTRAS PÁGINAS EXTERNAS

Os achados aqui são semelhantes aos da primeira página apresentados e comentados acima. Apresentaremos de forma mais esquemática, novamente partindo das imagens mais destacadas para as menos, e se não mencionamos alguma categoria em dado dia é porque esta não aparece. Vejamos:

1º DIA - Os Personagens

A História

2º DIA - Os símbolos e os espectadores com igual destaque

Os Personagens

O Ritual/culto

3º DIA - Os Personagens

Os símbolos e o consumo (expresso no marketing de propagandas/homenagens)

A História

O Ritual/culto (homenagens)

4º DIA - O Ritual

Os Espectadores

O Consumo

Os Personagens

5º DIA - O Ritual

Os Personagens

Os símbolos

6º DIA - Os símbolos

O Ritual

Os Espectadores

7º DIA - Os Espectadores

Os Personagens

O Ritual

Os símbolos

OUTROS DIAS - Predominam os personagens. Surgem iguais em quantidade de imagens veiculadas a história e o ritual, seguido, dos símbolos e do consumo também iguais.

AS IMAGENS VEICULADAS NOS ANÚNCIOS

Os anúncios que veicularam imagens foram apenas as 'propaganda/homenagem'. Nestes, a imagem de Senna é utilizada por 2 vezes e repetida mais duas vezes em outros jornais. Há também a imagem de um sol que brilha por trás de umas nuvens, imagem ao mesmo tempo majestosa e sombria, muito utilizada nas pinturas barrocas e conhecida como "Glória Barroca". E, finalmente, há uma imagem de um capacete desenhado e colorido nas cores nacionais. O capacete, utilizado no enterro como objeto substitutivo de Senna, tendo em vista que o caixão estava lacrado e Senna - ou o que restou dele - escondido, passa a ser parte do relicário de Senna (objeto valorizado que será carregado pela irmã do piloto quando for receber homenagens a este e também objeto de leilões para arrecadação de fundos para obras beneficentes de instituições mantidas pelo piloto morto). Nesta última imagem, surgem fundidas a imagem de Senna, simbolizada no capacete, com o simbolismo nacionalista e ufanista, associação constante em todo o noticiário da morte de Senna.

O TEXTO PUBLICADO

AS REPORTAGENS DE PÁGINA EXTERNA E INTERNA, INCLUSOS OS ANÚNCIOS, E AS CITAÇÕES SOBRE SENNA.

A análise dos dados obtidos nas reportagens e nas citações sobre Senna será feita conjuntamente, posto que as mesmas categorias se aplicam, e, as diferenças que surgirem serão relevantes na medida em que o primeiro é um texto produzido por jornalistas, com objetivos e função um tanto diversa do segundo, que é um texto dito por pessoas convocadas a falar pelos jornalistas, impressos para cumprir uma outra função.

Os jornalistas convocam o testemunho de líderes de opinião visando compor a "realidade" do ocorrido (ver Sodré, 1992). Nas citações sobre Senna, assinalamos, logo de início, quem são os convocados a falar, e observamos que: em primeiro lugar temos o maior número de citações de colegas e rivais de Senna (91 citações) que são os que vivenciaram mais de perto todo o ocorrido com Senna; depois, temos as citações de personalidades brasileiras (76 citações), aqueles com os quais convivemos, seja identificatóriamente (esportistas e atores), ou, quase o seu contrário (políticos); em seguida, temos os depoimentos de anônimos e de massas do povo, tal como a torcida do maracanã que faz ecoar seu canto (19 citações); depoimentos de personalidades estrangeiras, em sua maioria agentes dos meios de comunicação, frases que servem para assinalar a magnitude da ressonância do ocorrido; a fala dos responsáveis pela F-1, unidas a dos peritos e às opiniões técnicas se configuram como tentativas de explicação

do ocorrido (24 citações); e por último, temos os depoimentos da família e das ex-namoradas do piloto (21 citações), que são os depoimentos emocionados, que servem para retratar a amplitude da dor dos mais próximos. O jornalismo busca a fala das "autoridades", para tirar proveito, antes de mais nada, da sedução exercida pelo nome citado. É o testemunho nas mais diversas esferas que atesta a realidade, a magnitude e a veracidade daquilo que se quer expressar ou transmitir.

Os números obtidos em nossa pesquisa e nos quais basearemos nossas inferências, devem ser lidos de forma relativa - e não absoluta - tendo em vista que o número de jornais pesquisados a cada dia variou, e isto especialmente após o oitavo dia de publicação, quando o número de jornais pesquisados diminuiu junto com a diminuição do volume de notícia. Há, portanto, variações nos achados em termos quantitativos, que são correlatas não só da diminuição quantitativa da publicação, mas também da diminuição da amostra utilizada. Alertamos o nosso leitor que fizemos uma opção, abrindo mão do rigor do controle - caso em que esta pesquisa só se viabilizaria se isolássemos apenas os dados do **JB** carioca, o qual foi pesquisado consistentemente do primeiro ao último dia -, em prol de uma maior abrangência de nosso universo de pesquisa. Não quisemos restringir a pesquisa a um jornal carioca cujo público alvo é principalmente a camada média e superior, economicamente falando, da população. Incluímos em nosso universo de pesquisa dois jornais paulistas e jornais cariocas que atendem a parcela mais pobre da população, jornais "povão" como **O Povo** e **A Notícia** e intermediários entre estes e os primeiros como **O Dia**, **Jornal dos Sports** e **Tribuna da Imprensa**.

A análise semântica, ou seja, a análise das palavras catalogadas e agrupadas a partir do sentido que possuem, em si e em relação ao contexto em que estão inseridas, é a linha mestra das inferências a serem traçadas a seguir. A observação do fenômeno de celebração e mitificação de heróis, na morte, em nossa sociedade, pela constatação a partir da análise linguística, nos permite postular uma forma de expressão do nosso imaginário social, que tem na mídia impressa seu agente/porta-voz.

Iniciaremos tentando traçar um paralelo entre Luto e Ufanismo com base na análise dos dados obtidos nas categorias Homenagem, Emoção/Comoção, Ufanismo e Senna sucessivamente.

A categoria Homenagem demonstra a expressão do louvor coletivo. As palavras homenagem catalogadas, as honrarias e promessas portam o elogio cívico traduzido em formas de homenagear. Os emocionados (fãs, torcedores e admiradores) pontuam a presença do público que assiste, e também, em menor escala, produz homenagens. Vejas as tabelas dos dados obtidos e apresentados aqui de forma simplificada:

Homenagem

Homenagem	13	24	16	16	18	7	8	15	8	2	3	4
Honrarias	3	23	10	15	21	8	1	18	3	0	4	2
Promessas	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
Os emocionados	21	24	13	13	10	7	3	8	1	2	1	14
TOTAL												
GERAL	37	71	39	44	50	22	13	41	12	4	8	20

Nas citações sobre Senna:

Homenagem

Homenagem 3

Promessas 4

Os emocionados 5

TOTAL

GERAL 12

Temos o predomínio da sub-categoria homenagem nas reportagens (especialmente na primeira semana de publicação), e da categoria emocionados nas citações. Nas reportagens as honrarias surgem de forma mais expressiva no segundo e quinto dias de publicação, ou seja, no dia seguinte ao impacto da notícia e no dia do noticiário do enterro, sendo marcadas também nas citações. Os emocionados prevalecem, nas reportagens, nos cinco primeiros dias, até o enterro, quando a mídia os registra com maior ênfase. A totalização geral demonstra que o segundo e quinto dias, sempre referentes à publicação, sendo portanto terceiro e sexto dias da morte de Senna, são onde prevalecem as homenagens. Após o primeiro mês de registro há um decréscimo e a presença de homenagens só volta a ser significativa no aniversário da morte, comentado em publicações do final de abril e início de maio do ano subsequente ao acidente de Senna.

A categoria Emoção/Comoção mostra a presença dos mais variados tipos de sentimento:

Emoção/Comoção

Comoção	13	14	5	6	13	0	5	0	0	0	0	4
Emoção	40	37	8	34	37	3	4	2	0	2	2	11
Revolta	5	1	5	3	1	1	0	0	0	0	0	1
Histeria	4	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Reverência	1	8	3	2	3	0	0	0	0	0	0	0
Silêncio	3	3	2	4	0	6	0	0	0	0	0	0
Amor	4	4	3	3	5	11	1	0	0	1	0	1
Alegria	1	1	1	1	0	2	0	0	0	1	0	0
Suicídio	0	0	1	1	2	9	0	0	0	0	0	1
Surpresa	0	0	0	0	2	3	0	2	1	0	0	0
Geral	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL GERAL		71	69	33	54	85	5	12	3	2	2	18

Emoção/Comoção

Comoção	15
Emoção	11
Revolta	2
Histeria	0
Reverência	1
Silêncio	4
Amor	16
Alegria	0
Suicídio	0
Surpresa	0
Geral	1
TOTAL GERAL	50

As sub-categorias acima que podem se relacionar com Homenagem, são a Reverência, que aparece nas reportagens só até o enterro - que é noticiado no quinto dia de publicação, tendo ocorrido no dia anterior - e está presente também nas citações, o Silêncio, que é uma forma de expressão de reverência (também aparece nas reportagens até o quinto dia, excetuando-se o quarto dia, e é bem marcado nas citações), e o Amor, que inclui admiração, orgulho, exaltação e agradecimento, que analogamente às outras sub-categorias, aparece nas reportagens, de forma marcante, até o quinto dia e, nas citações, é a que possui maior número de registros.

É no primeiro mês, e, em especial na primeira semana de publicação até o enterro no quinto dia, que se enfatizam as homenagens e os sentimentos com esta

relacionados. As homenagens são, deste modo, principalmente parte do discurso que conduzem até as exéquias.

As sub-categorias Suicídio e Surpresa, juntamente com a que denominamos de Geral (relacionadas à cidade e ao país), nos dão indícios da desordem e caos individual e social advindos da morte de Senna. Temos enfartes, mal súbitos, desmaios, cidade que não pode parar parando, luto geral e até suicídio - noticiado pela **Folha de S. Paulo** e também pelo **Jornal dos Sports** no dia 6 de maio de 1994, quinto dia de publicação, a garota Zuleika Costa Rosa, de Curitiba, se suicida com um tiro na cabeça, sendo encontrado ao lado de seu corpo, foto de Senna e um bilhete: "Não quero mais sofrer. Fui ao encontro de Senna". Tais registros ocorrem do segundo ao quinto dias de publicação e reaparecem (1 caso) no aniversário de um ano da morte apenas nas reportagens. A sub-categoria Surpresa comporta frieza, estranha emoção, surpresa e alucinação coletiva e porta a expressão de uma forma *non sense* de se lidar com aquilo que não faz sentido. Esta última sub-categoria aparece no dia anterior ao enterro (4º dia de publicação), no sétimo dia e ainda uma vez no decorrer do primeiro mês de publicação.

As sub-categorias Histeria e Alegria combinam a expressão de desespero com a de um espetáculo, o qual se assiste e se participa. Temos aplausos, risos, gritos, prazer, pessoas se atirando ao chão. Ambas as sub-categorias não são expressas nas citações, aparecendo apenas nas reportagens. A Histeria surge de forma mais significativa no impacto da notícia, no primeiro dia de publicação, no terceiro dia com a chegada do corpo e no sétimo dia. A Alegria aparece nos três primeiros dias, no quinto dia e uma outra vez no período de junho a outubro, que é o período pós-copa do mundo, quando a festa nacionalista volta a se expressar. Sentimentos aparentemente antagônicos ao de reverência e dor se presentificam juntamente com estes na expressão popular, conferindo o tom barroco da junção da alegria e histeria dos festejos com a dor da perda na morte.

A Revolta estaria associada à categoria Perda/Privação, que comentaremos mais adiante. Aparece nas citações e nas reportagens é registrada até o sexto dia de publicação, sendo proeminente no primeiro e terceiro dias, reaparecendo também no aniversário da morte.

As sub-categorias Emoção e Comoção portam a expressão da dor e da dor incontrolável respectivamente. A Comoção, significativamente expressa nas citações, prevalece, nas reportagens, quase que exclusivamente até o sétimo dia. Talvez a partir deste dia o caos passe a se reintegrar, só ressurgindo no aniversário da morte. A emoção, bem marcada também nas citações, permanece registrada nas reportagens quase todo o período, posto que surge sempre associada ao noticiário do ocorrido, qualquer que seja o eixo da notícia, sendo, porém, prevalente na primeira semana e no aniversário da morte.

O Ufanismo é marcante tanto nas citações quanto nas reportagens, permanecendo nestas últimas, em quase todos os períodos registrados, a exceção sendo o período de dezembro a março. Vejamos:

Ufanismo

Pátria	61	25	29	25	30	6	20	18	2	0	0	4
Objetos	5	7	6	12	8	2	1	7	1	5	0	4
TOTAL GERAL	66	32	35	37	38	8	21	25	3	5	0	8

Nas citações:

Ufanismo

Pátria	67
Objetos	1
TOTAL GERAL	68

Comparado ao sentimento de dor - expresso nas sub-categoria emoção e comoção (240 total) - temos o predomínio da expressão ufanista (278 total). Se aliarmos o ufanismo às expressões de homenagem (incluindo honraria, orgulho, exaltação, reverência, etc.), temos o elogio cívico sobrepujando os registros de dor e perda. Temos:

homenagem + honrarias = 242
 reverência + silêncio + amor = 61
 ufanismo = 278,
 totalizando = 581 ocorrências.

Por outro lado temos:

emoção + comoção + revolta + histeria + alegria + suicídio + surpresa
 = 292
 perda + privação = 102,
 totalizando = 394 ocorrências.

Estes achados nos remetem ao *epitáphios logos*, às orações fúnebres atenienses, estudadas por Nicole Loraux (1994), aos quais recorreremos para tentar produzir sentido a partir daquilo que acabamos de expor. Tal qual o texto publicado nos jornais atuais, a oração fúnebre se constituía como um discurso-espetáculo, onde talvez a principal diferença relevante, seja a de que as orações eram proferidas oralmente. Os mortos nas guerras eram glorificados na tribuna e sepultados como heróis cívicos. O discurso aos mortos proferido em funerais públicos e grandiosos possuíam um caráter de louvor coletivo, primando pelo predomínio do tema do valor e da exemplaridade. Uma "lição moral cívica destinada aos vivos", nos diz Loraux (op. cit., 144) que almejava

transmutar a dor em orgulho. A oração fúnebre era a expressão do patriotismo ateniense, onde "a lembrança do valor, em qualquer circunstância, sempre sobrepujará o sentimento da dor" (Ibid., 25).

Dentre os jornais pesquisados tivemos vários editoriais dedicados ao fenômeno que se tornou a morte de Senna no Brasil, nestes alguns articulistas, como Marcelo Coelho da **Folha de S. Paulo**, afirmavam o nacionalismo brasileiro como um nacionalismo das tragédias, "Vive-se mais o nacionalismo das derrotas do que o nacionalismo das vitórias, o nacionalismo das tragédias mais do que o nacionalismo dos triunfos." afirmou Coelho. E ainda, "Negra é a cor do nacionalismo brasileiro". A sociedade brasileira expressa seu ufanismo associando-o ao luto e à dor da perda de alguns de seus cidadãos valorosos, os quais são aclamados, entre outras coisas, como heróis nacionais.

Loraux (op. cit., 67) pontua ainda que "... a *pólis* beneficia-se, ainda que indiretamente, do prestígio adquirido por um dos seus. No discurso, ela concede a seus soldados a homenagem de uma lembrança que não é senão o reflexo de seu próprio brilho." A chave da compreensão oferecida pela autora é a identificação, o nacionalismo é um elo de união identificatória entre aquele 'eleito' e toda a *pólis*.

O louvor coletivo expresso também pelo discurso da valoração (positiva) do personagem heroicizado, visa exorcizar a morte por meio da palavra de glória (ver Loraux, op. cit., 22), buscando, justamente, a substituição do pranto, pela consolação do elogio.

Vejamos os achados na categoria Senna:

<i>Senna</i>												
Sinônimo de A. Senna	237	201	120	157	173	70	133	98	22	17	16	100
Parentesco com Senna	2	4	3	1	0	1	1	1	0	0	0	1
Valoração Positiva	62	35	18	28	28	7	19	4	0	0	0	12
Valoração Negativa	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
TOTAL GERAL	306	240	141	186	201	78	156	103	22	17	16	113

Senna

Sinônimo de A. Senna	57
Parentesco com Senna	3
Valoração Positiva	101
Valoração Negativa	9
TOTAL GERAL	170

A oração fúnebre enfatiza a exemplaridade a partir dos valores exaltados em seus heróis, e isto tem uma dupla finalidade, afirma Loraux (Ibid., 65-6), "instruir a juventude e consolar os adultos". Em nossa sub-categoria Valoração Positiva temos, tanto nas citações quanto nas reportagens, expressos os valores exaltados e almejados coletivamente. Estes aparecem muito marcadamente em nossos dados das reportagens (213 ocorrências) e também nas citações (101). Nas reportagens estas ocorrem principalmente até o quinto dia, o enterro (totalizando até então 171 ocorrências), e no aniversário da morte. A valoração positiva é justamente uma exaltação pelo viés da exemplaridade, palavra a qual também aparece explicitamente nesta sub-categoria. A valoração negativa é pouco marcada, sendo menos marcada nas reportagens do que nas citações; nas reportagens são registradas no primeiro e sétimo dias, as do primeiro dia podem ser lidas de forma ambígua - timidez, impulsividade e vaidade - e surgem como características da personalidade, as valorações negativas do sétimo dia talvez surjam com um tom de crítica à tamanha comoção.

O foco central da narrativa jornalística é justamente o personagem central: Senna. O maior número de palavras catalogadas em toda a pesquisa são as referências à Senna. Temos em ordem decrescente de registro as referências Senna, Ayrton Senna, Ayrton, seguidas, bem depois, das referências de teor identificatório como Ayrton Senna da Silva, Ayrton Senna Brasileiro da Silva, o Silva e Ayrton Senna do Brasil.

A partir dos achados que denotam identificação temos a afirmação de Loraux (op. cit., 22) da celebração do herói como auto-celebração: "Se toda celebração não é senão uma forma discreta de autocelebração, se, honrando-se a grandeza, engrandece-se a si próprio, então, tudo leva a supor que Atenas reserve em seu benefício, uma parte do louvor que dedica a seus mortos e aos *epitáphios*."

Em nossa pesquisa temos tal auto-celebração explicitada na categoria Espelho:

Espelho

TOTAL												
GERAL	0	3	4	4	2	0	4	7	0	0	0	0

Espelho

TOTAL	
GERAL	14

A heroização permite uma identificação catártica, onde surgem os registros de tal identificação como "redenção" dos fracassos do povo; tal expressão porta uma alusão à morte sacrificial de Cristo, sendo a imagem e o exemplo daquilo que gostaríamos de ser. Temos o "espelho", manifestação identificatória, bem expresso nas citações; e, nas reportagens este aparece do segundo ao quarto dia, não ocorrendo justamente no dia posterior à publicação do enterro (6º dia) e ressurgindo no sétimo dia e no decorrer do mês de maio. Neste viés de interpretação podemos incluir as referências à Senna como "Silva" e "brasileiro", e também, as expressões de parentesco com Senna, as quais surgem desde o primeiro dia de publicação, sendo expressas mais fortemente no terceiro dia e ressurgindo após um ano, no aniversário da morte.

O personagem, alvo do luto, é apropriado de forma identificatória pelo povo enquanto individualidades e pela nação coletivamente como expressão patriótica. Há ainda a apropriação mercadológica do personagem, marcadas tanto na categoria Consumo, quanto na categoria Espetáculo. Ambas as categorias expressam o registro de estratégias de marketing, onde a grandiosidade do espetáculo narrado serve para impressionar e atrair, sendo o consumo mais marcadamente a capitalização dos resultados de tais estratégias pelos *mass-media*.

Consumo

TOTAL												
GERAL	4	2	9	6	3	8	16	6	2	1	1	8

Espectáculo

TOTAL												
GERAL	25	20	19	47	48	6	21	4	3	1	2	10

Consumo

TOTAL	
GERAL	1

Espectáculo

TOTAL	
GERAL	86

Nas citações sobre Senna, o consumo quase não aparece - há apenas um registro -, no entanto, as expressões superlativas que pontuam o espetáculo são abundantes. Nas reportagens, o espetáculo é mais marcante nos quarto e quinto dias, embora seja muito expressiva sua manifestação no decorrer de toda a primeira semana de publicação. O consumo prevalece no sétimo dia, sendo marcante no decorrer de todo o primeiro mês. Ambos reaparecem após o primeiro ano, nas publicações das celebrações do aniversário de um ano da morte de Senna. O espetáculo aqui pesquisado marca, a partir das pontuações do superlativo (o maior, o melhor, o mais ...), tanto o processo de mitificação do personagem quanto a grandiosidade da divulgação e repercussão, as quais atestam e geram consumo.

O oxímoro, ou oposição semântica, é uma estratégia narrativa que visa enfatizar o impacto de certa comunicação, dado pela junção de palavras aparentemente contraditórias. É uma estratégia de forma estética barroca, onde a união de opostos confere uma maior força e dramaticidade ao que se quer expressar.

Oxímoro

TOTAL												
GERAL	5	5	4	5	1	2	2	0	0	0	0	3

Oxímoro

TOTAL												
GERAL	2											

Temos nas citações apenas 2 registros de tais expressões. Nas reportagens essa estratégia narrativa aparece no decorrer da primeira semana de publicação e também no primeiro aniversário, quando a ênfase e o destaque dados ao noticiário da morte são maiores.

A análise das categorias Morte/Finitude, Vida/Eternidade, Perda/Privação, bem como da categoria Usos da Negação, nos permitem observar a atitude contemporânea frente à morte. Vejamos:

Morte/Finitude

Morte	66	31	23	15	28	7	19	19	1	0	4	1
Materialidade	15	22	19	15	19	2	0	1	0	0	0	0
Tecnicidade	21	14	24	1	2	0	1	1	0	0	0	0
Adjetivos	10	7	3	9	1	0	0	0	5	2	7	0
Ritualização	4	20	31	63	122	24	22	9	1	10	0	17

Morte finitude (cont.)

Despedida	8	6	3	17	21	0	4	0	0	0	0	2
Saudade	4	2	2	2	3	1	1	1	0	0	1	10
Memória	2	4	2	3	8	2	0	7	2	1	0	8
Finitude	22	9	5	6	9	0	1	1	0	0	0	5
Celebração	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	17
TOTAL GERAL	152	87	90	139	200	57	37	39	27	23	12	60

Vida/Eternidade

Existência	5	9	4	7	7	1	7	7	0	1	0	0
Permanência	0	1	0	0	4	0	3	0	0	0	0	1
Recusa da morte (Metonímias/Metáforas)	10	3	0	5	4	0	1	2	0	0	0	2
Eternidade	7	9	1	5	7	2	5	2	0	1	4	0
TOTAL GERAL	22	22	5	17	22	3	16	11	0	2	4	3

Privação/Perda

Privação	24	11	14	6	9	4	12	6	0	0	2	14
----------	----	----	----	---	---	---	----	---	---	---	---	----

Usos da Negação

NÃO	25	26	10	12	18	6	9	4	0	1	0	3
NUNCA	5	2	0	0	1	2	1	0	0	0	0	2
NEGA	1	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0
JAMAIS	0	3	0	0	4	0	0	1	0	0	0	0
NINGUÉM	1	2	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0
NADA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
TOTAL GERAL	32	34	14	13	24	9	10	5	0	1	0	7

Morte/Finitude

Morte 62

Materialidade 5

Tecnicidade 0

Adjetivos 18

Ritualização 2

Despedida 0

Morte/Finitude (cont.)

Saudade 1

Memória 3

Finitude 3

Celebração 0

TOTAL
GERAL 94

Vida/Eternidade

Existência 18

Permanência 4

Recusa da morte 7
(Metonímias/Metáforas)

Eternidade 11

TOTAL
GERAL 40

Privação/Perda

Privação 80

Usos da Negação

NÃO 111

NUNCA 4

NEGA 0

JAMAIS 6

NINGUÉM 1

NADA 8

TOTAL
GERAL 130

Nas reportagens as expressões de morte/finitude são muito prevalentes, e, se somadas à perda/privação, totalizam 1043 registros, contra 276 registro da categoria vida/eternidade somada a do uso da negação - as negativas nunca, jamais, o não, nada, ninguém, são expressões opostas à afirmação da morte. Nas citações sobre Senna,

temos 174 registros nas categorias morte/finitude e perda/privação somadas, contra 170 registros para as categorias vida/eternidade e usos da negação juntas. Os números encontrados nas categorias que expressam a morte, o fim e a perda são muito significativos tanto nas citações quanto nas reportagens. A partir de nossos dados, não poderíamos sustentar uma atitude de morte escamoteada como atitude contemporânea na sociedade brasileira, em especial, no que refere à esfera macro social. A forte expressão de morte, nas reportagens, muito prevalentes nos primeiros cinco dias, até o noticiário do enterro, poderia estar relacionada ao fascínio que a morte, a violência e o grotesco exercem sobre nós, fazendo gerar curiosidade e consumo. Na mídia a morte, a materialidade desta, com os detalhes da tecnicidade e de ritualização prevalecem sobre as expressões simbólicas de eternidade. A indicação para a compreensão deste aspecto nos é dada por Baudrillard (1993) quando afirma haver um fascínio e uma paixão coletiva em torno da morte estampada nos meios de comunicação, justificando que é apenas a morte violenta e não esperada que nos dá a oportunidade de vivenciar a morte como sacrificial e passível de mitificação e ritualização, posto que escapa da trajetória 'natural' e mais do que controlada e previsível da morte hospitalar e da morte por velhice³⁰.

A morte recusada ou negada aparece com maior intensidade nos primeiros cinco dias até o enterro. Temos o maior número de metáforas e metonímias da morte expressos no primeiro dia de publicação. As expressões de afirmação de existência predominam no segundo, quarto e quinto dias. As de eternidade aparecem no primeiro, segundo e quinto dias.

As expressões de perda/privação aparecem mais marcadamente no primeiro dia e permanecem até o final do primeiro mês, retornando com força na celebração do aniversário de um ano.

Dentre as expressões negativas, a que predomina, tanto nas citações quanto nas reportagens, é o Não. Nas reportagens este é marcante nos primeiros sete dias, sendo muito expressivo até o enterro, noticiado no quinto dia de publicação. O Nunca predomina no primeiro dia. O Jamais no segundo e quinto dias. O Ninguém aparece até o quarto dia. O Nada surge apenas no aniversário de um ano, unido ao Não e ao Nunca. Nas citações, após o Não, o maior número de registros é o Nada, seguido do Jamais, do Nunca e por último da expressão Ninguém.

Os dados colhidos na categoria Hagiolatria, referente ao louvor e adoração prestada àqueles que se quer enaltecer ou consagrar, demonstram que a representação coletiva é fortemente hagiolátrica, prevalecendo, tanto nas reportagens quanto nas citações, a figura do herói (sempre com mais do que o dobro dos registros das outras que vêm em segundo lugar). As sub-categorias ídolo e santo também são marcantes. As referências a mito são aproximadamente metade das duas anteriores nas reportagens e bem menos da metade destas nas citações. A figura de mártir e rei são as que menos

aparecem nas reportagens, e, nas citações foram registradas apenas referências ao mártir - aparecendo de forma até bem significativa com nove ocorrências. Vejamos as sínteses das tabelas:

Hagiolatria

Mito	5	4	0	6	6	0	8	0	0	3	0	4
Herói	82	13	6	14	17	2	20	7	0	0	3	15
Santo	12	6	3	7	7	3	7	8	1	2	0	9
Ídolo	19	17	7	13	11	1	4	1	1	0	1	3
Mártir	5	0	0	1	0	0	3	0	0	0	0	1
Rei	2	2	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL												
GERAL	125	42	16	42	41	6	42	17	2	5	4	19

Hagiolatria

Mito	2
Herói	63
Santo	11
Ídolo	20
Mártir	9
Rei	0
TOTAL	
GERAL	105

No primeiro dia de notícias, nas reportagens, prevalece a aclamação do herói, morto em batalha. O impacto da morte do jovem e talentoso piloto promove a referência à glória heróica. No segundo dia, quanto temos nos jornais a busca de compreensão do ocorrido, incluindo-se aqui a busca de causas e culpas, temos prevalecendo a figura do ídolo e do herói, guerreiro "adorável". No terceiro dia, quando o ponto focal é a chegada do corpo do piloto, as referências hagiolátricas diminuem muitíssimo, permanecendo as referências ao ídolo e herói. No quarto dia, no velório, as referências predominantes permanecem inalteradas. No quinto dia, noticiário do enterro, ocorre o mesmo, porém, as referências ao herói voltam a predominar. No sexto dia,

pós-enterro, quase desaparecem as referências hagiolátricas, ficando marcado apenas o santo, o herói e uma referência ao ídolo. No sétimo dia, aniversário de uma semana da morte, volta novamente à tona a sub-categoria herói, desta vez seguida pelas de santo e mito, presentificando-se também as referências a ídolo e mártir.

O registro que permanece quase no decorrer de todo o ano de coleta de dados é o de santo, o qual não se registra apenas no período de dezembro a março.

No aniversário de um ano da morte, voltamos ao que prevaleceu de modo geral, primeiro as referências ao herói, seguida pela de santo de mito, depois ídolo e por último, as referências à mártir e rei.

Nas citações sobre Senna o padrão básico é o mesmo, posto que a ênfase recai sobre a figura de herói, seguida pela de santo e ídolo, e ainda, mártir e mito.

O discurso jornalístico, tal qual a oração fúnebre ateniense, celebra seu morto ilustre aclamando-o, como nossos dados demonstram, principalmente como herói, fazendo prevalecer a alusão à metáfora do esporte enquanto uma luta e o jovem e talentoso atleta, como guerreiro e agora, também, imortal.

A categoria Culpabilidade, apresenta os seguintes dados:

<i>Culpabilidade</i>												
Crime	14	10	7	0	3	1	3	6	0	0	1	7
Culpa	10	15	6	14	18	3	3	10	1	0	1	3
Especialistas	0	1	0	0	6	1	0	1	1	0	1	0
TOTAL GERAL	24	26	13	14	27	5	6	17	2	0	3	10

<i>Culpabilidade</i>	
Crime	10
Culpa	0
Especialistas	0
TOTAL GERAL	10

Nas reportagens, observamos que no primeiro dia de notícias as referências a crime predominam, a morte é afirmada como assassinio. No segundo dia temos a busca de razões e conseqüentemente de culpados - busca-se saber de quem foi a culpa, quem foi o

perpetrador. No terceiro dia temos um equilíbrio entre crime e culpa. No dia do velório, o quarto, temos em destaque referências apenas à culpa. No dia do noticiário do enterro, quinto dia de publicação, temos o maior número de referências nesta categoria, predominando fortemente a busca de culpados. Os dados nesta categoria permanecem marcados basicamente até o final do primeiro mês, retornando aos jornais no aniversário de um ano da morte, quando esta volta a ser narrada como crime. Os especialistas são convocados a falar predominantemente no dia do enterro.

Baudrillard nos fala da morte violenta - quer seja ela por acidente ou crime - (ver 1993, 165), como a morte que nos é fascinante; nelas, nos diz o autor, o grupo transmuta, por seus próprios desígnios de espectador, esta morte, transformando-a em sacrificial. Esta resposta simbólica do grupo se calca, ainda dentro da argumentação do autor, na artificialidade e involuntariedade, as quais colocam o morto no lugar de fácil vítima. É apenas a morte que foge do ciclo 'natural' e controlado que pode ser assim apropriada e dissolvida como sacrifício e ritual de execução. Baudrillard (Idem) ressalta que nestas mortes, na busca por culpados, o executor, oficiante do sacrifício, ou criminoso, não faz diferença, pontua o autor, morra ou seja punido, fechando o ciclo da troca simbólica.

Nas citações sobre Senna as referências são exclusivamente a crime. a morte aparece significada desde já como violência proposital, sendo o morto inocente vítima....

Dentro da categoria de Causalidade, os dados encontrados foram assim distribuídos:

Causalidade

Material	52	26	22	11	5	3	4	25	3	2	3	12
Destino	34	13	4	8	3	2	8	5	0	0	0	1
TOTAL GERAL	86	39	26	19	8	5	12	30	3	2	3	13

Causalidade

Material 54

Destino 11

TOTAL

GERAL 65

Temos lado a lado tanto as causas materiais quanto as atribuições de causalidade ao destino, muito embora prevaleçam as causas materiais. O discurso jornalístico se detém um pouco mais na racionalidade do que na mitologização, o mesmo ocorrendo nos dados colhidos nas citações sobre Senna. Temos no primeiro dia a maior expressão de

causalidade, que permanece forte até o quarto dia, o noticiário do velório. Os números são expressivos também nos dados colhidos no decorrer do primeiro mês, entre o oitavo e trigésimo dias de publicação do mês de maio, quando possivelmente a parte principal das investigações teriam chegado a termo. No ano posterior, maio de 95, volta-se ao tema das causas, prevalecendo quase que exclusivamente as materiais; nesta época, o veredicto do que ocorrera já havia sido dado a partir das investigações dos destroços do carro: quebra na barra de direção do carro, no ponto onde havia sido soldada para ajuste da pilotagem para as dimensões de Senna.

Articulada com a causalidade surgem as valorações à Fórmula 1 e Escuderia, referências quase que exclusivamente negativas, a exceção sendo o primeiro dia, as quais prevalecem especialmente nos três primeiros dias, apontando para onde se concentrou as acusações de culpa: ganância, desprezo pela vida humana, ... Eis as tabelas obtidas:

Fórmula 1/Escuderia

<hr/>												
Valoração												
Positiva	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<hr/>												
Valoração												
Negativa	7	8	15	1	0	1	2	1	0	0	0	0
<hr/>												
TOTAL												
GERAL	10	8	15	1	0	1	2	1	0	0	0	0
<hr/>												

Fórmula 1/Escuderia

<hr/>	
Valoração	
Positiva	0
<hr/>	
Valoração	
Negativa	13
<hr/>	
TOTAL	
GERAL	13
<hr/>	

AS CITAÇÕES DE SENNA

Temos nas falas citadas do próprio Senna, discurso impresso de um morto, talvez os principais aspectos da construção do personagem a quem se quer glorificar e louvar.

Para as citações de Senna foram utilizadas as mesmas categorias anteriormente definidas, exceto quando estas não se aplicavam, caso em que não houve qualquer registro na categoria. Entretanto, as falas de Senna são melhor entendidas enquanto sentenças, frases onde as expressões são contextualizadas, onde temos as auto-definições e as opiniões sobre vida, morte, coragem e medo delineando o personagem. Tendo em

vista a menor quantidade de dados envolvido nesta parte, além do exposto acima, optamos por anotar as expressões, contando-as apenas quando a principal palavra envolvida não tiver sido contada isoladamente, como por exemplo as palavras vitória, luta, morte, e outras que foram catalogadas separadamente obedecendo ao procedimento e a categorização definida para as outras partes da pesquisa. Expressões como "viciado em emoções fortes", que porta o sentido do gosto pela competição, pela luta, foi contada na categoria herói, posto que nela não há qualquer palavra já catalogada anteriormente. Independentemente da contagem, fizemos constar as expressões principais, para que melhor possamos perceber aquilo que queremos comentar.

Não há dados catalogados na categoria homenagem, que se refere à exaltação popular *post-mortem* de Senna; o mesmo ocorre na categoria perda/privação. Nas categorias oxímoro e consumo, referentes à estratégia discursiva de caráter dramático e a forma de utilização da imagem heróica em nossa sociedade respectivamente, não há dados colhidos, visto que são aspectos proeminentes no discurso jornalístico onde obedecem a certa função e objetivo específicos.

Na categoria hagiolatria vemos prevalecer a sub-categoria herói quase que de forma absoluta na fala de Senna:

<i>Hagiolatria</i>
Mito 0
Herói 58
Santo 14
Ídolo 3
Mártir 1
Rei 0
TOTAL GERAL 76

Senna se auto-investe de um personagem guerreiro, lutador e vencedor, onde sobressaem as expressões de busca de perfeição, superação de limites, audácia, arrogância unidas a auto-confiança e perseverança apaixonada (ver tabela de dados completa no final do capítulo); tais expressões tem na competição esportiva campo proficuo de florescimento e expressão. Discutiremos na parte seguinte, a quinta, o "brincar de herói" que a atividade desportiva proporciona.

Na sub-categoria Santo, catalogamos as referências a Deus, ao "milagre" de uma visão deste, ao misticismo unido à religiosidade e as auto-referências como uma agraciado por Deus - " (a vitória) foi Deus quem a deu para mim. Deus sempre olhou por mim.", nos diz Senna.

Na sub-categoria Ídolo, encontramos duas referências à esta palavra, uma

afirmando e outra negando possuir ídolos, tais citações não foram auto-referentes; encontramos, no entanto, uma expressão do desejo de ser especial na fórmula 1, algo que estaria para além das vitórias obtidas, expressão que encaixamos nesta categoria, por termos a interpretado como um desejo de se tornar um símbolo, um signo.

Na sub-categoria mártir temos a expressão do sacrifício e do sacerdócio, que, embora na época em que foi dita a frase por Senna, esta não possuía um caráter de martírio, dado que a morte não era almejada ou sofrida no momento, a utilização da citação após a morte, em nossa opinião, vem pontuar tal aspecto: alguém que se sacrificou e se dedicou, podendo ser na morte narrada como assassinio, aclamado mártir.

Na categoria Morte/Finitude observamos o seguinte:

<i>Morte/Finitude</i>
Morte 3
Materialidade 0
Tecnicidade 0
Adjetivos 0
Ritualização 0
Despedida 0
Saudade 4
Memória 0
Finitude 1
Celebração 0
TOTAL GERAL 8

Senna faz várias referências à morte e à uma finitude, a partir das quais podemos observar a aceitação e o convívio com a idéia da morte. A aceitação da vida breve, ou, pelo menos, da possibilidade desta, é condição da glória heróica, tanto no contexto esportivo quanto no de guerra, com discutiremos detalhadamente em nossa próxima parte. Além desta referências, aparecem apenas referências à saudade, as quais são ufanistas e relacionadas à infância, denotando a idéia, expressa também explicitamente na fala de Senna, de que, embora com apenas trinta e poucos anos - ele morreu aos 34 -, ele se sentia como se tivesse vivido muito mais. Poderia ser isso uma expressão de consciência de uma vida breve? Cremos que sim.

Na categoria Vida/Eternidade temos:

<i>Vida/Eternidade</i>
Vida 15
Eternidade 10 (sempre)
Expressões 2
TOTAL GERAL 40

As referências à vida sobrepujam aquelas à morte. Vemos nas expressões de Senna a imortalidade idealizada, almejada e, de certo modo, prevista: "a chama do meu sonho não se apaga", diz ele.

Na categoria Ufanismo temos:

<i>Ufanismo</i>
Pátria 11
Objetos 0
TOTAL GERAL 11

Senna faz inúmeras referências ao Brasil, aos brasileiros - e a si mesmo como brasileiro - e ao povo em geral, expressando seu amor e dedicação como cidadão, mas também invocando a admiração identificatória, como na expressão: "saudade é estar longe do Brasil ... é estar longe, muito longe do meu povo."

Temos na categoria Emoção/Comoção uma referência que é a afirmação da emoção e da necessidade de corresponder com vitórias à vibração da 'galera'. A Emoção e o emocionar são indícios da reverberação do personagem dentro de cada um, onde a adrenalina que Senna sente ao competir, corre nas veias de cada espectador que o assiste.

Na categoria Espetáculo temos o total de 32 referências das quais 29 são expressões superlativas - o maior, melhor, mais, máximo, mundo. Lemos aqui a característica da auto-confiança de alguém especial e cujos objetivos são sempre superlativos. Temos ainda referências à fama e popularidade adquiridas e aceitas.

Na categoria Espelho temos Senna se ofertando como uma imagem vencedora num espelho onde o povo sacrificado e em 'dificuldade' possa buscar alívio.

Na categoria Senna catalogamos:

Senna

Auto-referências 75 (explícitas)
Valoração Positiva 1
Valoração Negativa 1
TOTAL GERAL 77

Observamos ser o discurso de Senna totalmente auto-centrado, sendo colocado a individualidade e a característica de unicidade, único e especial, que são os aspectos que se admira e busca em personagens como Senna. Catalogamos uma auto-avaliação positiva como honesto - característica rara nos homens públicos com os quais se está acostumado a lidar em nosso meio -, e uma negativa, narrada como um rigor de exigência excessivo com aqueles com quem convive. Senna depõe deste modo que o rigor com que dirige sua vida profissional, também regula sua vida afetiva e privada. Enquanto personagem vitorioso vemos que Senna não se narra como estando exigente e sim como sendo assim.

Na categoria Fórmula 1/Escuderia, temos:

Fórmula 1/Escuderia

Valoração Positiva 0
Valoração Negativa 5
TOTAL GERAL 5

Senna descreve o seu campo de batalha como um ambiente hostil, nojento, muito competitivo, implacável com erros e onde os acidentes são esperados, estas são as cinco expressões de nosso herói. Na fórmula 1 a guerra não é leve e por isso afirmamos, com Baudrillard (ver nossa terceira parte deste estudo), que passível de exercer fascinação. Para Senna é nisto que se baseia o desafio sacrificial no qual se engaja, e, para o público a emoção guarda direta proporção com a dificuldade e a violência envolvida.

Temos, finalmente, a categoria dos Usos da Negação:

Usos da Negação

NÃO 32
NUNCA 4
NEGA 0
JAMAIS 0
NINGUÉM 1
NADA 0
NENHUM 1
TOTAL GERAL 38

Enquanto que no texto publicado a propósito da morte de Senna, o "não" se configura fortemente como uma negação da mortalidade, na fala de Senna, no entanto, ele aparece predominantemente como avaliação de inimigos, de valores (como dinheiro e uso de droga) e de auto-afirmação. O Nunca surge como característica de intocabilidade - "nunca me machuquei", "nunca considero a possibilidade de um acidente", afirma Senna. Senna se coloca enquanto vitorioso, totalmente só, individualizado, sem ter "ninguém perto, só Deus", diz ele.

A intocabilidade e a perfeição auto-proferidas por Senna nos remetem ao mito de Narciso, estudado por Augras (1995, 165), onde "Narciso se vê como intangível, perfeito, e quase imortal". A intangibilidade é também a característica da morte, nos lembra a autora (Idem), e de seu oposto simétrico e complementar, a imortalidade. Augras (Ibid., 169) pontua que "O drama de Narciso parece aqui residir na incapacidade de reconhecer a própria alteridade, ...". Narcismo é negar o outro, a alteridade, e ao negá-la, encontrar tanto a morte quanto a imortalidade, imortalidade refletida nos espelhos que afogam e perpetuam ao ficarem registrados na memória daqueles que cultuam e exaltam tal perfeição e sedução narcísica.

Os dados obtidos nas citações de Senna nos levam ao tentador desafio de estabelecer alguns paralelos entre tais dizeres, enquanto possuidores de uma função edificante de um personagem - construído e exaltado pela mídia no e pelo texto -, e a construção hagiográfica de um imortal, seja este aclamado santo, ídolo, mártir ou herói. Isto nos levará ao breve estudo da edificação dos santos comentada por Brown (1981) e Certeau (1982) e à tragédiografia sofocleana comentada por Knox (1964). A partir de tais estudos veremos os passos e pressupostos necessários para se passar da morte à imortalidade. Ousaremos, pela junção destes estudos com nossos dados de pesquisa, tentar postular a morte e a imortalidade de Ayrton Senna.

QUINTA PARTE: A MORTE DE IMORTAIS

Como se faz um imortal

Um dos mais populares e antigos imortais, quiçá mais importante em nossa sociedade, imortal com o qual convivemos, é Jesus Cristo - o Deus cristão. A morte ritual de Deus, na figura de seu filho, cumpre uma função de primeira ordem nos mistérios das religiões cristãs. Tema semelhante aparece também em mitos africanos (ver Thomas, *op. cit.*, 604). A história que serve de base ao cristianismo tematiza a morte, a redenção e a ressurreição, narrando a história de um Deus salvador que é morto, vingado e, depois, ressuscita. O Cristo simboliza a vitória definitiva da vida sobre a morte, é, talvez, o mais popular imortal entre nós.

A morte de Cristo na cruz do calvário, ou melhor, o seu assassinio, é o que foi necessário para a redenção dos nossos pecados, para que possamos também ser imortais, para que possamos alcançar a "vida eterna", ressuscitando no dia do Juízo Final, assemelhando-nos ao Cristo. A morte sacrificial de Cristo é o protótipo da morte de um imortal, que depõe: que, antes de mais nada, para ser um imortal é preciso morrer; depois, que tal morte possui uma função salvadora, com a qual as pessoas possam identificar-se, para que a morte sirva à coletividade.

Thomas (*op. cit.*, 604) acrescenta-nos que,

Bajo cualquier forma que se presente, el deicidio realiza un compromiso dramático entre el poder del hombre 'que quiere volverse parecido a Dios' y la omnipotencia divina. Matar a Dios; matandose, adquirir para si o para la comunidad algo do poder de Dios, constituye siempre un comportamiento del que el hombre cree extraer el mayor beneficio. Con mayor razón si Dios perdona y salva al hombre. Lo imaginario de la salvación culmina así en su altura más prestigiosa, pero también probablemente la más aleatoria ³¹.

O deicídio, o assassinio que marca a morte sacrificial do imortal ressurreto,

porta o duplo desejo do povo, que é simultaneamente o de destruir e de *re-criar*, produzindo a morte e a imortalidade de seus eleitos.

A imortalidade é garantida pela perpetuação da memória, e uma das possibilidades de se lhe garantir essa memória é a santificação, onde tais 'eleitos' se tornam personagens de uma hagiografia - registro ou 'monumento escrito', destinado à promoção do culto aos santos (ver Certeau, 1986, 266). A grafia é o que garante a imortalidade, sendo a divulgação pública produtora de "memória imortal" (ver Vernant, 1977, 56). O *marketing* ou o canto de celebração é condição *sine qua non* para a consagração do herói:

A vida breve, a façanha, a bela morte só adquirem sentido quando encontram lugar num canto pronto a acolhê-las para as magnificar e conferem ao herói o próprio privilégio de ser aoidimos, assunto de canto, digno de ser cantado. É pela transposição literária do canto épico que a personagem do herói adquire tal estatura, a densidade de existência e a perenidade que, apenas elas, podem justificar o extremo rigor do ideal heróico e dos sacrifícios que ele impõe (Vernant, op. cit., 41-2).

Na escritura desses "discursos das virtudes" (Certeau, *op. cit.*, 273), a exemplaridade de tais atores do sagrado é o ponto central, posto que os virtuosos são "(...) aqueles que realizam especiais sínteses ou cristalizações dos valores morais de um dado grupo ou domínio social" (Rodrigues, 1991, 58) e é por isso que se tornam seres, nas palavras do autor (*ibid.*, 59), cuja "vida privada é pública. [E] Cujas vida pública, decerto modo, é publicitária. Cujas vida real em grande medida é mítica".

A exemplaridade, unida às circunstâncias e características do morrer, permite as identificações populares, que são, por sua vez, promotoras de santificação e heroificação. Passemos a um breve estudo da edificação hagiográfica cristã e da tragediografia de Sófocles, para termos um *flash* de como se faz um imortal num e noutro contextos.

O Herói, o Santo e o Mártir na Edificação Hagiográfica

*Et corpus lacerum corpora multa fovet.
He whose good health was ended by an evil death
Now both gives life to many and retains his own.*

[Aquele, cuja boa saúde foi terminada por uma morte maligna, /
Agora dá vida a muitos e também retém a sua própria.]
(Venantius Fortunatus, *in* Brown, 1981, 84)

A edificação hagiográfica busca, por um discurso religioso, registrar “fatos” da vida, dos feitos e da morte dos santificados, ensina-nos Michel de Certeau (*op. cit.*), explicitando que tais são coisas ou *res* e que “As *res* são as *verba* [palavras] nas quais o discurso cultua um significado recebido” (*ibid.*, 266). Na escrituração da vida dos santos, no eleito, autor de tais feitos, é caracterizado como um personagem, ou seja, na hagiografia,

*(...) a individualidade conta menos que o personagem. Os mesmos traços ou os mesmos episódios passam de um nome próprio a outro: as combinações destes elementos flutuantes, como palavras ou jóias disponíveis, compõem tal ou qual figura e lhe atribuem um sentido. Mais do que um nome próprio, importa o modelo que resulta desta ‘tergiversação’; mais do que a unidade hagiográfica, o recorte de uma função e do tipo que a representa (Certeau, *op. cit.*, 272).*

O relato grafado possui um tempo de provações e um tempo de glorificações, seguindo o roteiro de um drama; e é pela glorificação que se dá a passagem do privado ao público (ver Certeau, *op. cit.*). Em tal relato, as ‘virtudes’ são as “unidades de base” (*ibid.*, 274) na vida do santo, podendo elas ser caracterizadas

(...) sob diferentes títulos. Enquanto fornecem modelos (exempla) sociais situam-se numa intersecção entre a evolução da comunidade particular onde são elaboradas (aspecto diacrônico) e a conjuntura sociocultural que esta evolução atravessa (aspecto sincrônico): desta maneira o lugar e a definição de pobreza, na Idade Média, variam segundo uma congregação esteja próxima ou afastada de seus inícios, e segundo o pauperismo represente, na sociedade global, o papel de uma mobilidade necessária ou de uma ameaça à ordem.

As virtudes podem ser pensadas dentro de uma hierarquia sempre conformante às regras sociais e, distinguindo-se delas, temos o milagre, que seria a irrupção do poder divino, ou seja, a demonstração forte da junção do humano com o divino. Assim, as virtudes, para que possuam possibilidade identificatória, remetem sempre ao contexto social, e os milagres marcam a presença da divinização, que é o que se almeja nos processos identificatórios: poder compartilhar do poder divino.

A construção de uma imagem remete sempre a sistemas de representação do grupo onde se dá a edificação, inscrevendo-se na vida deste e representando “(...) a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma **imagem a um lugar**” (*ibid.*, 269). Há sempre um lugar fundador na vida do santo - túmulo, mosteiro, peregrinação, etc. - que se torna o lugar litúrgico e que é o ponto de partida. Na escrituração, “O percurso visa o retorno a este ponto de partida. O próprio itinerário da *escrita* conduz à *visão* do lugar: *ler e ir ver*” (*ibid.*, 277). O texto pontua a partida e o retorno do santo, circulando em torno de um lugar; no entanto, este lugar passa a ser, não tanto um espaço geográfico, e sim, principalmente, um espaço simbólico, ou um espaço “espiritual”, onde, “(...) o sentido é um lugar que não é um lugar. Remete os leitores a um ‘além’ que não é nem alhures nem o próprio lugar onde a vida do santo organiza a edificação de uma comunidade” (*ibid.*, 278). A Imagem associada a um lugar, alia uma lembrança, “objeto cuja construção está ligada ao desaparecimento dos começos” (*idem*), combinando-a com uma “(...) ‘edificação’ produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão”, (*idem*) e passa a ser “(...) um monumento da coletividade partilhada entre o que ela perde e o que ela cria” (*idem*). Essa descrição de Certeau encontra eco em vários autores contemporâneos (Morin; Augras; Rodrigues; Sodré, para citar alguns), os quais reiteram que é pela glória de um outro, morto, que o grupo promove a sua glorificação, permitindo, pela exaltação das virtudes, que cada um se sinta glorificado, sendo, pois, o sangue do Cristo assassinado, que lava os pecados do povo.

A Imagem do santo é semanticamente construída e, em geral, pontua-se a origem nobre deste, com o intuito de “(...) indicar no herói a fonte divina de sua ação e da heroicidade de suas virtudes (...)” (Certeau, *op. cit.*, 272). Deste modo, “*Tudo é dado na origem com uma ‘vocação’*” (*ibid.*, 273). Outra característica da hagiografia, é que “(...) o texto conta-se a si mesmo, focalizando o herói em torno da ‘constância’,

perseverança do próprio (...)” (*idem*). Deste modo, ensina-nos Certeau, “Do santo adulto remonta-se à infância na qual já se reconhece a efigie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu” (*idem*).

Temos, finalmente, a marca do culto aos santos, que é o que Certeau (*op. cit.*) denomina de o “tempo ritual da festa” de celebração dos aniversários da morte, por um ciclo anual com os calendários das festas de santos. Nestas festas, consagra-se um santo com a imortalidade, ao colocá-lo fora de um tempo, ou colocando-o em um outro tempo, ou seja, a eternização é um tempo que se fecha e se torna uma “recapitulação englobante”; pela repetição de textos e liturgias, cobre-se de extraordinário um certo espaço, colocado fora de um tempo, no qual o santo passou, nasceu ou morreu.

A imensa celebração de Ayrton Senna como santo, herói e mártir nos instiga a buscar no material publicado em jornais - objeto da pesquisa que realizamos, coletando manchetes, títulos das reportagens e citações destacadas na página - se de fato poderíamos pensar os textos publicados como uma espécie de “edificação”. Ayrton Senna, nascido em uma família rica de São Paulo e tendo-se iniciado, por incentivo de seu pai, muito cedo no automobilismo, iniciando no *kart* e percorrendo todas as categorias de corrida até a Fórmula 1, que é o auge, ou o objetivo maior de um piloto de carros, tem a sua vida pontuada e publicada da seguinte forma: “Um destino traçado aos 4 anos” [de idade] (**JB**, 02/05/94, Cad. Princ., p.8); “Sempre fui um privilegiado. Num país pobre, nasci rico. Vencer é uma obrigação para mim, por tudo isso” (Citação de Senna, **JB**, 05/05/94, Cad. Princ., p.22); “Em nome de Deus não existe o impossível. Ele é a fonte da vida. Ele criou tudo aquilo que vemos e sentimos” (Citação de Senna, **JB**, 06/05/94, Cad. Principal, p.24); “O homem que viu Deus e não teve o receio de revelar sua fé para o mundo” (**JB**, 02/05/94, Caderno Principal, p.8); “Um profeta do impossível; um ser desconfiado” (**O GLOBO**, 08/05/94); “Fórmula 1 é sacrifício e só quem se entregar a ela como sacerdócio chegará ao sucesso” (Citação de Senna, **JB**, 05/05/94); “Ele pressentiu a tragédia (...)” (**O DIA**, 02/05/94). Temos ainda, “Romaria” e “Vigília” nos lugares onde morreu ou onde foi velado e sepultado. Uma manchete da **Folha da Tarde** de 08/05/94 noticia: “Mito: Multidão se espelha no herói que conduz seu destino rumo à vitória”. E, finalmente, em **O GLOBO** de 02/05/94: “O personagem sobrevive”, manchete que remete de forma explícita a uma revista em quadrinhos, baseada em Senna como personagem principal, mas também remete ao

personagem que Senna se está tornando, ao morrer. Noticia-se a elaboração de uma moeda e de um selo comemorativos, os capacetes que foram usados por Senna vão a leilão, sendo que um destes a irmã carrega para os lugares a que vai, representando a família, para receber homenagens dedicadas a Senna. Durante todo o velório, um capacete usado por Senna foi posto em cima do caixão, que não pode ser aberto tamanha a destruição do corpo; este capacete do velório foi abraçado, beijado e acariciado. Noticiaram-se declarações de populares que queriam fazer “pedidos” no caixão de Senna.

Nas publicações sobre a morte de Senna observamos tanto santificação quanto heroização, muito embora prevaleçam os termos referentes a herói; aparecem referências a “pedidos” a Senna morto, que denotam a crença no poder de intelecção deste junto ao divino. Scarduelli (1995, 60), jornalista que publicou estudo sobre o noticiário a respeito de Senna durante os seis primeiros dias da morte, pontua que, “Na verdade, a idéia de que todo morto vira santo é tão brasileira quanto a cachaça e o futebol”. O culto e as homenagens são prestadas principalmente no túmulo de Senna e na curva em que morreu, seu capacete se torna símbolo de seu corpo, na forma de uma relíquia.

Peter Brown (1981) pesquisa sobre a origem do culto aos santos no cristianismo e cita, embora discordando, que vários autores associam a origem do culto aos mártires nos primórdios do cristianismo com o culto aos heróis no período helenístico e romano. Brown argumenta que os mártires, diferente dos heróis antigos, eram concebidos como próximos a Deus e, por isso, capazes de interceder pelos mortais (Brown, 1981). É interessante ressaltar também que, segundo o autor, o relicário dos mártires nunca aludia ao *memento mori*, mas buscava suprimir o fato da morte. O culto aos heróis tem em comum com o culto aos santos e mártires o fato de ser no túmulo destes que se faz a injunção do Céu e da Terra, pela idealização e reverência prestada aos falecidos.

O Culto ao Herói Trágico na Literatura de Sófocles

Bernard Knox (1964) atribui a Sófocles a originalidade de um método dramático no qual o dilema trágico é apresentado na figura de um único e dominante personagem, que é um herói essencialmente individualista. O herói trágico de Sófocles é alguém movido por uma paixão e crença pessoais, imperativos de sua natureza, que estão para além da razão e do bom senso; marcados por uma intransigência, eles se caracterizam como figuras solitárias. O herói na obra de Sófocles freqüentemente tem a escolha entre abrir mão de suas convicções ou enfrentar um possível ou provável desastre; ele sempre permanece fiel a si mesmo, ao seu *physis*, à sua *natureza*, que é herdada de seus pais e que é a sua identidade; vários deles invocam sua origem nobre e seu desejo de glória. O herói escolhe a morte até como um destino. Em Sófocles, o herói tem um padrão recorrente, ele se depara com situações-limite para suas convicções e é intransigente, chegando perto do ponto muito próximo da loucura, suicidante. As palavras características dos heróis são: deixem comigo, permitam, me deixem...; Antígona diz para sua irmã: “Não tema por mim, seja bem sucedida em sua própria vida” (Knox, *op. cit.*, 19). Senna, nosso herói moderno, diz à sua namorada, na véspera da corrida fatal, ainda muito abalado pela morte de um colega no dia anterior: “Não se preocupe, eu sou forte, muito forte” (Folha de S. Paulo, 03/05/94). Temos ainda catalogadas expressões como “paixão” e “motivação”, “faz parte de minha natureza, do meu caráter, da minha personalidade, está no sangue”, “luto com todas as minhas forças, quero a perfeição”, “vivo intensamente tudo o que me ponho a fazer”, “em condições normais corro para vencer. Nas impossíveis também sou páreo” e assim por diante (ver dados colhidos em ‘Citações de Senna’).

Sófocles cria um universo trágico no qual a ação heróica de um homem, livre e responsável, às vezes o leva pelo sofrimento à vitória, mas, mais freqüentemente, o leva à queda e à morte, sendo que, nestas, o sofrimento e a glória estão unidos de uma forma absolutamente indissociável. Estes são homens que se negam a aceitar suas limitações humanas e, no seu fracasso, conquistam estranha vitória (*ibid.*, 6). O herói é aquele que sai vitorioso sobre o destino e sobre si mesmo, onde, como belamente afirma Loraux (1994, 128):

a distinção canônica entre morte natural e aquela que se

elege em nome de uma nobre causa. Ao menos estabelece-se um equilíbrio, no seio da bela morte, entre escolha e acaso, entre proairesis e destino; opera-se, então, uma divisão de responsabilidades: no plano da natureza, a última palavra cabe à divindade, e na esfera humana e cívica da honra, somente os mortos decidem sua sorte.

O drama oferece a possibilidade de se visualizar a existência humana, pelas suas representações de vida e de morte, podendo o sofrimento e o consolo obtido na glória e consagração ser significados como ato e permitir a possibilidade de se abrir novo sentido, um sentido não sofrido e basicamente de glória. A escrita da tragédia, segundo Knox (*op. cit.*), abre a possibilidade de se crer que a morte e/ou o sofrimento humanos possuem um propósito e que o aniquilamento pode, inclusive, ser uma “graça de deus”.

NOTAS

31. Livre tradução: Por baixo de qualquer forma que se apresente, o deicídio realiza um compromisso dramático entre o poder do homem ‘que quer tornar-se parecido com Deus’ e a onipotência divina. Matar a Deus, matando-se, adquirir para si ou para a comunidade algo do poder de Deus, constituem sempre um comportamento do qual o homem crê poder extrair o maior benefício. Com maior razão se Deus perdoa e salva o homem. O imaginário da salvação culmina assim em seu nível mais prestigioso, mas também, provavelmente, mais aleatório.

Morte morrida ou morte matada

Bastide (*in* Thomas, *op. cit.*, 179) categoriza dois tipos de sociedade: as sociedades de enriquecimento progressivo da personalidade, onde se passa do estatuto inferior de adolescente ao de adulto e, depois, ao de velho, e, por último, ao grau mais elevado, ao estatuto de antepassado. Neste primeiro tipo, onde se inclui a sociedade negro-africana estudada por Louis Vincent-Thomas (*op. cit.*), a morte é uma etapa obrigatória na ascensão do homem; nestas, portanto, o que é valorizado é a “morte morrida” e, de preferência, em idade avançada. Em contraponto a esta primeira, Bastide descreve as sociedades guerreiras, onde a morte ideal é a morte do jovem durante o combate, sendo só por esta morte, provocada na luta - uma “morte matada”, diríamos nós - que o guerreiro adolescente pode elevar-se ao estatuto de imortal consagrado, sendo, ainda, que, caso este escape a tal tipo de morte, ele passa a ordinariamente comum, sendo desvalorizado na medida em que envelhece.

As sociedades não vêem a morte simplesmente como uma realidade, esta é sempre adjetivada como boa ou má morte, como fecunda ou estéril, como suave ou violenta, e assim por diante. Em nossa sociedade, a morte se cerca de legalidade e normatividade, onde os juízos de valor são previamente calculados e estabelecidos (*ver* Thomas, *op. cit.*, 229) e em toda morte violenta se buscam sempre indícios de suspeição, que mobilizam diversos especialistas em necrologia, os médicos, os policiais, os investigadores e outros mais, a depender do contexto e tipo de morte. A morte em acidentes de trânsito, por exemplo, sempre obriga à busca de indícios sobre como, quando, onde e por que a morte se deu. Louis Vincent-Thomas nos apresenta como contraponto o sistema da África negra, onde

Ciertamente, toda muerte se ve como natural en el sentido que ha sido querida o permitida por Dios (...) [porém] el hecho de que alguien muera, y con mayor razón si no es un viejo, siempre tiene algo de altamente sospechoso (...) ³².

Thomas, *op. cit.*, 230

São levantadas hipóteses de bruxaria, de envenenamento, de castigo dos deuses por quebra de alguma proibição ou, então, simplesmente devia morrer. Na sociedade negro-africana, a suspeição se acentua para os casos que são considerados como má morte, fato que leva a uma busca de saber o ocorrido, seja por adivinhação, por interpretação de sonhos, confissão obrigatória e, sobretudo, por um interrogatório que se faz ao cadáver (ver *idem*).

A boa morte, por vezes também tida como bela, é aquela que se dá segundo as normas previstas pela tradição: lugar, tempo ou idade e forma de morrer. Esta é a morte que não provoca tanto medo, não é tão ‘contagiosa’ (ver *ibid.*, 231). Na África negra, a boa morte é aquela que conduz ‘ao pai e aos antepassados’ (*idem*). Na tradição cristã, a boa morte é a serena e aceita, pois a tradição recomenda ‘dignidade e desprendimento’ (*ibid.*, 232).

A má morte é essencialmente anômica e causadora de desordem (*ibid.*, 231). Para a cultura negro-africana esta aparece como reveladora da ira dos deuses, atingindo os indivíduos que cometeram falta grave, ocorrendo em circunstâncias especiais, horríveis ou insólitas e anormais, como afogamento, morte durante o retiro da iniciação ou durante o parto (*idem*). A má morte é também, para os negro-africanos, a morte sem descendência, sem ninguém para fazer os sacrifícios e promover a memória em honra dos desaparecidos, sacrifícios e honras sem os quais o defunto não poderá chegar ao estatuto de antepassado (*ibid.*, 231). Em nossa sociedade também, a única verdadeira morte é a morte pelo esquecimento, sem posteridade.

As categorias de boa e má morte se transformam com o tempo e podem mudar de um pólo a outro. Na Idade Média, a morte súbita, não prevista e avisada, era temida; nos dias atuais, esta mesma morte, escamoteada, se mostra bastante conveniente e, portanto, desejada. As mortes privadas e solitárias dos hospitais de hoje eram impensáveis, quando a forma do bem morrer envolvia a participação do maior número de pessoas possível. Thomas (*op. cit.*) sustenta que, no passado, se conjugavam no quarto do moribundo curiosidade, solidariedade, familiaridade com a morte, sem que possamos saber qual destes predominava. Hoje, prefere-se a clandestinidade (ver Thomas, *op. cit.*, 235).

Thomas lança mão da dicotomia morte fecunda/morte estéril para narrar um

tipo peculiar de morte que mobiliza toda uma sociedade, onde a morte por um ideal, como sacrifício voluntário, tem o valor de exemplaridade. A morte própria nos escapa aos olhos, portanto, é na morte do outro que se vive a própria morte, mas também, decerto, é a morte dos outros que deixa cada um de nós vivo (ver Thomas, *ibid.*, 268).

A morte estéril é a morte fútil, para nada ou de nada, ou, pelo menos, é não morrer pelo que se crê. Claro que, decerto modo, toda morte é inútil, irrisória, privada de sentido, posto que é sempre forma de não-ser, quaisquer que sejam as condições em que se dê. Porém o contraponto que se faz a esta é a morte que, ao invés de se resignar a tal condição humana, busca transcendê-la. Thomas (*ibid.*, 236) define assim: *La muerte fecunda es, por lo tanto, la que reconoce el precio de la vida en la medida en que se está dispuesto a arriesgarla* ³³.

Enfim, a morte socialmente glorificada é uma, na qual o homem se arrisca, enfrentando-a, na luta por seus próprios valores de homem, sua honra e dignidade (ver Thomas, *op. cit.*, 238), ou por quaisquer outras razões, que variam do amor, êxtase, protesto, obstinação, entre outras.

A morte fecunda é o modelo de morte do herói de que nos fala Vernant (1977); é também a morte que se pode ler nas tragédias sofocianas do herói individual, que morre mas não abre mão de seus princípios e convicções. Este tipo de morte exalta os valores do indivíduo, que são reconhecidos como superiores à vida e, por isso, imortais. Na morte, o homem se afirma e se supera, entregando sua vida por “‘su’ *verdad*, por ‘su’ *justicia*, por ‘su’ *honor*, por ‘su’ *derecho*, por ‘su’ *libertad*” (Thomas, *op. cit.*, 238). O autor sublinha o *su* [seu], porque há que se ressaltar o aspecto totalmente individual de tal morte, morte que, sendo sacrifício voluntário, possibilita a catarse e a identificação de tantos, tal qual a morte de Cristo, protótipo da morte de santo e herói.

NOTAS

32. Livre tradução: Certamente, toda morte é vista como natural, no sentido de que foi desejada ou permitida por Deus (...) [porém] o fato de que alguém morra, e principalmente se não é um velho, sempre tem algo de altamente suspeito (...).

33. Livre tradução: A morte fecunda é, portanto, a que reconhece o preço da vida, na medida em que se está disposto a arriscá-la.

O esporte e o jogo da morte - brincando de herói

O esporte não se reduz a um conjunto de atividades físicas, pois, sendo um feito da civilização, construção humana portanto, e não da natureza, se constitui como uma manifestação do imaginário humano, sendo também expressão criativa. Thomas (1983, 562) afirma ser o esporte uma verdadeira substituição simbólica, onde este atualiza, no plano da experiência, a metafísica (a morte) e a política (a violência) ou, em outros termos, o mais além (a superestrutura religiosa) e o aquém (a infraestrutura econômica da sociedade).

O esporte é tratado com imensa seriedade em nossa sociedade, sendo precedido de cerimônias e festividades que, comumente, envolvem as principais personalidades da nação, como ocorre, por exemplo, nos cerimoniais dos jogos olímpicos. Sendo uma atividade levada a sério, não deixa de ser também uma atividade cercada pelo trágico, onde a 'emoção', o ponto alto, se encontra na incerteza do resultado e, às vezes, no risco de acidentes e até de morte. O jogo encena uma violência, sublimada ou real, que lhe confere ares de uma batalha, onde se joga a vida, buscando a glorificação pela vitória, arriscando-se a perder tudo ou, pelo menos, aquele jogo.

Talvez nós não nos demos conta, mas a emoção anunciada, e explorada comercialmente nos dias de hoje, é proveniente justamente dos riscos envolvidos no esporte, onde, "quanto mais adrenalina, melhor". A vinheta de abertura do 'Esporte Espetacular', na TV Globo, mostra cenas de carros capotando e batendo, acidentes com motos, alternadas com cenas de esportes tradicionais, mostrando os atletas saltando, chutando, etc. A violência faz parte do *show*, ou talvez até ela seja o *show*; o risco é emocionante e sedutor.

Embora não queira morrer, o esportista joga com a morte. Jogo que se dá simbolicamente, pois sempre se preferirá perder fisicamente do que desaparecer simbolicamente (ver Thomas, *op. cit.*, 563). O lúdico restringe o trágico, pela codificação da violência, por regras e pela busca de meios de se restringir a incerteza do desenlace, quais sejam preparo físico cada vez mais eficiente, preparos alimentar e

psicológicos, e também pela busca de desenvolvimento de alta tecnologia. No entanto, o risco nunca é totalmente eliminado - os atletas dão saltos mortais, os carros que correm a mais de 300 km/h não têm como ser de fato seguros, os golpes na cabeça, recebidos por boxeadores, se não matam na hora, danificam aos poucos, e assim por diante.

O esporte tem uma natureza simbólica ambígua, pois a derrota não é necessariamente uma verdadeira derrota, busca-se o sentido teatral, tenta-se proteger contra a morte real. O jogo-espetáculo dos dias de hoje não é mais como o das arenas romanas, hoje, ao perdedor, restitui-se a vida - isto quando a realidade não ultrapassa a ficção, como ocorre em acidentes fatais - para que possa tentar novamente.

Porém, o refinamento intelectual da representação desportiva não dissipa, mas cria a tragédia (ver Thomas, *op. cit.*, 563). Há uma certa equivalência simbólica entre a batalha do guerreiro, postulante a herói, e o desportista, que teatraliza a mesma batalha, buscando, na vitória, glória semelhante à do herói, posto que, analogamente, busca ultrapassar os limites e desafiar a morte. O universo heróico, ensina Vernant (ver 1977, 35), é aquele em que o combatente aceita de antemão a vida breve, devotando-se por inteiro ao feito, à glória e à morte, de modo que se “ultrapassa a morte acolhendo-a em vez de a sofrer, tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar e que os homens celebrarão como um modelo de ‘glória imorredoura’”(ibid., 40). É preciso se arriscar a tudo perder no jogo.

A morte de Ayrton Senna foi transmitida “ao vivo” pela TV, chocou, decerto, mas atraiu mais espectadores do que seria o normal; as cenas da batida fatal foram reprisadas um sem número de vezes. Artur Xexéu, colunista do **Jornal do Brasil** (8/5/94), nos oferece o seu testemunho, uma semana após o ocorrido com Senna, que passaremos a reproduzir, pois cremos que sirva para reforçar o que acabamos de expor. Vejamos:

Convenhamos, qualquer esporte que exija de um atleta correr num carro a 300 quilômetros por hora é um esporte suicida, mesmo com muros cercados por pneus ou caixas de brita. E, falando francamente, as corridas de Fórmula 1 mais emocionantes são aquelas cheias de acidentes, batidas, derrapagens. É claro que ninguém se posta diante da TV domingo de manhã esperando acompanhar uma morte ao vivo. Mas se não há uma batida na largada, uma ultrapassagem perigosa ou qualquer outro

incidente [se não se joga com a morte, diríamos nós] na pista, a tendência do espectador é achar a corrida monótona demais. Está implícita na emoção da Fórmula 1 [e do esporte em geral] a possibilidade da tragédia.

A Fórmula 1 não é um “esporte suicida”, como nos diz o colunista, é, sim, potencialmente suicidante, na medida em que o perigo e o risco de morte fazem parte e são aceitos pelo esportista, mas não verdadeiramente almejados. O esporte se faz a partir de um brincar de herói, na medida em que, nos moldes da ‘bela morte’ de que nos falam Vernant (1977) e Loraux (1994), onde a morte heróica se dá como “sacrifício consentido”, onde é “pelo abandono de si que se alcança o título de *anér agathós*, como se não se possuísse senão a própria morte” (Loraux, *op. cit.*, 119).

O jogo, tal como a festa, se mostra como uma estratégia de celebração da vida via encenação da morte. O jogo encena, de forma lúdica, uma batalha heróica, possibilitando ao atleta brincar de herói e, caso encontre a morte em plena juventude e vigor, este passa a desfrutar da “glória imorredoura” postulada por Vernant (ver 1977), que atribui ao herói o *status* de imortalidade. Brincar de herói e brincar de imortal, tal a simbologia do esporte. No caso de Senna, como às vezes acontece, o simbólico se tornou real.

Considerações Finais: Imortais que se fazem ao morrer

A morte completa, assim, o destino do herói. Realiza sua dupla natureza: humana e divina. Ela o faz desempenhar seu papel de humano, sua vocação profunda, que é a de lutar contra o mundo e perecer heroicamente diante de uma fatalidade que terminará por o atingir. Ao mesmo tempo, contudo, a morte realiza no herói sua natureza sobre-humana. Diviniza-o, na medida em que lhe abre as portas da imortalidade: sai da vida para entrar na História.

José Carlos Rodrigues, 1991, 72

Sendo o mito discurso do paradoxo, como nos ensina Augras (1995, 170), é o morrer que possibilita a glória imortal, postulada nos mitos. A coletividade, pela junção das dimensões imaginária e real, glorifica aqueles que, pela vitória de seus ideais, arriscam a vida, aceitando desta dispor e crendo ser pela morte que realmente se tornam possuidores de suas vidas.

DaMatta (1991, 170) astutamente afirma que “No Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem”. Os ‘mortos imortais’, que de tempos em tempos celebramos, pontuam para nós tanto a morte, brutalmente concreta, quanto o poder do imaginário social, o qual organiza, pela dramatização social calcada na ilusão da indestrutibilidade. A vitória que se obtém sobre a morte é imaginária, sem dúvida alguma, mas com Loraux (1994, 23), indagamos: “Mas quem ousaria, ao imaginário, negar uma realidade (...)?” A derivação imaginária pela produção simbólica - onde o eu e o símbolo se imiscuem - é o que garante ao grupo a sua salvação. Não se pode tentar negar o imaginário, posto que ele não é extingüível, ele apenas se veste com as mais diversas roupagens, inclusive a do cientificismo. A multidão possui ao mesmo tempo tanto o cadáver quanto o herói, como representação, de forma metafórica e afetiva, expressando, não o desejo do herói, mas o desejo da imagem do herói. A vivência do desejo do objeto é conflitual e tensiogênica, mas o desejo de sua imagem é confortável e apaixonante. A festa de louvor coletivo que produzimos é um ato criativo que fazemos sob o cadáver e que nasce duplamente do desejo de destruir e recriar, ao mesmo tempo matando e imortalizando. A morte, enquanto sacrificial, serve a toda comunidade, que se alimenta do brilho heróico e dos simulacros produzidos e reproduzidos para consumo *mass-mediático*. A festa, o

espetáculo, é lúdico, visual e grotesco, mas tem função edificante de manter para o grupo a ilusão de perenidade.

Desejando não concluir e, sim, recolocar o abismo que nos é inseparável, lembremos com Heidegger (1975, 94-96) que, se a morte nos coloca um enigma e o mistério da dor permanece velado, existe ainda a linguagem, contendo toda a santificação que se parece ter perdido desde o abandono dos deuses de nosso convívio diário. O caminho dos poetas é a invenção pela palavra, invenção imaginária, pela qual a ilusão construída nos serve para pensarmos algumas de nossas verdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. (1977) *Stanzas: word and phantasm in Western Culture*. USA, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- ARIÈS, Philippe. (1975) *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2ªed. Portugal, Lisboa: Ed. Teorema, 1989.
- _____. (1977) *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989a. vol. I
- _____. (1977) *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. vol. II
- AUGRAS, Monique. *Alteridade e Dominação no Brasil: psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1995.
- _____. *O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. 3ªed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- _____. *O Que é Tabu*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- _____. *Opinião Pública: teoria e pesquisa*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- _____. *Medalhas e Brasões: a história do Brasil no samba*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1992.
- _____. "A paixão de Tancredo e o imaginário social", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13/04/85.
- _____. "Passagem: Morte e Renascimento" in *O Imaginário e a Simbologia da Passagem: Anais do II Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*. Danielle Perin Rocha Pitta, org. Recife: Ed. Massangana, 1984.
- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1981.
- _____. (1976) *Symbolic Exchange and Death*. USA, California: Sage Publications, 1993.

- _____. (1981) *Simulacra and Simulation*. USA, The University of Michigan, 1994.
- BOORSTIN, Daniel J. *The Image: a guide to pseudo-events in America*. USA, New York: Vintage Books (Random House, Inc.), 1961.
- BROWN, Peter. *The Cult of the Saints: its Rise and Function in Latin Christianity*. USA, Chicago: The University of Chicago Press, 1981.
- _____. CAMUS, Albert. (1942) *O Mito de Sisifo: ensaio sobre o absurdo*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- _____. et alli. *A Criação Histórica*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1992.
- CERTEAU, Michel de. (1975) *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. (1993) *A Cultura no Plural*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- _____. (1990) *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1991.
- _____. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.
- _____. *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.
- _____. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.
- DELEUZE, Gilles. (1988) *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- DURAND, Gilbert. (1969) "Exploração do Imaginário" in *O Imaginário e a Simbologia da Passagem: Anais do II Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*. Danielle Perin Rocha Pitta, org. Recife: Ed. Massangana, 1984.
- ELIADE, Mircea. (1963) *Mito e Realidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.
- _____. (1957) *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, SP: Enciclopédia Britannica do Brasil, 1976, verbete "Rio Branco, barão"
- FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- FAVRE, Robert. *La Mort au Siècle des lumières*. France, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1978.
- FERNANDES, Olegário. *A Morte do Piloto Ayrton Senna*. Literatura de Cordel, s/d, Feira de Caruarú - PE.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1975.
- FEUERBACH, Ludwig. (1830) *Thoughts on Death and Immortality*. USA, Los Angeles: University of California Press, 1980.
- GARANHUNS, Gonzaga de. *A Morte de Ayrton Senna: O Herói da Fórmula 1*. Literatura de Cordel, 11/05/94, Feira de Caruarú - PE.
- GEERTZ, Clifford. *Local Knowledge: further essays in interpretative anthropology*. USA: Basic Books, 1983.
- _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara-Koogan, 1989.
- GUIOMAR, Michel. *Principes d'une Esthétique de la Mort*. Librairie José Corti, 1967.
- HEIDEGGER, Martin. (1971) *Poetry, Language, Thought*. USA, New York: Harper & Row, 1975.
- KNOX, Bernard M. *The Heroic Temper: studies in Sophoclean tragedy*. USA, Los Angeles: University of California Press, 1964.
- _____. *The Oldest Dead White European Males and other Reflections on the Classics*. USA, New York: W. W. Norton & Co., 1993.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. (1969) *Sobre a Morte e o Morrer*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- LOPES, Denilson. "A Música das Imagens" in *SOCIEDADE E ESTADO Revista Semestral de Sociologia*. vol. VIII, números 1/2, janeiro-dezembro 1993. Brasília, DF: UnB.
- LORAUX, Nicole. (1993) *Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. (1982) *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

- _____. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios Ed., 1995.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A Linguagem da Sedução*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.
- MENACHEM, Ruth. "La Mort trient parole" in Ernst, Gilles (dir.) *La Mort dans le texte*. Lyon, France: Presses Univesitaires de Lyon, 1988.
- MORIN, Edgar. *O Paradigma Perdido: a natureza humana*. 4ªed. Portugal: Publicações Europa-América, 1973.
- _____. *L'homme et la mort*. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- _____. *Le cinéma ou l'homme imaginaire*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1956.
- _____. (1962) *Cultura de Massas no Seculo XX: o espírito do tempo*. vol.1 Neurose. 8ªed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.
- _____. (1975) *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo-2*. vol. 2. Necrose. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- MOSER, Walter. "Versões do Barroco: moderno e pós-moderno" in *SOCIEDADE E ESTADO Revista Semestral de Sociologia*. vol. VIII, números 1/2, janeiro-dezembro 1993. Brasília, DF: UnB.
- MOURÃO, Gerardo Mello. "Presença externa no Brasil" in *Jornal do Brasil*, 25/12/95, p. 9.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Coleções Ediouro. s/d.
- RAMOS, Manuel J. "A morte categoria lógica do pensamento simbólico" in *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, vol. V, no. 2, 1987.
- REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1983.
- _____. *Ensaio em Antropologia do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Terra Nova, 1991.
- SCARDUELLI, Paulo. *Ayrton Senna: Herói da Midia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SCHOLLHAMMER, Erik. "O Cenário do ambíguo: traços barrocos da prosa moderna" in *SOCIEDADE E ESTADO Revista Semestral de Sociologia*. vol. VIII, números 1/2, janeiro-dezembro 1993. Brasília, DF: UnB.
- SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. 12ª ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.

- _____. *O Brasil Simulado e o Real: ensaios sobre o cotidiano nacional*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- _____. *A Máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. *O Social Irrradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *Televisão e Psicanálise*. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- THOMAS, Louis-Vincent. (1975) *Antropologia de la Muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- TOLSTÓI, Leão. *A Morte de Ivan Ilitch*. Rio de Janeiro: Ed. Alhambra, 1981.
- VALÉRY, Paul. "Préface" in FRAZER, James. *La Crainte des Morts*. Paris, France: Émile Nourry Éditeur, 1934.
- VERNANT, Jean-Pierre. "A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado", artigo organizado a partir de conferencias realizadas no Depto. de Filosofia da USP no segundo semestre de 1977. (trad. Elisa Kossovitch e João Hansen).
- VOVELLE, Michel. *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris, France: Gallimard, 1993.
- XEXÉU, Artur. "Esporte da ficção científica" in *Jornal do Brasil*, 8/5/94, Caderno B, p. 12.

SINOPSE

PESSOA, Marilda Bentes. A MORTE DE IMORTAIS (Espetáculo de Mitificação e Consumo: um estudo das representações da morte na mídia contemporânea para uma contribuição ao estudo do imaginário social brasileiro).

Dissertação de mestrado em Psicologia. PUC, Rio de Janeiro, janeiro, 1996. (1 volume: corpo teórico e pesquisa - 192 p.)

O estudo analisa, a partir de uma pesquisa das publicações a propósito da morte de Ayrton Senna nos jornais do eixo Rio-São Paulo, a construção de um “imortal”, enquanto expressão do imaginário social, em nossa sociedade, enfatizando o destaque dado ao olhar/dar a ver na contemporaneidade. A celebração mortuária e a aclamação de heróis mortos, expressa nas festividades populares e nas publicações de mídia, geram imenso consumo e se nos apresentam como as nossas mitologias, onde a sua marca, na atualidade, é a transitoriedade, imposta pela lógica do consumo e da cultura do espetáculo.

APÊNDICE

Metodologia

OBJETIVO: O objetivo geral deste estudo é investigar o lugar da morte no Imaginário Social brasileiro, pelo viés de sua "comercialização" nos Jornais do eixo Rio-São Paulo. Visamos observar e analisar o fenômeno de mitificação, ou, aquilo a que chamamos de fabricação de "heróis mortos" - os quais, como objetos, se tornam signo-produtos dos meios de comunicação -, mobilizando as pessoas e impulsionando o consumo. Objetivos específicos serão apresentados paulatinamente, juntamente com a descrição de cada um dos tipos de análise metodológica proposta. Algumas hipóteses sob a forma de afirmações provisórias e diretrizes de pesquisa serão apresentadas juntamente com os objetivos específicos.

AMOSTRA: A pesquisa se realizou a partir da vasta publicação a propósito da morte do nosso mais recente 'Herói Nacional', o piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna, ou Ayrton Senna da Silva, como foi consagrado por alguns após a sua morte. Os principais jornais do eixo Rio-São Paulo publicados a partir do primeiro dia de notícia - dia seguinte à morte - e alguns jornais cariocas menores e mais "populares" foram utilizados. Os jornais foram adquiridos de acordo com sua disponibilidade nas bancas de jornal na época. Um *follow up* foi realizado pela análise de notícias publicadas no **Jornal do Brasil (RJ)**, que foi pesquisado do primeiro ao último dia como um controle. Apenas em datas de grande volume de notícia sobre Senna, foi adquirido o maior número de jornais possível. Deste modo, o universo da pesquisa foram as publicações em jornais do eixo Rio-São Paulo iniciando no dia 02/maio/1994 - primeiro dia de publicação acerca da morte de Ayrton Senna -, e terminando no dia 08/maio/1995, uma semana após o aniversário de um ano da morte de Senna.

Nossos objetivos práticos partem de uma afirmação de Duverger (in Augras, 1978, 104), o qual sustenta ser "... muitos, e bem variados, os documentos nos quais os fenômenos sociais deixam sua marca: arquivos, levantamentos estatísticos, imprensa, documentos pessoais, instrumentos e ferramentas, imagens, fotografias, filmes, discos, fitas gravadas, etc..." Admitimos ainda que "O conteúdo da imprensa, por exemplo, nunca deverá ser confundido com a expressão da opinião em dado momento. Já verificamos que a imprensa se situa entre as técnicas de formação de opinião. Supõe-se que os leitores de determinado órgão da imprensa compram-no porque os conceitos nele emitidos correspondem, em certo grau, à suas próprias opiniões." (Augras, op.cit., 104). Deste modo, o conteúdo a ser levantado em jornais é tomado enquanto

produtor/produto de representações sociais. Nossa pesquisa com jornal visa analisar as características semânticas e sintáticas das comunicações que o jornal nos oferece e explora, posto que funciona a partir de dois códigos de crucial importância em nossa sociedade, baseando-se em um suporte escrito, cujo código é o lingüístico, e um suporte imagético, oferecido nas inúmeras fotografias, diagramas, desenhos e *charges*.

Nossa pesquisa tomou os dois tipos de suporte que o Jornal nos oferece - imagético e lingüístico - e realizou uma Análise de Conteúdo no sentido *lato*, ou seja, se valeu de três tipos de análise quanto ao conteúdo das publicações: espacial, qualitativo e quantitativo.

A análise de conteúdo por nós proposta, é feita nos moldes de Bardin (1977) como uma "hermenêutica controlada", entendida como um instrumento marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável ao vasto campo das comunicações, que se afasta da intuição aleatória e fácil, e busca um esforço de interpretação situado entre os pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

O procedimento tem como objetivo a inferência a partir dos 'efeitos de superfície de uma 'estrutura profunda': os processos de produção; esta técnica de análise inscreve-se numa sociologia do discurso e procura estabelecer ligações entre a situação (condições de produção) na qual o sujeito se encontra e as manifestações semântico-sintáticas da superfície discursiva.

(Bardin, 1977, 213)

A Pesquisa visa evidenciar o campo das determinações das comunicações, buscando o conteúdo latente destas, visando não só compreender a comunicação no sentido oferecido, o conteúdo das mensagens, mas também desviando - a partir da catalogação e categorização - o olhar para uma outra significação entrevista ao lado, através ou por trás da mensagem ofertada, i.e. grau de sensacionalismo, ideário e tipologia das imagens propostas, estereotipia, etc. A metodologia se propõe a atingir, a partir de significantes e significados colhidos (e manipulados, visto que categorizados), outros significados de natureza psicológica e sociológica. Da correspondência entre estruturas semânticas e/ou sintáticas com estruturas psicológicas e sociológicas emergirão nossas inferências no campo do imaginário social brasileiro.

A análise do material colhido foi realizada de acordo com duas Categorias Básicas de Análise:

Diagramação das Imagens: estudo da Área de Ocupação e Tempo de Permanência da notícia na *Front Page*; Relação da Área de Ocupação entre Imagem, Manchete e Título & Texto em reportagens de página externa; As Imagens veiculadas na *Front Page* e páginas externas, bem como as Imagens veiculadas nos Anúncios -

Propaganda/Homenagem, Propaganda e Anúncios Fúnebres, inventariando as frequências com que estas são utilizadas.

Análise Semântica: categorização e catalogação do que se constitui como a semântica de base das comunicações, tendo como unidade básica de análise a palavra - item de sentido -, podendo esta ser verbo, substantivo, adjetivo, advérbio, pronome ou numeral; isto aliado a uma semântica quantitativa, onde é determinada a frequência no texto de palavras-chave catalogadas.

OS JORNAIS PESQUISADOS¹

Jornal do Brasil (RJ) - utilizado em todo o decorrer da pesquisa, inclusive todo o *follow up*.

Outros jornais foram adquiridos de acordo com o volume de notícias publicadas e sua disponibilidade na banca de jornal:

O Globo (RJ)

Jornal dos Sports (RJ)

O Dia (RJ)

A Notícia (RJ)

O Povo (RJ)

O Fluminense (RJ)

Tribuna da Imprensa (RJ)

Folha de S. Paulo (SP)

Folha da Tarde (SP)

O Estado de S. Paulo (SP)

NOTAS

¹ No Anexo 1 colocamos a quantidade de jornal pesquisado em cada um dos dias no universo da pesquisa. No Anexo 2 - Reportagens de Página Externa e Interna - é possível se verificar que jornais foram pesquisados a cada dia.

Coleta e Tratamento dos Dados

AS IMAGENS

A DIAGRAMAÇÃO DAS IMAGENS

Três tipos de dados foram colhidos a partir da Diagramação das Imagens - 1. Identificação da área de ocupação e tempo de permanência da notícia na Primeira Página (aqui doravante denominada de *Front Page*, nomenclatura americana largamente utilizada em pesquisas na área de Comunicação). Este tipo de análise visa observar o destaque que cada jornal deu ao noticiário da morte de Senna, possivelmente refletindo a importância desta notícia para a mídia e para nossa sociedade. 2. Registro da relação da proporção de ocupação entre Imagem, Manchete, Cabeçalho (quando este se aplica) e 'Título & Texto' (Foi medido como um bloco o Título de menor destaque e a notícia que a ele se seguia) em Páginas Externas. Este procedimento nos permite uma visão do quanto cada jornal se baseia no apelo imagético, visando o **olhar** de seu consumidor. 3. Inventário, com a frequência, das imagens veiculadas na *front page* e nas páginas externas; inventário, com o cálculo da frequência, das imagens veiculadas nos Anúncios Pagos - divididos em propaganda/homenagem, propaganda (visando diretamente a comercialização de um produto) e anúncio fúnebre (convite para um cerimonial fúnebre). Este procedimento visa analisar quais as imagens que a mídia procura mostrar/explorar e, conseqüentemente, o que a sociedade busca ver/consumir. Para os propósitos da Diagramação das Imagens utilizamos apenas as publicações em páginas externas, por serem estas as páginas mais comumente expostas em bancas de jornal com o intuito de captar a atenção dos leitores/consumidores em potencial; nosso objetivo central, pela diagramação das imagens, é observar em que se baseia e como tal apelo ao consumo da notícia - e do jornal - procede.

Procedimento Geral: Todas as imagens em página externa foram medidas bem como as manchetes e os 'título & texto' obtendo uma área em centímetros quadrados (cm²). Toda a medição feita e calculada é apresentada de forma detalhada, estando disponível para consulta no ANEXO 1 desta pesquisa. Foram catalogadas separadamente imagens de diagramas e fotos/charges/desenhos. Diferenciamos apenas os diagramas postos que estes não se referem de modo algum diretamente a imagem de Senna, sendo, em geral, ilustrações explicativas do Como, Onde e Porque. A área dos anúncios também foi catalogada separadamente, no entanto, não foi feita uma medição específica apenas das imagens destes, posto que julgamos ser o anúncio como um todo um objeto de apelo visual, onde a disposição e tamanho das letras possuem uma função de captar a atenção do leitor, juntamente e de forma análoga ao que ocorre com a posição e tamanho da imagem utilizada.

ÁREA DE OCUPAÇÃO E TEMPO DE PERMANÊNCIA DA NOTÍCIA NA *FRONT PAGE*²

Procedimento específico: O espaço ocupado pela notícia é medido em centímetros e é feito o cálculo da área pela multiplicação da altura pela largura obtendo-se a medida em centímetros quadrados. A área de ocupação da notícia na *front page* é expressa em termos de percentual relativo, ou seja, a área de ocupação de cada item é dividida pela área total da página do jornal em questão - que é variável de um jornal para outro -, e, em seguida multiplicada por 100 (cem). Somando-se todos os percentuais relativos de notícias publicadas em cada página obtém-se a área total de ocupação para cada uma das páginas pesquisadas, neste caso a primeira página.

Jornal do Brasil

- 1º DIA - 02/05/94 - (60,54%)
- 2º DIA - 03/05/94 - (46,12%)
- 3º DIA - 04/05/94 - (23,70%)
- 4º DIA - 05/05/94 - (49,41%)
- 5º DIA - 06/05/94 - (58,52%)
- 6º DIA - 07/05/94 - (5,47%)
- 7º DIA - 08/05/94 - (4,86%)
- 8º DIA - 09/05/94 - (26,33%)
- 9º DIA - 10/05/94 - NADA PUBLICADO
- 10º DIA - 11/05/94 - NADA PUBLICADO
- 11º DIA - 12/05/94 - (0,90%)
- 12º DIA - 13/05/94 - (16,65%) Neste dia foi publicado acidente análogo ao de Senna, com piloto de F-1, noticiado com diversas menções a morte de Senna.
- 13º DIA - 14/05/94 - (1,58%)
- 14º DIA - 15/05/94 - (0,00...%) [1 linha]
- [DO DIA 16/05 AO DIA 29/05 NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO NA *FRONT PAGE* DESTES JORNAL]
- 29º DIA - 30/05/94 - (0,00...%) [1 linha]
- 6 MESES DEPOIS
- 14/11/94 - (1,67%)
- 9 MESES DEPOIS
- 25/09/94 - (2,08%)
- 11 MESES DEPOIS
- 29/04/95 - (12,16%)
- 1 ANO DEPOIS
- 01/05/95 - (0,00%)

O Globo

- 1º DIA - 02/05/94 - (74,68%)
- 2º DIA - 03/05/94 - (47,14%)
- 3º DIA - 04/05/94 - (33,55%)
- 4º DIA - 05/05/94 - (45,31%)
- 5º DIA - 06/05/94 - (58,12%)
- 6º DIA - 07/05/94 - (26,43%)
- 7º DIA - 08/05/94 - (15,27%)
- 8º DIA - 09/05/94 - (1,04%)
- 11 MESES DEPOIS
- 30/04/95 - (6,83%)

1 ANO DEPOIS

01/05/95 - (2,99%)

02/05/95 - (1,87%)

Jornal dos Sports

1° DIA - 02/05/94 - (16,93%)

2° DIA - 03/05/94 - NÃO CONSULTADO

3° DIA - 04/05/94 - (10,82%)

4° DIA - 05/05/94 - (26,31%)

5° DIA - 06/05/94 - (13,47%)

6° DIA - 07/05/94 - (3,08%)

7° DIA - 08/05/94 - (10,90%)

11° DIA - 12/05/94 - (10,61%)

12° DIA - 13/05/94 - (9,15%)

11 MESES DEPOIS

30/04/95 - (15,41%)

1 ANO DEPOIS

01/05/95 - NADA PUBLICADO

02/05/95 - NÃO CONSULTADO

O Dia

1° DIA - 02/05/94 - (56,87%)

2° DIA - 03/05/94 - (60,95%)

3° DIA - 04/05/94 - (52,84%)

4° DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO

5° DIA - 06/05/94 - (60,75%)

6° DIA - 07/05/94 - (21,87%)

7° DIA - 08/05/94 - (9,69%)

11° DIA - 12/05/94 - (0,00...%) [1 linha]

1 ANO DEPOIS

01/05/95 - (22,58%)

02/05/95 - NÃO CONSULTADO

O Fluminense

1° DIA - 02/05/94 - O JORNAL NÃO PUBLICA AS SEGUNDAS-FEIRAS

2° DIA - 03/05/94 - (46,43%)

3° DIA - 04/05/94 - (46,63%)

4° DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO

5° DIA - 06/05/94 - (26,09%)

6° DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO

7° DIA - 08/05/94 - NADA PUBLICADO

11° DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO

1 ANO DEPOIS

01/05/95 - (0,00...%) 1 linha

02/05/95 - NÃO CONSULTADO

Tribuna da Imprensa

1° DIA - 02/05/94 - NÃO CONSULTADO

2° DIA - 03/05/94 - (38,07%)

3° DIA - 04/05/94 - NÃO CONSULTADO

4° DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO

5° DIA - 06/05/94 - (53,15%)

6° DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO

7° DIA - 08/05/94 - NÃO CONSULTADO

8° DIA - 09/05/94 - NADA PUBLICADO

11° DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - (1,53%)
02/05/95 - NÃO CONSULTADO

A Notícia

1° DIA - 02/05/94 - (33,22%)
2° DIA - 03/05/94 - NÃO CONSULTADO
3° DIA - 04/05/94 - NÃO CONSULTADO
4° DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO
5° DIA - 06/05/94 - NÃO CONSULTADO
6° DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO
7° DIA - 08/05/94 - NÃO CONSULTADO
8° DIA - 09/05/94 - NADA PUBLICADO
11° DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - NÃO CONSULTADO
02/05/95 - NÃO CONSULTADO

O Povo

1° DIA - 02/05/94 - NÃO CONSULTADO
2° DIA - 03/05/94 - NÃO CONSULTADO
3° DIA - 04/05/94 - NÃO CONSULTADO
4° DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO
5° DIA - 06/05/94 - NÃO CONSULTADO
6° DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO
7° DIA - 08/05/94 - NÃO CONSULTADO
8° DIA - 09/05/94 - NÃO CONSULTADO
11° DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - (6,30%)
02/05/95 - NÃO CONSULTADO

Folha de S. Paulo

1° DIA - 02/05/94 - (58,03%)
2° DIA - 03/05/94 - (44,09%)
3° DIA - 04/05/94 - (39,07%)
4° DIA - 05/05/94 - (65,99%)
5° DIA - 06/05/94 - (29,33%)
6° DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO
7° DIA - 08/05/94 - (3,27%)
8° DIA - 09/05/94 - NÃO CONSULTADO
9° DIA - 10/05/94 - NÃO CONSULTADO
10° DIA - 11/05/94 - NADA
11° DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO
12° DIA - 13/05/94 - (19,44%)
11 MESES DEPOIS
30/04/95 - (4,46%)
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - (0,71%)
02/05/95 - NÃO CONSULTADO

O Estado de S. Paulo

1º DIA - 02/05/94 - NÃO CONSULTADO
2º DIA - 03/05/94 - NÃO CONSULTADO
3º DIA - 04/05/94 - NÃO CONSULTADO
4º DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO
5º DIA - 06/05/94 - NÃO CONSULTADO
6º DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO
7º DIA - 08/05/94 - (3,68%)
8º DIA - 09/05/94 - NADA PUBLICADO
11 MESES DEPOIS
30/04/95 - (6,83%)
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - NÃO CONSULTADO
02/05/95 - (3,64%)

Folha da Tarde

1º DIA - 02/05/94 - NÃO CONSULTADO
2º DIA - 03/05/94 - NÃO CONSULTADO
3º DIA - 04/05/94 - NÃO CONSULTADO
4º DIA - 05/05/94 - NÃO CONSULTADO
5º DIA - 06/05/94 - NÃO CONSULTADO
6º DIA - 07/05/94 - NÃO CONSULTADO
7º DIA - 08/05/94 - (3,68%)
8º DIA - 09/05/94 - NÃO CONSULTADO
11º DIA - 12/05/94 - NÃO CONSULTADO
1 ANO DEPOIS
01/05/95 - NÃO CONSULTADO
02/05/95 - NÃO CONSULTADO

RELAÇÃO DE ÁREA DE OCUPAÇÃO ENTRE IMAGEM, MANCHETE E 'TÍTULO & TEXTO' EM PÁGINAS EXTERNAS

Procedimento específico: Tomamos as áreas percentuais relativas de ocupação de cada um dos itens acima, i.e. imagem, manchete, 'título & texto' e cabeçalho, quando há, obtidas para cada uma das páginas externas pesquisadas conforme procedimento descrito no item anterior. Todas as páginas externas foram pesquisadas e os dados obtidos são apresentados numericamente e graficamente - com o intuito de facilitar a leitura e compreensão dos dados pelo leitor -, no ANEXO 1. Devido à grande quantidade de dados pesquisados e catalogados foi-nos imperioso reduzir nosso foco para apresentação, tomando apenas a *front page* e a principal página de esportes - que de acordo com o jornal pode ser a última do jornal compondo com a primeira página, ou, a primeira página do caderno de esportes, reduzindo também o período para a primeira semana de publicação e o *follow up* no aniversário de um ano. Procedemos a seguir a uma maior simplificação dos dados numéricos oferecidos obtendo pela divisão dos maiores percentuais - para cada notícia Imagem, Manchete e Cabeçalho (juntos quando ocorrem) e 'Título e Texto' -, pelo menor, de modo que o menor se torna a quantidade parâmetro de 1 (um) e os maiores são expressos em números que são *n* vezes maiores que o menor. As aproximações dos cálculos foram feitas para o menor inteiro quando o número obtido era igual ou inferior a 0.50 e para o maior inteiro quando igual ou superior a 0.51. Nossa opção visou não apenas priorizar o que julgamos ser a principal informação, i.e. as diferenças relativas de ocupação por item, mas também não exaurir o leitor e deste modo facilitar a apreensão dos dados oferecidos.

Jornal do Brasil

02/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 9
Espaço Título & Texto: 3
Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 100
Espaço Título & Texto: 0
Espaço Manchete: 0

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 22
Espaço Título & Texto: 14
Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 3
Espaço Título & Texto: 2
Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

04/05/94

front page:

Espaço Imagem: 4
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 6
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

05/05/94

front page:

Espaço Imagem: 6
Espaço Título & Texto: 3
Espaço Manchete: 1

página de esportes (externa):

Espaço Título & Texto: 2
Espaço Imagem: 2
Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

06/05/94

front page:

Espaço Imagem: 6
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 3
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

07/05/94

front page:

Espaço Texto: 1
Espaço Título: 1
Espaço Imagem: 0

página de esportes (externa):

Nada publicado

08/05/94

front page:

Espaço Título & Texto: 9
Espaço Imagem: 1
Espaço Manchete: 0

página de esportes (externa):

Nada publicado

11 meses depois - 29/04/95

front page:

Espaço Imagem: 12
Espaço Manchete: 0
Espaço Título & Texto: 0

página de esportes (externa):

Nada publicado

1 ano depois - 01/05/95

front page:

Nada publicado

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 15
Espaço Título & Texto: 5
Espaço Manchete: 1

O Globo

02/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 5
Espaço Manchete: 1
Espaço Título & Texto: 1**

**Espaço Imagem: 12
Espaço Texto: 1
Espaço Manchete: 0**

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 4
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1**

**Espaço Título & Texto: 4
Espaço Imagem : 3
Espaço Manchete & Cabeçalho: 1**

04/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 6
Espaço Título & Texto: 2
Espaço Manchete: 1**

**Espaço Imagem: 100
Espaço Título & Texto: 0
Espaço Manchete: 0**

05/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 5
Espaço Manchete : 2
Espaço Título & Texto: 1**

**Espaço Imagem: 7
Espaço Manchete : 1
Espaço Título & Texto: 1**

06/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 19
Espaço Título & Texto: 6
Espaço Manchete: 1**

**Espaço Imagem: 17
Espaço Título & Texto: 3
Espaço Manchete: 1**

07/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Imagem: 3
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1**

**Espaço Imagem: 6
Espaço Título & Texto: 5
Espaço Manchete: 1**

08/05/94

front page:

página de esportes (externa):

**Espaço Título & Texto: 2
Espaço Imagem: 2
Espaço Manchete: 1**

**Espaço Título & Texto: 5
Espaço Imagem: 2
Espaço Manchete: 1**

11 meses depois - 29/04/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 3

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete: 0

Nada publicado

1 ano depois - 01/05/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título: 1

Espaço Imagem: 1

Espaço Manchete: 0

Espaço Imagem: 6

Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 1

1 ano depois - 02/05/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Imagem: 0

Espaço Manchete: 0

Nada publicado

Jornal dos Sports

02/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 0

Espaço Imagem: 10

Espaço Título & Texto: 3

Espaço Manchete: 1

04/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 2

Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 0

Nada publicado

05/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 1

Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 0

Nada publicado

06/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 1

Nada publicado

07/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título & Subtítulo: 3

Nada publicado

Espaço Imagem: 0

Espaço Manchete: 0

08/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 2

Nada publicado

Espaço Título: 1

Espaço Manchete: 0

11 meses depois - 30/04/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 2

Nada publicado

Espaço Título: 1

Espaço Manchete: 0

O Dia

02/04/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 3

Espaço Imagem: 4

Espaço Manchete: 1

Espaço Manchete: 2

Espaço Título & Texto: 0

Espaço Título & Texto: 1

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 5

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Título & Texto: 2

Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 1

04/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 2

Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 1

06/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 6

Espaço Imagem: 8

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete: 1

Espaço Manchete: 1

07/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 2

Espaço Título & Texto: 2

Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 2

Espaço Manchete & Cabeçalho: 1

Espaço Título & Texto: 1

08/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 1

Espaço Título: 1

Espaço Manchete: 0

Espaço Título & Texto: 4

Espaço Imagem: 4

Espaço Manchete: 1

1 ano depois - 01/05/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete: 0

Espaço Imagem: 11

Espaço Título & Texto: 5

Espaço Manchete: 1

O Fluminense

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 3

Espaço Texto: 1

Espaço Manchete: 1

Nada publicado

06/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 8

Espaço Manchete: 2

Espaço Texto: 1

Nada publicado

1 ano depois - 01/05/95

front page:

Espaço Total da Notícia = 0,0...% [1 linha em notícia sobre Fórmula 1]

página de esportes (externa):

Espaço Total da Notícia = 0,0...% [1 linha em notícia sobre Fórmula 1]

Tribuna da Imprensa

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 9

Espaço Manchete: 3

Espaço Texto: 1

Espaço Título & Texto: 16

Espaço Imagem: 5

Espaço Manchete: 1

06/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Texto: 2
Espaço Manchete: 1
Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 13
Espaço Imagem: 5
Espaço Manchete: 1

1 ano depois - 01/05/95

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título & Texto: 1
Espaço Imagem: 0
Espaço Manchete: 0

Espaço Título & Texto: 10
Espaço Imagem: 9
Espaço Manchete: 1

A Notícia

02/04/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 10
Espaço Manchete: 3
Espaço Texto: 1

Espaço Imagem: 12
Espaço Texto: 1
Espaço Manchete: 0

O Povo

1 ano depois - 01/05/95

front page:

Espaço Título & Texto: 1
Espaço Imagem: 1
Espaço Manchete: 0

Folha de S. Paulo

02/04/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 8
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 13
Espaço Manchete: 1
Espaço Título & Texto: 0

03/05/94

front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 5
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 6
Espaço Imagem: 4
Espaço Manchete: 1

04/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 6
Espaço Manchete: 2
Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete & Cabeçalho: 3
Espaço Título & Texto: 2
Espaço Imagem: 1

05/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 9
Espaço Manchete & Cabeçalho: 4
Espaço Título & Texto: 1

Espaço Imagem: 7
Espaço Título & Texto: 6
Espaço Manchete: 1

06/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 5
Espaço Título & Texto: 1
Espaço Manchete: 1

Espaço Imagem: 7
Espaço Manchete & Cabeçalho: 2
Espaço Título & Texto: 1

08/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

"Vida de Serra" (externa)

Espaço Texto: 3 Espaço Cabeçalho: 3
Espaço Título: 1 Espaço Texto: 3
Espaço Imagem: 0 Espaço Imagem: 0

Espaço Imagem: 96
Espaço Manchete: 0
Espaço Título & Texto: 0

11 meses depois - 30/04/95

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Cabeçalho: 4
Espaço Imagem: 0
Espaço Título & Texto: 0

Espaço Título & Texto: 6
Espaço Imagem: 0
Espaço Manchete: 0

1 ano depois - 01/05/95

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título & Texto: 1
Espaço Imagem: 0
Espaço Manchete: 0

Espaço Imagem: 12
Espaço Título: 1
Espaço Manchete: 0

O Estado de S. Paulo

08/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título & Texto: 1
Espaço Imagem: 1
Espaço Manchete: 0

Espaço Imagem: 16
Espaço Título & Texto: 8
Espaço Manchete: 1

1 ano depois - 02/05/95

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Imagem: 1

Espaço Título & Texto: 1

Espaço Manchete: 0

Folha da Tarde

08/05/94

:front page:

página de esportes (externa):

Espaço Título: 2

Espaço Texto: 1

Espaço Imagem: 0

Espaço Imagem: 2

Espaço Manchete: 1

Espaço Título & Texto: 1

* * *

AS IMAGENS VEICULADAS

O objetivo deste procedimento é o de explicitar quais as imagens que a mídia busca mostrar/explorar (vender), tanto na *front page* (a principal do jornal), quanto nas outras páginas externas (catalogadas em bloco), e, os leitores, por sua vez, simetricamente buscam ver/consumir.

Procedimento específico: Foram anotadas as imagens de forma minuciosa - por exemplo, as fotos de Senna foram todas anotadas nos pequenos detalhes, por exemplo, as fotos de rosto preocupado (que aludem ao aspecto premonitório do acidente, "a feição antecipava a tragédia"), rosto alegre, no pódio, com amigos, com namoradas, e assim por diante. O mesmo foi feito com os outros tipos de imagens. Os diagramas não foram catalogados nesta seção visto não objetivarem transmitir uma imagem e sim fornecer uma explicação. Após completarmos todo o inventário de imagens, o qual é apresentado por inteiro em nosso anexo, nos foi imperioso buscar agrupar as imagens dentro de algumas categorias, que se nos impuseram a partir do próprio material colhido. Mantivemos apenas as diferenças que julgamos de maior relevância, em especial os detalhamentos das imagens do Senna, como vitorioso, como 'normal', com colegas e rivais, etc. As categorias que definimos foram as seguintes:

HISTÓRIA - as fotos relativas ao acidente, mostrando como o acidente ocorreu e como o socorro aconteceu; fotos da história da morte.

PERSONAGENS - as fotos com as imagens dos personagens principais da história, começando pelo protagonista (Ayrton Senna) e incluindo os coadjuvantes em torno dos quais são geradas as 'fococas' e especulações (família, namoradas, colegas e rivais, a suposta herdeira)

OS ESPECTADORES - os receptores da mensagem que participam reagindo com as notícias transmitidas, aqui agruparam-se as fotos de fãs e das multidões.

O RITUAL/CULTO - as imagens das pompas fúnebres e dos tributos e homenagens prestados ao piloto foram incluídas nesta categoria.

OS SÍMBOLOS - foram singularizados na divulgação das notícias as imagens de objetos isolados, como centrais, que possuem uma simbologia: os símbolos fúnebres (o caixão, o túmulo e a curva onde ocorreu a morte), os símbolos nacionais (a bandeira do Brasil mostrada freqüentemente a meio pau nas imagens) e o símbolo substitutivo de Senna (o capacete que foi colocado sobre o caixão representando o próprio Senna que não se podia ver dado que o caixão estava lacrado).

O CONSUMO - aqui foram catalogadas as imagens dos anúncios veiculados quer como propaganda comercial, quer como propaganda/homenagem, quer como anúncio fúnebre; foram incluídas também as imagens de personagens que foram divulgados como estratégia de marketing, visando o consumo de bens, gerando notícias (aqui apareceu o autor da música tema da "vitória" de Senna). Como as imagens dos anúncios eram poucas, decidimos explicitá-las separadamente, mantendo apenas a quantidade de vezes em que aparecia quer na *front page*, quer em páginas externas.

INVENTÁRIO COM FREQUÊNCIA DAS IMAGENS DE *FRONT PAGE*

A HISTÓRIA

Dias	maio/1994							Outros
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	
A batida; carro destroçado	4	-	-	-	-	-	-	-
O socorro dado ao piloto		4	-	-	-	-	-	-
Charge - história:								
"A bandeirada da morte"	1	-	-	-	-	-	-	-
"A carona para Mário Quintana"	-	-	-	-	1	-	-	-
Outros acidentes análogos	-	-	-	-	-	-	-	3
TOTAIS	9	0	0	0	1	0	0	3

OS PERSONAGENS

Dias	maio/1994							Outros
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	
SENNÁ								
vitorioso no pódio	1	-	-	-	-	-	-	-

normal	5	-	-	1	-	-	-	1
SENNÁ E OUTROS	-	1	-	-	-	-	-	-
CHARGES DE SENNA								
O "Cristo"	-	1	1	-	-	-	1	-
Namoradas	-	3	-	1	-	-	-	-
Colegas/rivais	-	1	-	-	-	-	1	4
Herdeira	-	-	2	-	-	-	-	-
TOTAIS	6	6	3	2	0	0	2	5

OS ESPECTADORES

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
As multidões; os fãs (choro)	2	2	-	2	-	-	-	-
TOTAIS	2	2	0	2	0	0	0	0

O RITUAL/O CULTO

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
As pompas fúnebres	-	-	-	4	-	1	-	-
Tributos e homenagens	-	-	2	1	-	-	-	3
TOTAIS	0	0	2	5	0	1	0	3

OS SÍMBOLOS

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
Caixão	-	4	3	1	7	-	-	-

Túmulo	-	-	1	-	-	2	-	1
Curva onde morreu	-	3	-	-	-	-	-	2
Bandeira	-	2	1	-	1	-	-	-
Capacete	-	-	-	-	2	-	-	-
TOTAIS	0	9	5	1	10	2	0	3

O CONSUMO

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
Propaganda (comercialização de produtos)	-	-	-	-	-	-	-	-
Propaganda/Homenagem	-	-	-	-	-	-	-	-
Anúncio Fúnebre	-	-	-	-	-	-	-	-
Imagens relacionadas à marketing:								
Autor da música tema de Senna (vendagem de discos)	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAIS	0	0	0	0	0	0	0	1

INVENTÁRIO COM FREQUÊNCIA DAS IMAGENS DE OUTRAS PÁGINAS EXTERNAS

A HISTÓRIA

Dias	maio/1994							Outros
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	
A batida; carro destruído	7	-	1	-	-	-	-	1
O socorro dado ao piloto		3	-	1	-	-	-	- 1
Charge - história:								
"A bandeirada da morte"	-	-	-	-	-	-	-	-
"A carona para Mário Quintana"	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros acidentes análogos	-	-	-	-	-	-	-	2
TOTAIS	10	0	2	0	0	0	0	4

OS PERSONAGENS

Dias	maio/1994							Outros
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	
SENNÁ								
vitorioso no pódio	8	-	1	-	-	-	1	2
normal	2	1	1	-	1	-	1	3
carreira	4	-	-	-	-	-	-	2
infância	1	-	-	-	-	-	-	-
esportes radicais	1	-	-	-	-	-	-	-
SENNÁ E OUTROS	-	1	-	-	-	-	-	-
CHARGES DE SENNÁ								
O "anjo"	1	-	-	-	-	-	-	1
Namoradas	-	-	-	1	-	-	-	-
Colegas/rivais	1	1	2	-	2	-	-	2
Herdeira	-	-	-	-	-	-	-	-
Família	-	-	-	-	3	-	-	-
TOTAIS	19	2	4	1	6	0	2	13

OS ESPECTADORES

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
As multidões; os fãs (choro)	-	3	-	2	-	1	3	-
TOTAIS	0	3	0	2	0	1	3	0

O RITUAL/O CULTO

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
As pompas fúnebres	-	-	-	6	4	-	-	-
Tributos e homenagens	-	1	1	3	4	1	1	4
TOTAIS	0	1	1	9	8	1	1	4

OS SÍMBOLOS

<i>Dias</i>	<i>maio/1994</i>							<i>Outros</i>
	<i>1º</i>	<i>2º</i>	<i>3º</i>	<i>4º</i>	<i>5º</i>	<i>6º</i>	<i>7º</i>	
Caixão	-	1	2	-	3	-	-	-
Túmulo	-	-	-	-	-	2	-	1
Curva onde morreu	-	2	1	-	-	-	-	-
Bandeira	-	-	-	-	-	-	-	-
Capacete	-	-	-	-	-	-	1	2
TOTAIS	0	3	3	0	3	2	1	3

O CONSUMO

Dias	maio/1994							Outros
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	
Propaganda (comercialização de produtos)	-	-	-	-	-	-	-	-
Propaganda/Homenagem	-	-	3	2	-	-	-	2
Anúncio Fúnebre	-	-	-	-	-	-	-	-
Imagens relacionadas à marketing: Autor da música tema de Senna (venda de discos)	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAIS	0	0	3	2	0	0	0	3

IMAGENS VEICULADAS EM ANÚNCIOS DE PÁGINA EXTERNA

FRONT PAGE

Não foram publicados qualquer tipo de anúncios relacionados à Senna na primeira página

OUTRAS PÁGINAS EXTERNAS

As propagandas (com fins de comercialização de produtos) e o anúncios fúnebres publicados não veicularam imagens, apenas textos.

As PROPAGANDA/HOMENAGEM veicularam as seguintes imagens:

SENNÁ - rosto: 2 instituições publicaram em 4 jornais.

SÍMBOLO - capacete: 1 publicação. O capacete era verde e amarelo ao invés de ter as cores do capacete de Senna, portando, portanto, a simbologia da bandeira nacional.

GLÓRIA BARROCA - a imagem de um céu cheio de nuvens onde brilha por trás o sol dourado: 2 publicações diferentes.

AS REPORTAGENS DE PÁGINA EXTERNA E INTERNA, AS CITAÇÕES SOBRE SENNA E AS CITAÇÕES DE SENNA³

ANÁLISE SEMÂNTICA

Objetiva-se fazer o recenseamento do repertório semântico do noticiário a propósito da morte de A. Senna, estabelecendo o ideário e tipologia das imagens relacionadas à Hagiolatria - o culto aos santos no sentido *lato*, à Morte/Finitude em nossa sociedade, ao Espetáculo de Consumo que se monta em torno de um "eleito" e aos conteúdos ufanistas em tais celebrações. A análise semântica é também uma análise temática, onde a partir da coleta e tratamento dos dados é possível observar quais os temas que prevalecem e como estes são abordados pela mídia.

Procedimento: Inventariar palavras e/ou expressões e em seguida agrupá-las em categorias. Nossos critérios de análise foram construídos a partir do material colhido, sendo o nosso percurso metodológico estabelecido na contra-mão daquele idealizado no "modelo experimental", onde as categorias são definidas com antecedência. Nos apoiamos aqui em Augras (ver 1992) que abre este rico precedente, baseada em sua vasta experiência de pesquisadora, ao não se prender a uma limitação **a priori**, permitindo que suas categorias se imponham a partir de uma análise atenta e minuciosa do material. Embora mais trabalhoso, tal procedimento "permite perceber aspectos que, de outro modo, poderiam ser negligenciados." (Ibid., 11). A denominação das categorias seguiu as linhas traçadas em nosso objetivo geral, qual seja, investigar o lugar da morte no imaginário social brasileiro, pelo viés de sua comercialização na mídia impressa, tomando como eixo central a fabricação do "herói morto", e portanto a comoção e o espetáculo em torno deste aspecto. Buscamos categorias que fossem exaustivas e exclusivas e, para tanto, por vezes, nos foi necessário recorrer ao contexto em que estava inserida a palavra de modo a delimitarmos o seu sentido. Na categoria Oxímoro - oposição semântica - é utilizado a frase como unidade de análise, visto só ser possível detectar oposição se tivermos mais de um elemento. A especificação dos agrupamentos em categorias foi orientada pelas definições oferecidas pelo Dicionário Aurélio, tendo sido nossos pressupostos teóricos o pano de fundo para a busca de tais definições.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Hagiolatria - adoração que se presta aos santos, aqueles que se quer enaltecer, louvar, consagrar ou autorizar. Nesta categoria incluiremos palavras que constroem um personagem, seja da ordem de um 'mito' - aludindo a imagens de deuses, semi-deuses e heróis da antigüidade greco-romana ; seja da ordem do 'herói' - homem extraordinário pelos seus feitos, pelo seu valor e magnanimidade; seja da ordem de uma 'santificação' - remetendo a tradição judaico-cristã de canonização daquele que tem características de puro, imaculado e de abnegação, tendo sofrido com resignação, passando a 'santo' ou 'ídolo' de adoração; ou da ordem do 'mártir' - o qual sofre tormentos ou morre por causa de suas crenças ou opiniões; ou simplesmente 'rei', título que marca a distinção - com a devida deferência - do resto dos não 'eleitos'. Deste modo, as subcategorias são: Mito, Herói, Santo, Ídolo, Mártir e Rei.

Homenagem - protesto de veneração e respeito: Fãs (os "fanáticos", os admiradores exaltados) promovem Honrarias (graça ou mercê que mobiliza: estátua, cunhagem de moeda, luto oficial, honras de Chefe de Estado, nome de rua, nome de crianças, ...) ou Homenagens (inclusive promessas: assegurar de antemão oferta ou dádiva: promete gol, promete título da Copa, ...). Temos, portanto, três subcategorias: Fãs, Honrarias e Homenagens.

Morte/Finitude - Ato de morrer, o fim da vida, termo; transitório, que tem fim. Nesta categoria, temos as seguintes subcategorias: Morte (incluindo todas as palavras sinônimas quer sejam verbo, substantivo ou advérbio: morre, morreu, morte); Materialidade da morte (incluindo "corpo" - usado no sentido de *corpse*, cadaver -, moribundo - também referindo a corpo morto -, ...); Tecnicidade da morte (os termos médicos e técnicos que se referem quer aos pontos corporais afetados, quer aos procedimentos médicos para com o morto: lesões cerebrais, hemorragia interna, traqueostomia, autópsia, ...); Adjetivos para a morte (morte perigosa, ameaçadora, ...); Ritualização da morte (caixão, esquife, cortejo, velório, enterro, ...); Despedida (adeus, vai com Deus, ...); Saudade (lembrança nostálgica de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada de desejo de tornar a vê-las ou possui-las, segundo alguns sociólogos, palavra portuguesa sem equivalente exato em qualquer outra língua (ver Da Matta, 1993); Memória (lembrança, história...); Finitude (primeira, última, início, fim...).

Vida/Eternidade - Existência, neste caso, em oposição a morte/finitude, relacionado a Permanência (presença em outro lugar), Recusa ou negação da morte (metáforas para a

morte: viajou, desapareceu, ...) e Eternidade (imortalidade, prolongado indefinidamente). Portanto as subcategorias são: Existência, Permanência, Recusa da morte e Eternidade.

Culpabilidade - Conduta negligente ou imprudente que fere uma obrigação ou princípio ético; responsabilidade; delito, crime ou falta. As subcategorias são: Crime (matou, mataram, assassina, indiciado, homicídio culposo, ...), O Culpado (a quem imputa a culpa: Williams culpa Senna, erro humano, indiciados, ...), Investigação (investigar, rigorosa perícia, reúne provas e denúncias, ...).

Causalidade - Razão, motivo ou origem; aquilo que faz com que algo exista. Dividir-se-á a causalidade em dois tipos: Material (falha mecânica, ondulação no asfalto, ...) e Destino (resultante de causas independentes da vontade: nada poderia salvá-lo, diferença entre a vida e a morte ... golpe de sorte, feição antecipava a tragédia [premonição de destino], ...)

Ufanismo - Exaltação do sentimento nacional; orgulho e vaidade relacionados ao país. Subcategorias utilizadas: Pátria (Brasil, brasileiro, orgulho nacional, país, ...), Magnanimidade (aludindo à grandeza e importância do país: o mundo inteiro, ...), Objetos (estes marcam a união entre o nacionalismo e o luto: bandeiras, faixas, cartazes, flores, ...)

Privação/Perda - Efeito de desapossar alguém de alguma coisa; relacionado à perda de alguém ou à interrupção de algum gozo, deixando desprovido ou carente.

Emoção/Comoção - palavras carregadas de força, visando impressionar, perturbar ou comover, marcando relevância e pesar emocional. Temos: choro, aplausos, gritos, transtorno, histeria, suicídio, (fã) se atira no chão, ...

Oxímoro - oposição semântica; reunir palavras aparentemente contraditórias, paradoxismo. Nesta categoria temos: campeão tinha medo, morre gigante, esforço inútil, ...

Consumo - Estratégias visando a gerar ganhos por venda de produtos. Nesta categoria temos: fatura, triplica audiência, revista esgota, faturar com música tema, ...

Espetáculo - Tudo o que chama atenção, atrai ou prende o olhar; demonstração pública impressionante. Nesta categoria temos: milhões, milhares, 250 mil, maior enterro da história, cenário, teatro, grande farsa, ...

Espelho - Imagem ou representação; modelo ou exemplo identificatório. Nesta categoria consta também a função social da identificação especular. Categoria inclui: aplaudiam a si mesmos, velocidade redime fracassos do povo, ...

Senna - Nesta categoria incluem-se os Sinônimos de Ayrton Senna (nomes, ou adjetivos que se constituem como único modo de referência a ele na frase ou objetos que o substituem); "Parentesco" com Senna (irmão, filho ou pai - aludido no termo 'órfão'); Valoração Positiva (ideal de moral positivo associado a Senna: aqueles não inclusos na categoria de mitificação: fora-de-série, brilhante, jovem, rico, seriedade, perseverança...); Valoração Negativa (moral negativa associada a Senna: mulherengo, homossexual, ...).

Fórmula 1/Escuderia - Nesta categoria incluir-se-á a Valoração Positiva relacionada à Fórmula 1 e à Escuderia pela qual Senna corria (freqüentemente expressa em termos de imagens sexualizadas: amor rápido, intenso amor, ...); e a Valoração Negativa da Fórmula 1 e da Escuderia (ambiente de total frieza, nunca deu alegrias a Senna, ...)

Usos da Negação - Análise do contexto em que a Negação aparece: não queria correr, nunca vai te esquecer, ninguém sabe o que fazer, não consigo acreditar, não deixou herdeiros, ...

DADOS COLHIDOS

Reportagens de Página Externa & Página Interna (incluindo os Anúncios Pagos)

Hagiolatria

<i>Dias</i>	1 ^o	2 ^o	3 ^o	4 ^o	5 ^o	6 ^o	7 ^o	8 ^o ao 31 ^o	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Mito	2	1	-	4	5	-	6	-	-	1	-	2
(mítico)												
deus	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-
(deuses)												
lenda	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
mitologia												
imortal	-	3	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-
fenômeno												
(fantasma)												
subtotal	5	4	0	6	6	0	8	0	0	3	0	4
Herói	6	10	4	7	10	1	7	5	-	-	-	3
guerreiro												
(gladiador)												
mágico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
luta												
(batalha)												
conquista	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-
vitória												
(vitorioso)												
(vence, ganha)												
glória	2	1	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-
(glorioso, glorificação)												
adversário	3	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-
(inimigo, desafetos)												
rivalidade	6	2	1	2	1	-	2	-	-	-	1	1
(rival, arquirival)												
vingança	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
campeão desde												
garotinho												
(aos 3 anos já sonhava)												

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao	Nov Out	Dez- Mar	Abr- Mai
											31º	
buscava vitória a todo custo	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
(esporte era obsessão, sem medir conseqüências para brilhar)												
personagem de vídeo-game quase impossível	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
derrotar Pesquisa	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
sobre o herói brasileiro indica												
subtotal	82	13	6	14	17	2	20	7	0	0	3	15
Santo	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
canoniza (fazem pedidos)	-	-	-	1	2	-	-	1	-	-	-	-
santuário (altar)	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
culto	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	3
vigília	2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
romaria (peregrinação)	-	1	-	-	-	2	-	2	-	1	-	5
profeta do impossível	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-
(profecia)												
divindadel	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-
(incorpora)												
anjo	-	1	-	-	1	-	4	2	-	-	-	-
sacerdócio faz milagre	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
(rapaz ressuscita)												
curva vira santuário	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(muro se transforma em monumento)												
local do enterro	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
ponto de visitação pública												
culto ilimitado	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
fãs tocam carro fúnebre	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
símbolos para reverenciar memória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
sobreviveu por milagre	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(a volta por cima depois de ver a morte)												
"as pessoas deveriam adorar a Deus ao invés de um corpo"	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
"hoje Senna perdoa tudo"	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

cont.

<i>Dias</i>	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
homem 2 - que viu Deus 2 vezes (forte sentimento religioso sempre o acompanhou)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	12	6	3	7	7	3	7	8	1	2	0	9
Ídolo 19 adoração - (devoção, idolatria, ajoelhado, fazem pedidos)	19	15	7	11	6	1	3	1	1	-	1	3
reverencia(m)-	1	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	19	17	7	13	11	1	4	1	1	0	1	3
Mártir 1 (martírio)	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
sacrifício 4 (sofrimento, sofreu, sofrido)	4	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1
subtotal	5	0	0	1	0	0	3	0	0	0	0	1
Rei 2 Sua excelência - O dono do mundo - -	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
subtotal	2	2	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL GERAL	125	42	16	42	41	6	42	17	2	5	4	19

Homenagem

<i>Dias</i>	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Homenagem 12 (homenagear/homenageiam)	12	21	15	-	16	17	6	8	13	4	-	321
dedica(m) 1 (oferece, enaltece, exalta)	1	3	1	-	1	1	-	2	4	2	-	2
subtotal	13	24	16	16	18	7	8	15	8	2	3	4

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Honrarias - -			-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
(honra)												
luto oficial 2 2			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(3 dias)												
honras de - 4			-	2	4	1	-	-	-	-	-	-
chefe de estado, honras militares												
caixão - -			-	6	-	-	-	-	-	-	-	-
coberto com bandeira carregado por soldados da aeronáutica (transportado em caminhão do corpo de bombeiros, escoltado por batedores)												
condecoração - 2			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ordem do mérito												
música - 2			-	-	-	-	-	3	-	-	-	-
"marcha do campeão" hit, sucesso												
gol - -			-	-	2	1	-	3	-	-	-	-
coreografia homenageando												
poesia - -			-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
minuto de silêncio - 3			-	-	-	-	-	-	-	-	4	-
suspensão - -			-	1	1	2	-	-	-	-	-	-
de aula (matar aula)												
bandeira a - 5			1	-	-	-	-	2	-	-	-	-
meio mastro												
tributo 1 - -			-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
chuva - -			-	1	9	-	-	-	-	-	-	-
de pétalas												
enredo - -			2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
de carnaval												
nome de rua - 4			4	1	3	1	-	5	-	-	-	-
av., praça, curva, eixo, autódromo, cartódromo, CIEP												

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao 31º	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
nome de criança - -			3	-	1	-	-	-	-	-	-	-
estátua monumento, memorial, museu, fundação	-	2	-	-	1	3	-	4	3	-	-	-
moeda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
selo	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
exposição -	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
"S" no capacete	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
associação - da figura de Senna a símbolos nacionais	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	3	23	10	15	21	8	1	18	3	0	4	2
Promessas												
trazer o tetra - (de futebol, vencer pelo Senna)	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-
subtotal	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
Os emocionados												
fãs (torcedores, admiradores)	21	24	13	13	10	7	3	8	1	2	1	14
subtotal	21	24	13	13	10	7	3	8	1	2	1	14
TOTAL												
GERAL	37	71	39	44	50	22	13	41	12	4	8	20

Morte/Finitude

1º Dias	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao 31º	Nov Out	Dez-	Mar	Abr- Mai
Morte (morre, morreu, morreram, <i>death, muere</i>) (faleceu, falecido)	66	31	23	15	28	7	19	19	1	-	4	13
subtotal	66	31	23	15	28	7	19	19	1	0	4	1
Materialidade												
corpo (=cadáver, defunto)	6	21	15	14	19	2	-	-	-	-	-	-
moribundo (=cadáver)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
coração parou (parada cardíaca)	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
morte cerebral (atividade cerebral nula)	2	-	3	-	-	-	-	1	-	-	-	-
sua face não era humana (rosto desfigurado)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
a reanimação se resistisse teria vida vegetativa (primeiros socorros para ressuscitamento)	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	15	22	19	15	19	2	0	1	0	0	0	0
Tecnicidade												
lesões (cerebrais, traumatismo craniano)	8	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-
traqueostomia (nova passagem de ar)	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
transfusão	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
massagem cardíaca (massagem de sustentação)	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
base do crânio explodiu	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
perda de massa encefálica	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
choque hemorrágico	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
autópsia (necrópsia)	-	2	5	-	1	-	-	-	-	-	-	-
traslado	-	10	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao	Jun- Out	Nov 31º	Dez- Mar	Abr- Mai
estado de coma	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
caixão soldado lacrado e forrado com zinco	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	21	14	24	1	2	0	1	1	0	0	0	0
Adjetivos												
trágica (tragicamente)	2	3	1	5	-	-	-	-	4	-	3	-
perigosa	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ameaçadora	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(que) espreita	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
prematura	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
fatal (fulminante)	3	-	2	3	1	-	-	-	1	2	4	-
pesadelo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
infortúnio	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
vencedora	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	10	7	3	9	1	0	0	0	5	2	7	0
Ritualização												
orar/rezar (oração/reza) (missa)	3	1	8	5	1	13	9	3	1	4	-	4
esquife (caixão, urna funerária, ataúde)	-	8	6	18	27	-	2	-	-	-	-	-
cortejo	-	-	1	14	10	-	2	-	-	-	-	-
enterro	-	6	6	9	27	1	4	1	-	-	-	-
velório (velar/velado clima de ...)	1	2	5	14	16	-	4	1	-	-	-	-
funeral (funéreo, fúnebre, exéquias)	-	1	-	1	3	-	1	-	-	-	-	-
cemitério (necrotério, lápide, epitáfio)	-	2	3	-	23	4	-	2	-	2	-	3
sepultura (local da, sepultado, jazigo, túmulo, sepultamento)	-	-	2	2	15	6	-	2	-	4	-	10
subtotal	4	20	31	63	122	24	22	9	1	10	0	17
Despedida												
adeus (adieu, ciao, vai com Deus, despedida de um sonho)	8	6	3	17	21	-	4	-	-	-	-	2
subtotal	8	6	3	17	21	0	4	0	0	0	0	2

cont.

<i>Dias</i>	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao Out	Nov 31º	Dez- Mar	Abr- Mai
Saudade 4	2	2	2	3	1	1	1	1	-	-	1	10
subtotal 4	2	2	2	3	1	1	1	1	0	0	1	10
Memória 2 (lembrança, lembrado)	4	2	3	8	2	-	7	2	2	1	-	8
subtotal 2	4	2	3	8	2	0	7	2	2	1	0	8
Finitude última (o) (penúltima) fim (da vida, da carreira, acabou) tenta esquecer (busca, precisa esquecer)	18 9 4	9 -	5 -	6 -	8 -	- -	1 -	- 1	- -	- -	- -	3 -
subtotal 22	9	5	6	9	0	1	1	0	0	0	0	5
Celebração aniversário da morte, celebração póstuma (=365, 1 ano depois)	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	17
subtotal 0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	17
TOTAL GERAL	152	87	90	139	200	57	37	39	27	23	12	60

Vida/Eternidade

<i>Dias</i>	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao	Nov Out	Dez- Mar	Abr- Mai
	31											
Existência												
vida	5	6	4	6	5	1	7	6	-	-	-	-
<small>(vivo, vive, continua vivo, vida trepidante)</small>												
sobrevive-1	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
está vivo --	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-
manter viva -	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
força eterna-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	5	9	4	7	7	1	7	7	0	1	0	0
Permanência												
no céu	-	1	-	-	2	-	2	-	-	-	-	1
<small>(lá em cima, entra s/ bater no paraíso, engarramento no céu, vira cometa no céu)</small>												
nasceu	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-
<small>(=morreu, nasceu o mito)</small>												
está no coração de Deus	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	0	1	0	0	4	0	3	0	0	0	0	1
Recusa da morte												
<small>(Metonímias/Metáforas)</small>												
o sonho acabou 3	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1
<small>(termina o sonho, sonho destruído, o fim do sonho, sonho durou pouco)</small>												
passagem	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
pódio vazio	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
dura realidade	1	2	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-
<small>(realidade vence a fé, dura lição)</small>												
se foi	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
ele desapareceu -	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
<small>(brutal desaparecimento)</small>												
última viagem	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-
<small>(partiu, terminou, último voo)</small>												
decolagem ao 2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
infinito												
<small>(voa, vôo interrompido)</small>												
o enigma	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
o fim de muitas promessas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao	Jun- Out	Nov 31º	Dez- Mar	Abr- Mai
sai de cena -	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
a gente acha que é invulnerável	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	10	3	0	5	4	0	1	2	0	0	0	2
Eternidade												
eterno	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	1	-
inesquecível 1	--	1	2									
sempre	6	9	-	4	3	2	5	2	-	1	3	-
(para sempre, <i>pour toujours</i> , permanece, fica, sempre vivo em nossos corações)												
subtotal	7	9	1	5	7	2	5	2	0	1	4	0
TOTAL												
GERAL	22	22	5	17	22	3	16	11	0	2	4	3

Culpabilidade

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao	Jun- Out	Nov 31º	Dez- Mar	Abr- Mai
Crime												
assassina 1	4	3	-	-	1	2	-	-	-	-	-	1
(assassinato, homicídio, criminosos, crime, cadeia)												
mata	10	5	1	-	3	-	-	4	-	-	1	5
(matou, mataram)												
vítima	3	1	2	-	-	-	1	2	-	-	-	1
(indiciados, lhe tirou a vida)												
cobaia	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	14	10	7	0	3	1	3	6	0	0	1	7

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao	Nov 31º	Dez- Mar	Abr- Mai
Culpa												
culpa	4	3	-	1	2	-	1	-	-	-	-	-
(culpado, busca desesperada por..., quando o circo queima é preciso expiar a culpa)												
acusam	1	-	1	3	-	1	-	-	-	-	1	-
ameaça	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
condena	1	3	1	1	5	-	-	-	-	-	-	1
(ataca, notifica, aciona, processa, provou, constata)												
suspeita - 1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-
(história suspeita)												
critica	3	2	1	4	3	-	2	3	-	-	-	-
exige	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-
investigação	1	5	3	4	7	1	-	5	1	-	-	2
(investigará, inquérito, vistoria, apura, interdita, intima, inspeciona, verifica, examina)												
impunidade	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	10	15	6	14	18	3	3	10	1	0	1	3
Especialistas												
polícia	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
legistas	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
justiça	-	-	-	-	2	1	-	1	1	-	-	-
peritos	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-
(perícia)												
subtotal	0	1	0	0	6	1	0	1	1	0	1	0
TOTAL GERAL	24	26	13	14	27	5	6	17	2	0	3	10

Causalidade

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
										31º		
Material												
razões	4	3	3	2	1	1	-	-	-	-	-	5
(causas, quer descobrir, por que, o que matou, por que Senna)												
defeito	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
falha	7	2	-	-	-	-	-	3	1	1	-	1
(mecânica, quebra da suspensão, insegurança do carro)												
erro humano	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sabotagem	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
excesso de tecnologia	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(aumento da velocidade)												
ondulações no asfalto	1	1	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
(estado da pista, ressalto na pista)												
acidente	38	15	13	6	4	-	4	14	1	1	1	4
(batida, desastre)												
negligência	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
dopping	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
pneu	-	1	-	-	-	1	-	6	-	-	-	-
(furado, problemas, roda)												
quebra	-	-	2	-	-	1	-	1	1	-	2	1
(de peça, na suspensão, direção)												
defeito na mente	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
capacete frágil	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
remendo mal												
feito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
leis suicidas	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	52	26	22	11	5	3	4	25	3	2	3	12
Destino	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
corrida da morte	2	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-
(curva da morte, muro da morte, paredão da morte)												
nada poderia salvá-lo	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(luta em vão para salvar, tecnologia e empenho inúteis)												
traíçoeira curva	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
se queixou na												
véspera	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Só Deus	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
sabe quando chega a hora												
(destino nas mãos de Deus, Nada pode me separar do amor de Deus, Deus o levou para junto dele)												

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
a bruxa estava solta	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sombria profecia	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
pressentiu a 24	7	4	5	1	1	3	4	-	-	-	-	-
tragédia (mau pressentimento, fisionomia anunciava a tragédia)												
morte trágica	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
completa o destino do herói												
A diferença entre a vida e a morte...golpe de sorte	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Existência humana não é justa (banalidade da vida)	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Correndo para a morte/pista com histórias trágicas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Missionária revela encontro de Senna com Deus/ sempre falava em Deus/rezou muito antes de morrer	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Morte cria energia negativa / nº. cabalístico "7" ronda a morte de Senna (bateu na 7ª volta, 7 anos após acidente c/ Piquet, propaganda do patrocinador mostra 7 vidas de 7 gatos, morreu com 34 anos cuja soma é 7)	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Temos que engolir os motivos irracionais	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Astróloga diz que mudanças na vida de Senna levaram à morte	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
subtotal	34	13	4	8	3	2	8	5	0	0	0	1
TOTAL GERAL	86	39	26	19	8	5	12	30	3	2	3	13

Ufanismo

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Pátria	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil brasileiro (a/s)	27	10	15	9	12	2	11	4	1	-	-	2
país (=Brasil)	3	1	1	3	4	-	3	1	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
nacional - (nacionalismo nação verde e amarelo) (=brasileiro)		2	1	1	5	2	-	1	-	-	-	-
povo/seleção brasileira	2	1	2	2	5	2	-	1	-	-	-	-
subtotal	61	25	29	25	30	6	20	18	2	0	0	4
Magnanimidade vide categoria "espetáculo"												
Objetos												
bandeira (do Brasil)	3	3	3	5	5	1	1	2	-	-	-	-
faixas (cartazes, bandeiras, fitas pretas, boné símbolo, pôsteres e fotos)	2	4	3	7	3	1	-	5	1	5	-	4
subtotal	57	6	12	8	2	1	7	1	5	0	4	
TOTAL GERAL	66	32	35	37	38	8	21	25	3	5	0	8

Privação/Perda

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Privação												
perde (perdeu, perdemos, paixão perdida)	9	3	9	4	3	-	1	2	-	-	-	3
fica sem (sem herói, 1 semana sem, 1 ano sem, sem campeão, sem graça)	9	4	-	1	1	2	8	2	-	-	-	5
falta (acaba, segurança, alegria)	2	-	5	-	3	-	-	-	-	-	1	1
ausência (sinto muito a ausência)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
durou pouco tempo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
privação - (la tua morte privato...)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
o fim de muitas promessas 1 (sonho frustrado)	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
vitória sem satisfação 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
vazio - 3 (gosto amargo do vazio, deixou 140 milhões no vácuo, 1 ano de vazio, impossível preencher o vazio)	-	3	-	1	1	-	1	1	-	-	-	1
carente - 1 (desgraça pouca é bobagem)	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
leva para o túmulo - o orgulho nacional	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
morte roubou um sonho (sonhos impossíveis)	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
insubstituível - para o povo/antes tivesse morrido 1000 políticos	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
empobrece - semana de sombra (ensombrecida)	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL												
GERAL	24	11	14	6	9	4	12	6	0	0	2	14

Emoção/Comoção

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Comoção												
transtorno 13 (transtornado(s)), estado de choque (chocado),desesperado, consternado, sofrimento não acaba, traumatizado, incontrolável, desolado, imagem não sai da mente, buscando força para continuar vivo, arrasado, abalado, impacto, devastado, perplexa, situação desesperadora.	13	14	5	6	13	-	5	-	-	-	-	4
subtotal	13	14	5	6	13	0	5	0	0	0	0	4
Emoção												
tristeza, sofrimento, dor, aperto no coração, lágrimas (incontidas), angústia, lamento, choro (chora, choram)	40	37	8	34	37	3	4	2	-	2	2	11
subtotal	40	37	8	34	37	3	4	2	0	2	2	11

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Revolta												
drama	5	1	5	3	1	1	-	-	-	-	-	1
indignado, protesta, amaldiçoa, inconformada, incapacidade de aceitar												
subtotal	5	1	5	3	1	1	0	0	0	0	0	1
Histeria												
aplausos, 4 gritos, se atira no chão	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-
subtotal	4	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Reverência												
luto (enlutando), condolências, solidariedade, respeito, consola, sensibilizados, pesar	1	8	3	2	3	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	1	8	3	2	3	0	0	0	0	0	0	0
Silêncio												
solidão sufocada emoção, tensão, se isola, sem sono, calaram fundo, abatida, contemplavam, fiquei gelado	3	2	4	-	6	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	3	2	4	0	6	0	0	0	0	0	0	0
Amor												
admiração carinho, orgulho, exalta, agradecido, conforto, satisfação, impressiona	4	3	3	5	11	1	-	-	1	-	-	1
subtotal	4	3	3	5	11	1	0	0	1	0	0	1
Alegria												
apetite risonha, vibração, prazer, conversa	1	1	1	-	2	-	-	-	1	-	-	-
subtotal	1	1	1	0	2	0	0	0	1	0	0	0
Suicídio												
morte enfarte, se mata, casos de mal súbito, soldado morre, 'morri com você', teme tragédia, passa mal, 'fui ao encontro de Senna'	-	1	1	2	9	-	-	-	-	-	-	1
subtotal	0	1	1	2	9	0	0	0	0	0	0	1

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Surpresa												
curiosidade - estranha emoção, frieza, alucinação coletiva, pessoas vendo coisas	-	-	-	2	3	-	2	1	-	-	-	-
subtotal	0	0	2	3	0	2	1	0	0	0	0	
Geral												
clima - de ressaca no Rio, cidade de luto.	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	
TOTAL												
GERAL	71	69	33	54	85	5	12	3	2	2	2	18

Oxímoro

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Oxímoro												
convite para a morte			1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
morre ... gigante			2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
super-homem morre			-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
grandeza paradoxal			-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
a cidade- que não pode parar quase parou		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
mito da invulnerabilidade está morto		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
negra é a cor do nacionalismo brasileiro		-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
é mais fácil voltar o tempo do que esquecer Ayrton Senna		-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
otimismo - virou tragédia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
amor sem beijo		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
última contribuição a própria vida		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
os reféns da glória - -	1											
morte patrocinada - -	1											
fãs trocam - corridas por cemitério												1
brinquedo assassino 1 (jogos absurdos)						1						
convite para a morte inimigos inseparáveis 1 - -			1			1						
(inimigo dá prêmio)												
comemora a despedida 1 - - - (despedida = morte)												
campeão tinha medo 1 - - -												
se divertem com - - a desgraça			1									
tragédia e justiça - - -				1								
morte promove união de dor e alegria - - -				1								
deixou as pistas para entrar na história - - -				1								
carro do outro mundo não lhe deu vitórias só a morte 1 - - -												
a glória e a morte - - -					1							
TOTAL GERAL	5	5	4	5	1	2	2	0	0	0	0	3

Consumo

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Consumo fatura - -			1									
esgota - -			1									
(revistas, jornais)												
nome 3 - -				1								

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
consegue vender tudo (investiu no comércio e na publicidade, garoto propaganda)												
mercado milionário - (ajudou a consolidar mercado de bonés)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
procura é grande por jornais (fãs lêem tudo o que sai, caderno especial mostra, revista publica novas versões, revista de Senna)	-	-	1	-	1	-	1	1	1	-	-	-
abala patrocinadores e afeta TV globo - (transmissões, especiais, imagens inéditas, melhores imagens, reprise de programas, novas diretrizes)	-	-	3	-	2	-	1	-	1	-	-	1
comerciais - homenageiam	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
crece venda de vídeo (lançamento em vídeo)	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Império I (fatura, faturou, negócios dão lucro)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
indústria quer manter marca - (marca vale US\$ 1 milhão, barco com grife do piloto, linha de óculos)	1	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	1
prejuízos - incalculáveis (seguro ultrapassa 100 milhões, seguradoras desesperadas interdição causaria prejuízos de 6,5 milhões afeta negócios, desacelerou economia, queda nos negócios, ausência fez cair o interesse por corridas)	-	-	2	1	-	2	5	-	-	-	1	-
negócios acima de tudo - (só pensa em dinheiro, negócio acima do esporte)	-	-	2	2	-	-	2	-	-	-	-	-
Vem aí o filme "Senna O campeão das 7 pátrias" (filme mostra)	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
bandeiras - e fitas custavam Cr\$ 1000 (ambulantes faturam)	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-
música da - 'globo' talvez mude (música tema terá disco, música é tocada no enterro)	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-
peessoas querem 'se dar bem' - (mercantilismo frio, gravadora vai ser rápida para aproveitar o momento, urubus de sempre tentam se promover)	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-
fotos coloridas - para o próprio leitor montar (especial para montar e guardar)	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-
morte triplica - audiência (faz audiência crescer, audiência de horário nobre índices surpreendentes)	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-
público é - protagonista	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
exploração eleitoral - (Senador manda imprimir livro)	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-
memórias lucrativas - (souvenirs comprados pelos japoneses, morte privatizada)	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-
torcida organizada (TAS) não para de crescer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
livros lançados -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
oferendas - viram atração no cemitério	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL												
GERAL	4	2	9	6	3	8	16	6	2	1	1	8

Espetáculo

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Espetáculo												
o maior 1 (... da história, destaque do ano, ídolo do esporte mundial, dos campeões)	3	2	3	2	-	-	-	-	-	-	2	3
a maior vitória - 1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
o melhor 4	-	-	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-
o mais trágico - - (da história, do mundo)	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
de todos os tempos (em tempo algum)	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-
mundo inteiro 6 5 (todo, mundial, mundialmente, conquistou o mundo, campanha vai percorrer o mundo, até hoje o mundo chora)	6	5	1	8	-	1	-	-	-	-	-	5
universal - (fama atravessa continentes)	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
grande	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
multidão -	3	-	7	4	-	-	-	1	-	-	-	-
milhões 1 (milhares, mais de um milhão)	-	1	5	3	-	1	-	-	-	-	-	-
milionária- (doação)	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
drama 12 (dramático, TV exacerba a realidade)	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
legião (de fãs) - -	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
cenário												
espetáculo1 (cenas exibidas, entre a emoção e o espetáculo)	-	-	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-
o show 1 (nunca acaba, show com bandeiras)	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
farsa - (teatro do absurdo, trama ocultou)	-	2	4	3	1	1	-	1	-	-	-	-
escândalo -	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
imagem de TV 7 (de olho na tela, imagem esclarece, melhor cobertura, filma imagens repetidas exaustivamente, TV talvez tenha abusado da vocação sensacionalista, audiência record, mistério das imagens, TV comprova falha, polêmica, exclusivas)	1	3	2	11	-	4	-	-	-	-	-	-
inédito (histórias)	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-
principais jornais (todos os jornais fizeram chamada de 1ª. pág. ..., imprensa registra, rendeu comentários)	1	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
até o Vaticano - revoltado	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O mundo invejava - e admirava [o Brasil]	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Bens (tinha salário de 25 milhões, casa de 4 milhões, helicóptero, avião, imóveis)	-	-	-	-	3	-	2	-	-	-	-	-
53 pessoas passa- ram mal ou ficaram feridas	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
beijoqueiro é expulso	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
público (cortejo com 17,7 kms, mais de 300 mil, paulistano pára 101 kms no cortejo, 500 mil fãs, 410 mil, 3 mil pessoas, 110 mil em 24 horas, 600 mil em missa, túmulo visitado por 120 mil no finados, romaria reúne 100 mil)	--	-	3	4	-	1	2	1	1	-	2	-
fila (250 mil, 130 por minuto, se estende, congestionamento se estende)	-	-	-	3	1	-	1	-	-	-	-	-
2500 policiais todos os países l (estados)	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
4 TVs diluem tragédia em frases feitas	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
autoridades - e personalidades presentes (momentos de notoriedade, faz Câmara encher)	1	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-
vida vai virar filme (cinegrafista amador gravou cenas irregularidades)	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-
marcha fúnebre só do [Brasil], marcha dolorosa	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
(necessário) salvar imagem da pista	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
piloto doou 100 mil Brasil pára (cidade pára, São Paulo pára, muda rotina da cidade, quando os heróis param as cidades, enfim parou)	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
manifestações fogem ao campo do previsível	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
alguém imagina o Senna morrendo de velhice?	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
pistas perigosas é que dão graça	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
da emoção à comoção é questão de um texto apenas	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
TOTAL GERAL	25	20	19	47	48	6	21	4	3	1	2	10

Espelho

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Espelho aplaudiam a si mesmos	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
imagem da pessoa que gostaríamos de ser (multidão se espelha no herói)	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
preenche nossas necessidades psíquicas (público e herói viviam a emoção da vitória)	1	--	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
busca de liderança (sucessor, substituto, no lugar)	1	4	4	2	-	-	-	4	-	-	-	-
velocidade redime os fracassos do povo	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
lavou nossas almas	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
santo e perfeito herói para o povo	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
devemos sepultar a 'lei de Gérson' e usar a 'lei de Senna' priorizar amor, respeito e honestidade	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
TOTAL GERAL	0	3	4	4	2	0	4	7	0	0	0	0

Senna

<i>Dias</i>	1 ^o	2 ^o	3 ^o	4 ^o	5 ^o	6 ^o	7 ^o	8 ^o ao 31 ^o	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai	
Sinônimo de A. Senna													
<u>Nomes</u>													
Ayrton Senna	50		39	25		41	55	17	44	33	3	22	30
Ayrton Senna da Silva	3	1	1		4	2	-	-	1	-	-	-1	
Senna	150	116	73	80	96	40	70	52	16	12	11	59	
Ayrton	6	10	4	9	5	5	3	5	1	-	1	9	
Beco	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	
Ayrton Senna Brasileiro da Silva (=Senna, o Silva Ayrton Senna do Brasil)	-	1	-	4	-	1	-	-	-	-	-	-	
Ayrton Senna do Céu	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	
Ayrton Senna da Chuva	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Grande pássaro da terra	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	
'Magic' Senna piloto	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
campeão (ou tricampeão)	27	31	15	14	7	7	15	7	2	3	2	8	
	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
<u>Objetos (simbolizando Senna)</u>													
capacete (beijado no velório)	-	-	1	2	7	-	-	-	-	-	-	-	
caixão (acariciado)	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	
subtotal	237	201	120	157	173	70	133	98	22	17	16	100	

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Parentesco com Senna												
irmão	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
pai	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
(Senna como um filho)												
órfão de Senna	-	2	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1
(Senna como um pai)												
herdeiro	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil é grande família	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	2	4	3	1	0	1	1	1	0	0	0	1

Valoração

Positiva

jovem	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
corajoso		5	-	-	1	4	-	-	-	-	-	-
(com garra)												
honrado		1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(caráter)												
gênio	1	2	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-
(brilhante, talentoso, craque, maravilhoso)												
profissional	3	4	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-
(profissionalismo, bom de braço, dedicação competência, técnico, empenho, eficiência, grande automobilista)												
campeão	31	21	9	9	7	6	17	4	-	-	-	7
(superatleta, tricampeão, supercampeão)												
obstinado	3	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
(persistência, determinado)												
líder	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
dinâmico	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
vencedor	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
(vitorioso)												
fora-de-série	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(intocável)												
empresário	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(vocação para negócios)												
estrela	2	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-
(ilustre)												
interessante	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
amigo	5	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-
(companheiro)												
honestidade	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
(integridade)												
lealdade	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
(confiança, fiel)												

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao 31º	Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
simpatia	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
simplicidade	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
(humildade)													
talento	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
carisma	-	-	-	4	2	-	-	-	-	-	-	-	-
paixão	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
fé	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
consegue	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
congruar rivais													
o madrugador	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
exemplar	-	-	3	2	2	-	-	-	-	-	-	-	1
(valioso)													
ser humano	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(homem)													
poeta das pistas	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
mestre da alegria	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
leão das pistas	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
símbolo nacional	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	62	35	18	28	28	7	19	4	0	0	0	0	12
Valoração													
Negativa													
tímido	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
impulsivo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
vaidade	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
s/ coordenação	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
motora													
garoto													
trapalhão	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
(travessuras do menino)													
ser desconfiado	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
campeão individualista	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
subtotal	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0
TOTAL													
GERAL	306	240	141	186	201	78	156	103	22	17	16	113	

Fórmula 1/Escuderia

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dez- Mar	Abr- Mai
Valoração												
Positiva												
intenso amor 1 -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
realização 1 -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
de todos os sonhos primeiro 1 -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
a dar oportunidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
subtotal	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Valoração												
Negativa												
Williams												
cala (silencia, não se pronuncia, esconde omite)	3	5	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
União não valeu												
título (casamento sem final feliz)	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
esporte sem alma - 1 3												
(de risco, ambiente de total frieza, impossível assistir, continuará perigosa)	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
circo dos horrores 1 1 2												
(coliseu/circo romano, circo da morte, provas macabras, fórmula da morte)	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-
negligência 1 1												
(desdenha segurança)	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
carniceiros -												
(abutres tem fome)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
subtotal	7	8	15	1	0	1	2	1	0	0	0	0
TOTAL												
GERAL 10	8	15	1	0	1	2	1	0	0	0	0	0

Usos da Negação

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Jun- ao Out	Nov	Dec- Mar	Abr- Mai
Usos da Negação NÃO												
morrer	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
admitir	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
conter	1											
ver	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ir/voltar	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-
substituir (pretender ocupar)	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
negar	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
descansar												
imaginar	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
entender	-	-	-	2								
esquecer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
estar	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ter	3	2	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-
(mito não tem o direito de morrer uma vez só, não teve receio de revelar sua fé)												
errar	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
vibrar	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
conseguir	2	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
completar	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ser	-	2	1	-	3	2	-	-	-	-	-	-
querer	2	2	1	1	1	-	3	-	-	-	-	1
fazer	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
acreditar	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
escapar/resistir	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
saber	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
haver (existir)	2	2	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-
chegar	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
procurar (substituto)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
crer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
importar	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
impor	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
achar (encontrar)	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
deixar (enterrar)	1	1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-
só, somente apenas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
descansar	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

cont.

Dias	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º ao 31º	Jun- Out	Nov	Dec- Mar	Abr- Mai
desacelerar l	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
correr	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
estar	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
colocar l	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
parar	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
podcr	-	2	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-
temer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
divulgar	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
descartar	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
decidir	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
tirar	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
conter	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
convencer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
dever	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
gostar	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
faltar	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
admitir	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
esperar	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
adiantar-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
cicatrizar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
subtotal	25	26	10	12	18	6	9	4	0	1	0	3
NUNCA	5	2	-	-	1	2	1	-	-	-	-	2
ser												
poder												
assistir												
querer												
ir												
ninguém												
(duplo negativo)												
NEGA	1	1	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-
problemas												
suspeitas												
JAMAIS	-	3	-	-	4	-	-	1	-	-	-	-
substituir, ser igual, sensação jamais desvendada, o esqueccrá												
NINGUÉM	1	2	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-
pode substituir												
NADA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
TOTAL												
GERAL	32	34	14	13	24	9	10	5	0	1	0	7

Citações de diversas pessoas e fontes sobre Senna

QUEM FALA

COLEGAS/RIVAIS: 91 Citações

PERSONALIDADES BRASILEIRAS:

Artistas (atores, cantores e escritores): 11
Esportistas: 28
Políticos: 19
Empresários e sindicalistas: 14
Profissionais liberais: 3
Presidente torcida organizada Ayrton Senna (TAS): 1
TOTAL: 76 Citações

POVO/ANÔNIMOS/TORCIDA NO MARACANÃ: 19 Citações

PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS:

Políticos: 3
Rádio/Jornais/Revistas/TV: 14
Presidente Comitê Olímpico Internacional: 1
TOTAL: 18 Citações

RESPONSÁVEIS PELA F-1 (diretores organizações e donos de equipe): 18 Citações

EX-NAMORADAS: 12 Citações
(e mãe de ex-namorada)

FAMÍLIA DO PILOTO: 9 Citações

PERITOS/ OPINIÕES TÉCNICAS: 6 Citações

Hagiolatria

Mito	2
(mítico)	
Herói	2
astro	1
mágico	1
gênio	2
um mestre	1
vencedor nato	1
mágico pilotando	2
luta	4
(batalha)	

Hagiolatria cont.

marcou sua biografia pela luta	1
conquista	2
vitória	19
(vitorioso)	
(vence, ganha)	
adversário	4
(inimigo, desafetos, rival)	
vingança	1
"7ª maravilha do mundo"	
era como se ele tivesse quatro mãos e quatro pernas	2
campeão	19
Santo	
misticismo/	8
religiosidade	
(referências a Deus)	
"Ayrton tinha uma missão"	1
hoje o Senna perdoa tudo	1
vai nos ajudar de todas as maneiras, de onde ele estiver	1

Ídolo 20

Mártir

(martírio)
sacrifício 9
(sofrimento
sofreu, sofrido)

Rei 0

TOTAL
GERAL 105

Homenagem

Homenagem 3
(homenagear/homenageiam, dedicam)
(oferece, enaltece, exalta)

Honrarias
luto oficial 4
(3 dias)

Os emocionados
fãs 5
(torcedores, admiradores)

TOTAL
GERAL 12

Morte/Finitude

Morte 62
(morre, morreu,
morreram, *death*, *muere*)
(faleceu, falecido)

Materialidade
corpo 3
(=cadáver, defunto)
não havia diferença entre o ombro e o pescoço 1
parte superior do corpo era como uma pirâmide 1

Adjetivos
vencedora 1
trágica 5
(tragicamente)
brutal 2
violenta 1
fatal 4
desgraça 1
estupidez 1
absurdo 3

Ritualização
missa 2
(oração, reza)

Despedida
adeus 0
(*adieu*, *ciao*, *vai com Deus*, *despedida de um sonho*)

Saudade 1

Memória 3
(lembrança, lembrado)

Finitude
última (o) 3
(penúltima)
nada que se faça vai trazê-lo de volta 1
a morte de Senna mostra como a vida é real 1

Celebração
aniversário da 0
morte, celebração póstuma

TOTAL
GERAL 96

Vida/Eternidade

Existência

vida	17
(vivo, vive, continua vivo, vida trepidante)	
sobrevive	1

Permanência

está no coração	1
de Deus	
continua e vai continuar	3

Recusa da morte

(Metonímias/Metáforas)

parece que só saiu desta corrida e que na próxima voltará	1
inacreditável	3
queria voltar no tempo	2
parece ontem (de tão fresco na memória)	1

Eternidade

sempre	11
(para sempre, <i>pour toujours</i> , permanece, fica, sempre vivo em nossos corações)	

TOTAL	
GERAL	40

Culpabilidade

Crime

assassina	4
(assassinato, homicídio, criminosos, crime, cadeia)	

mata	5
(matou, mataram)	
vítima	1

Culpa	0
--------------	---

Especialistas	0
----------------------	---

TOTAL	
GERAL	10

Causalidade

Material

razões

falha	8
(mecânica, quebra da suspensão, insegurança do carro, problemas técnicos)	
óleo na pista	1
curvas mortais	1
máquinas atuais	
quase incontroláveis	1
ondulações no asfalto	1
(estado da pista, ressalto na pista)	
acidente	38
(batida, desastre)	
pressão obrigou a correr	3
(sem condição emocional, abalado emocionalmente)	
falta de força política dos pilotos	1

subtotal	54
----------	----

Destino

fatalidade	2
acidentes foram advertências	1
Nada pode me separar do amor de Deus	1
parece que ele estava prevendo	1
mau pressentimento	4
(tive um pressentimento ...parecia um aviso; estava intuindo do que alguma coisa ia acontecer)	
A diferença	1
entre a vida e a morte...golpe de sorte	
ele não queria correr	1

subtotal	11
----------	----

TOTAL

GERAL	65
-------	----

Ufanismo

Pátria	24
Brasil	29
brasileiro (a/s)	
país	2
(=Brasil)	
nacional	6
(nacionalismo)	
nação	2
povo	4
(brasileiro)	
Objetos	
bandeira	1
(do Brasil)	

TOTAL
GERAL 68

Privação/Perda

Privação

perde 23
(perdeu, perdemos, paixão perdida)

fica sem 22
(sem herói, 1 semana sem, 1 ano sem, sem campeão, sem graça)

vitória sem satisfação 2
vazio 2

carente 1
irreparável 2
insubstituível 3
único 8
sem sentido 9

(não tem mais sentido)
"não vejo ninguém que possa substituí-lo a altura" 1

está fazendo falta 2
representa um buraco enorme na história do esporte mundial 1
um dos poucos orgulhos do país 1
levou parte da esperança de nosso povo 1
entristece um país com tanta miséria e tão poucos símbolos 1
o país vive machucado, precisa ter forças 1

TOTAL
GERAL 80

Emoção/Comoção

Comoção

transtorno 15

(transtornado(s)), estado de choque (chocado),desesperado, consternado, sofrimento não acaba, desolado, impossível verbalizar, arrasado, abalado, impacto, devastado, perplexa, passou mal

Emoção 11

tristeza, sofrimento, dor, aperto no coração, lágrimas (incontidas), angústia, lamento, choro (chora, choram)

Revolta

protesta 2

indignado, incapacidade de aceitar

Histeria

aplausos 0

gritos, se atira no chão

Reverência

luto 1

(enlutando), condolências, solidariedade, respeito, consola, sensibilizados, pesar

Silêncio

não sei o que dizer 3

não tenho condição de cantar 1

Amor

admiração 16

orgulho, agradecido, conforto, satisfação, prazer

Alegria 0

Suicídio 0

Surpresa 0

Geral

O Brasil está de luto 1.

TOTAL

GERAL 50

Oxímoro

Oxímoro

este esporte miserável que amamos 1

última 1
contribuição a própria vida

TOTAL

GERAL 2

Consumo

Consumo

aquela música foi um casamento perfeito entre o piloto e a melodia 1

TOTAL

GERAL 1

Espetáculo

Espetáculo

o maior/um dos maiores 12

(... da história, destaque do ano, ídolo do esporte mundial, dos campeões)

o melhor 27

o mais 6
(veloz, horrível, brilhante)

do planeta 1
mundo inteiro 31
(todo, mundial,
mundialmente)

milhões 2
(milhares, mais de um milhão)

espetáculo 3
(espetacular, tiraram a evolução para promover o espetáculo)
"Niki Lauda sobreviveu a um dos acidentes mais espetaculares da F-1" 1

o astronauta brasileiro 1

importante que o maior número de pessoas soubesse 1

99% das coisas que diziam sobre ele não eram verdade 1

TOTAL

GERAL 86

Espelho

Espelho	
"meu nome era igual o dele" (Silva)	1
motivo de alegria deste povo acostumado às más notícias	1
enchia nossos corações de alegria	1
exemplo de estímulo e maior união para o povo brasileiro	3
exemplo de tudo que gostaríamos em nossos filhos	1
engrandeceu o nome do país	1
mostrou o nosso talento para o mundo	1
querido e importante era um exemplo que incentivava	1
demonstrou ao mundo a capacidade de uma gente	1
luta...para glorificar a imagem de nosso país	1
símbolo de garra e coragem era um exemplo para o povo brasileiro	2

TOTAL	
GERAL	14

Senna

Sinônimo de A. Senna

Nomes

Ayrton Senna	27
Ayrton Senna da Silva	1
Senna	11
Ayrton	14
Beco	1
Da Silva	1
menino	2

Senna cont.

**Parentesco
com Senna**

órfão de Senna	1	
(Senna como um pai)		
(Brasil ficou órfão)		
filho que nunca teve	1	
"era uma pessoa que fazia parte da nossa família"	1	

Valoração

Positiva

maior virtude era correr acima dos limites	1	1
jovem		5
corajoso	2	
(com garra, coragem)		
honrado	1	
(caráter)		
profissional		1
veloz		3
obstinado		1
brilhante	1	
líder		1
grande pessoa		1
fora-de-série		1
encarnava paixão pelo esporte	2	
(paixão pura)		
amigo		12
supremo talento	1	
boa índole	1	
exemplar	11	
símbolo nacional	1	
humildade	2	
determinação	2	
não queria se promover, deu dinheiro para obras sociais de forma anônima		1
subtotal	101	

Valoração

Negativa

incompreendido	1	
nunca fez muitos amigos	1	
temperamental	1	
"pensa que pode se matar porque acredita em Deus"	2	
não é honesto	1	
traiu	1	
meio selvagem	1	
estranho e bizarro	1	

TOTAL

GERAL 110

Fórmula 1/Escuderia

Valoração**Positiva**

0

Valoração**Negativa**

Mercadores da morte

1

gananciosa

4

(grana fala mais alto, negócio acima do esporte)

irresponsabilidade

4

não tem respeito pela vida

2

misseis na pista

1

"uma dessas aberrações da sociedade de consumo" 1

TOTAL**GERAL**13

Usos da Negação

Usos**da****Negação****NÃO**

morrer

3

só

2

ver

6

substituir

2

conhecer

1

conseguir

4

acontecer

2

interessar

2

ser

15

adiantar

1

poder

4

ter

19

escutar

1

chorar

1

poder falar (se)

2

cair na real

1

mudar

1

imaginar

2

sair

1

esquecer

1

querer

3

existir

2

entender

1

Usos da Negação cont.

haver	8
assistir	2
sentir	3
medir	1
interessar	1
suspender	1
dever	1
chegar	1
interromper	1
deixar	1
saber	3
por erro	2
fazer	1
pelo acidente	1
estar	5
tentar	1
gostar	1

subtotal 111

NUNCA

mais será a mesma 1
mais sentarei num F-1 2
mais vou assistir 1

JAMAIS 6

nascera outro igual, existiu, espera ter, se referiu ao país de forma negativa, não morre jamais
NINGUÉM 1

NADA 8

TOTAL

GERAL 130

As Citações de Senna

Hagiolatria

Mito

Herói

vitória, vencer	14
ganhar	7
competir	1
luta	1
impossível	3
imponderável	1
imprevisíveis	1

as expressões de Senna são:

viciado em emoções fortes	1
gosto da criatividade, do fator surpresa, do imponderável, do desafio	1
a motivação é mais forte do que minha cabeça (=razão).	1
faz parte da minha natureza, do meu caráter, da minha personalidade.	
está no sangue	1
um cara privilegiado	1
desde os 4 anos estou exposto ao risco	1
preciso estabelecer meus próprios limites. Quando alcanço, quero logo superá-los	1
se depender de mim esgotarei os adjetivos do dicionário	1
luto com todas as minhas forças, quero a perfeição	1
canalizo todas as minhas energias para ser o melhor do mundo	1
pilotar é a minha paixão, eu carrego essa paixão no sangue.	1
vivo intensamente tudo o que me ponho a fazer	1
ganhar é como uma droga	1
guiar a mais de 300 é demais, tudo só depende de mim...	1
vencer ... é tudo o que você pode esperar	1
só boto o fundilho no carro quando acho que posso enfrentar os adversários de igual para igual e vencê-los.	1
sempre fui um cara privilegiado. Num país pobre, nasci rico. Vencer é uma obrigação para mim...	1
com os japoneses aprendi o significado da lealdade, sentimento que envolve honra e que eleva o ser humano	1
só sento num carro para ser o primeiro	1
é claro que vou querer bater todos os records	1
geralmente quando se é arrojado se comete erros ... não acho que é o meu caso	1
quando eu era criança minha cabeça já era de profissional	1
liberdade é pilotar...	1
preciso estar mais perto possível da perfeição...	1
em condições normais corro para vencer. Nas impossíveis também sou páreo.	1
um mínimo erro pode causar um acidente. É bom para treinar reflexos e concentração.	1
como os toureiros antes de entrarem na arena, ele se encomendava a Deus antes das corridas	1
as vezes tento superar os feitos de outras pessoas. Mas acho muito melhor superar os meus próprios limites.	1
só consigo vencer em condições anormais	1

Hagiolatria cont.

dedico este título a todos aqueles que lutaram contra mim no ano passado. Eles me machucaram muito. Mostrei quem é o campeão. 1

subtotal 58

Santo

Deus 7

as expressões de Senna são:
religiosidade/misticismo

na pista podia transformar-se em visionário 1

(vitória) foi Deus quem a deu para mim

Deus sempre olhou por mim

o acidente ... me levou para perto de Deus

Só Deus (perto)

estava concentrado numa curva quando vi a imagem de Jesus... era tão grande 1

em nome de Deus não existe o impossível. Ele é a fonte da vida. Ele criou tudo aquilo que vemos e sentimos.

vi Jesus ... era imenso 1

as orações me transmitem calma e tranqüilidade (/serenidade) 2

tenho encontrado todas as respostas na palavra de Deus

meu anjo da guarda é forte 1

me deixo levar pelo misticismo. Comprei um par de luvas e desde então já bati com o meu carro três vezes. 1

subtotal 14

Ídolo

preciso fazer algo especial na F-1, todo ano alguém vence um campeonato, eu procuro algo além disso 3

subtotal 3

Mártir

sacrifício 1

fórmula 1 é sacrifício e só quem se entregar a ela como sacerdócio chegará ao sucesso

subtotal 1

Rei 0

TOTAL

GERAL 76

Homenagem

Homenagem

Honrarias

Os emocionados

TOTAL
GERAL 0

Morte/Finitude

Morte
morte 3

as expressões de Senna são:
a morte faz parte da minha vida, sempre fez
talvez ... a morte esteja sempre próxima
tenho medo de morrer e mais da dor, mas aprendi a conviver com ele

Materialidade

Adjetivos

Ritualização

Despedida

Saudade 4
tenho saudade da infância

Memória

Finitude
como em tudo na vida, vão-se as pessoas, mas as idéias ficam
meu maior erro ainda está para acontecer 1

TOTAL
GERAL 8

Vida/Eternidade

vida, vive, vivo 15
sempre 10

as expressões de Senna são:

a chama do meu sonho não se apaga 1
meu futuro é infinito 1

quero viver um pouco mais, curtir um pouco mais a vida.

me sinto cheio de vida quando estou num carro em alta velocidade

TOTAL
GERAL 27

Ufanismo

Pátria

Brasil 6
brasileiro (a) (s) 3
povo 2

as expressões de Senna são:

longe do Brasil as vezes entro em profunda depressão

mulher tem que ser bonita, atraente e inteligente como as brasileiras

até hoje é uma grande dificuldade para mim a distância do meu canto, que é o Brasil, meu lugar, minha terra.

saudade é estar longe do Brasil...é estar longe, muito longe do meu povo. Nesses momentos eu realmente sinto saudade.

Objetos

TOTAL
GERAL 11

Privação/Perda

TOTAL
GERAL 0

Emoção/Comoção

quando vejo a galera vibrando na reta, sinto grande emoção
tenho que corresponder ao entusiasmo com vitórias

TOTAL	
GERAL	1

Oxímoro

TOTAL	
GERAL	0

Consumo

TOTAL	
GERAL	0

Espetáculo

(o) maior	3
(o) melhor	5
mais	15
máximo	2
mundo	4

as expressões de Senna são:

fãs, autógrafos, tudo é irreal

eu, o esportista mais popular do Brasil? É uma vitória inesperada, que me motiva mais ainda.

prometo sempre muita emoção, seja felicidade ou frustração. Não tem meio termo comigo. Ou vai ou racha.

TOTAL	
GERAL	32

Espelho

O Brasil sempre foi bom em F-1. Mas com as dificuldade que o povo sente, talvez minhas vitórias tragam algum alívio

TOTAL
GERAL 1

Senna

Auto-referências (explícitas)

eu	25
meu(s)	20
minha	17
mim	13

subtotal 75

Auto-avaliação

Valoração

Positiva

sou uma pessoa honesta... não lido com a desonestidade

Valoração

Negativa

sei que tenho um defeito, o de ser muito exigente com as pessoas que participam de minha vida

TOTAL
GERAL 77

Fórmula 1/Escuderia

Valoração

Positiva 0

Valoração

Negativa

o ambiente na fórmula 1 não me agrada

basta aparecer um piloto jovem e talentoso que todo mundo quer derrubar. A fórmula 1 é nojenta.

na fórmula 1 a competição é muito grande e a lealdade praticamente não existe.

o grande problema é que na fórmula 1 não há lugar para erros

tirar toda a eletrônica foi um erro. Os carros estão velozes e difíceis de guiar. Vai se um ano com muitos acidentes.

TOTAL
GERAL 5

Usos da Negação

Usos da Negação

NÃO

não tenho ídolos

não me sinto o maior ídolo brasileiro

não me sinto tão importante assim

não faz diferença para mim quem vem em 2º, 3º ou 4º.

a chama do meu sonho não se apaga (eternidade)

(rival) dissimula, faz intrigas e não é honesto para chegar onde quer

não seria verdade se dissesse que estou tranqüilo

minha motivação não é o dinheiro

há muito tempo não levo um 'não' de uma mulher

ele (colega) não tem equilíbrio

não encontro razão para me satisfazer com 2º ou 3º lugar.

a vida na fórmula 1 não é real para mim

(tudo só depende de mim) não tem mecânico, nem torcida...

não vejo a hora de começar o campeonato

não esqueça de uma coisa: eu sou forte, muito forte

o ambiente da fórmula 1 não me agrada

as drogas não estão com nada

se você vai competir e não tem possibilidade de ganhar está perdendo tempo

não aceito comentário negativo de ninguém, exceto de meus pais

é frustrante largar ... sabendo que não tem chance de vencer

sou canhoto e não sou burro

a competição é muito grande e a lealdade não existe

o dia em que não estiver mais a fim de vencer, vou para casa

quando se é arrojado se comete muitos erros ... não acho que seja o meu caso

não há lugar para erros

(dinheiro) quem não tem está louco para ter, quem tem está cheio de problemas por causa dele

os dirigentes são responsáveis pela falta de segurança, não os pilotos

não tem meio temo comigo

em nome de Deus não existe o impossível

liberdade é pilotar ... sozinho, sem ninguém no autódromo...

não tinha outra opção

(medo) algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo, outras aprendem.

subtotal 32

NUNCA

eu nunca considero a possibilidade de um acidente 2

nunca me machuquei 1

nunca pedi desculpas para aquele cara 1

JAMAIS 0

NINGUÉM 1

...ninguém perto, só Deus

NADA 0

NENHUM 1

nenhum piloto gosta de bater em muros

subtotal 6

TOTAL

GERAL 38

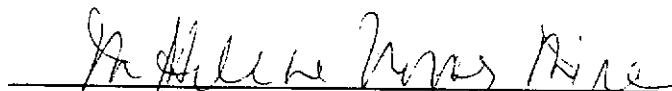
NOTAS

- 2 Encontra-se disponível no ANEXO 1 toda a diagramação das imagens publicadas em páginas externas. São apresentados os dados percentuais individualizados.
- 3 O material utilizado para análise nesta parte foram as manchetes, os cabeçalhos, os títulos, subtítulos e as legendas das fotos. Estes foram escolhidos por serem os textos que são mais enfatizados e buscam seduzir o leitor para a leitura das matérias.

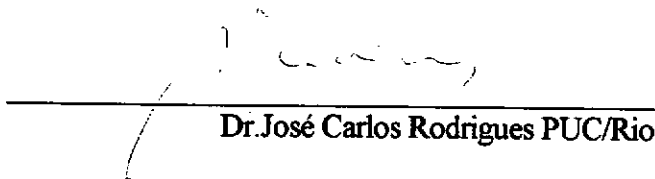
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Marilda Bentes Pessoa, intitulada "*A Morte de Imortais - Espetáculo de Mitificação e Consumo - Um estudo das representações da morte na mídia contemporânea para uma contribuição ao estudo do imaginário social brasileiro*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Dra. Monique Rose Aimée Augras - PUC/Rio



Dra. Maria Helena Novaes Mira - PUC/Rio



Dr. José Carlos Rodrigues PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 29 de março 1996.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas